

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**AUTOMUTILAÇÃO:
UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ESTATUTO DO CORPO
EM UM CASO DE ESQUIZOFRENIA**

Andréa Franco Milagres

Belo Horizonte

2003

Andréa Franco Milagres

**AUTOMUTILAÇÃO:
UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ESTATUTO DO CORPO
EM UM CASO DE ESQUIZOFRENIA**

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em psicologia.

Linha de Pesquisa: teoria psicanalítica

Orientador: Prof. Dr. Antônio Márcio Ribeiro Teixeira

Belo Horizonte
Faculdade de Ciências Humanas da UFMG
2003

150 Milagres, Andréa Franco
M637a Automutilação [manuscrito] : uma investigação sobre o
2003 estatuto do corpo em um caso de esquizofrenia / Andréa Franco
Milagres. - 2003.
122 f.
Orientador: Antônio Márcio Ribeiro Teixeira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Esquizofrenia - Teses. 3. Automutilação - Teses. 4. Psicoses - Teses. I. Teixeira, Antônio Márcio Ribeiro. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Mestrado em Psicologia

A Dissertação "*O estatuto do corpo na esquizofrenia a partir de um caso de auto-mutilação*"

elaborada por **Andréa Franco Milagres**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Belo Horizonte, 18 de julho de 2003.

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Dr. Antônio Márcio Ribeiro Teixeira
(Orientador)

.....
Prof. Dra. Maria Elisa Parreira Alvarenga Long

.....
Prof. Dr. Marcus André Vieira

Para Augusto e Felipe, pequenas
luzes do meu caminho.

Agradeco

A meus pais, cada um ao seu estilo, mas sempre muito perto de mim,
A meus filhos, Augusto e Felipe, pela paciência infinita de terem uma mãe que faz mestrado e por suportarem a solidão em que estive com minha escrita,
Ao Zé, por ter um dia surgido para iluminar a minha vida e com quem espero ficar bem velhinha,
Ao Antônio Quinet, que me puxa quando o desejo escorrega,
À Márcia Maria Rosa, pelas preciosas intervenções na qualificação que me permitiram dar um novo rumo à dissertação,
À Maria Regina Fernandes Cardoso, pelo carinho com que me recebeu para conversar sobre topologia,
Ao Antônio Teixeira, meu orientador, que um dia me disse que toparia acompanhar meu trajeto de pesquisa, onde quer que eu fosse,
A Jack e Bete, fiéis escudeiras presentes nos bastidores da vida doméstica,
Ao Sr. Padovani, pelo cuidado com a revisão do texto,
À Moni e Walid, pela disponibilidade em auxiliar-me nas opacidades da língua francesa,
Ao Fernando Telles, que conhece os caminhos da política e ajudou-me a passar por tortuosas trilhas,
À Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em especial ao Sr. Paulo Lott, sem o qual esta dissertação jamais teria sido possível.

RESUMO

Tomando a teoria e a clínica psicanalítica como interlocutoras investigamos o estatuto do corpo em um caso de esquizofrenia a partir de reiterados episódios de automutilação. Partimos da concepção do corpo inicialmente despedaçado, que só virá organizar-se através da identificação especular, fornecendo-lhe uma forma ortopédica. Em seguida constatamos que se a consistência desse corpo é sempre imaginária, será necessária a presença de um Outro simbólico para regular a relação do sujeito com a própria imagem e com seu outro. Trata-se da entrada da Lei, que fazendo uma subtração ao nível da carne, interditará o acesso do sujeito ao corpo como vivente. Doravante, o acesso ao gozo do corpo só se fará por vias indiretas; ou pelo reconhecimento da imagem ou pelas zonas erógenas definidas a partir das hiências corporais. Em torno destes orifícios a pulsão organizará seu circuito, procurando contornar o objeto para sempre perdido. O caso apresentado questiona este trajeto pulsional, mostrando-nos um curto-circuito, visto que na esquizofrenia não podemos falar desta subtração. Temos assim um corpo em excesso e as sucessivas tentativas por parte do sujeito de proceder a uma negativização do gozo.

Discutimos a relação ao corpo a partir do romance de Marguerite Duras, *O Arrebatamento de Lol V. Stein*, onde temos um sujeito que perdeu seu corpo e para reencontrá-lo fabricará o que se chamou “ser-a-três”, podendo assim localizar seu corpo e seu gozo. Abordamos também um recorte de *Um retrato do artista quando jovem*, de James Joyce, especificamente o episódio da surra, onde Stephen Dedalus nos apresenta uma relação de indiferença com o corpo, a ponto de não guardar nenhum ressentimento daqueles que o surraram. Tal indiferença não passará despercebida a Lacan, visto ser o corpo uma forma adorada, que não pode deixar de suscitar afetos.

Finalmente procuramos a partir da topologia de superfícies trabalhar o caso ao qual demos o nome de Eduardo, na perspectiva de um corpo onde não podemos falar de superfície moebiana ou mesmo tórica, pois que estas superfícies implicam respectivamente, um borda onde há uma continuidade entre o dentro e o fora, entre o avesso e o direito deste corpo. Por outro lado, as extrações que impõe ao corpo poderiam também ser compreendidas como tentativa última de fundar uma superfície corporal, visto que toda superfície se demarca por um furo.

Procuramos abordar os três casos referidos (Lol, Joyce e Eduardo) a partir da topologia dos nós, onde nos foi possível constatar nos dois primeiros alguma amarração entre real, simbólico e imaginário, realizada pelo viés daquilo que Lacan chamou o quarto elemento ou o Sinthoma. No caso de Eduardo não encontramos qualquer trabalho similar de enodamento, fazendo-nos concluir que sendo o imaginário o registro da consistência, e estando ele solto, nada mais se mantém.

Palavras-chave: psicose, esquizofrenia, corpo, automutilação, Sinthoma.

RÉSUMÉ

Nous avons procédé à l'investigation du statut du corps dans un cas de schizophrénie avec des successives 'automutilations', tout en prenant la théorie et la clinique psychanalytique comme interlocutrices.

En partant de la conception de ce corps morcelé, dont l'unification ne pourrait se faire que par l'événement du Narcissisme, nous avons constaté combien nécessaire se faisait la présence de l'Autre symbolique, afin de régler la relation du sujet avec son image et avec son autre.

L'entrée de cet Autre symbolique, c'est l'entrée de la Loi: en faisant une soustraction au niveau de la chair, elle va interdire tout accès du sujet au corps, en tant qu'être vivant.

Desormais, l'accès à la jouissance du corps ne sera possible qu'à travers deux voies indirectes: soit par la reconnaissance de l'image, soit par le biais des régions érogènes, définies à partir des orifices corporels.

C'est d'ailleurs, autour de ces orifices que la pulsion tiendra son circuit, tout en contournant l'objet à jamais perdu.

Ce cas précis remet à mise-en-question du parcours de la pulsion, en court-circuit, d'autant plus qu'il est impossible d'envisager la soustraction, puisque nous parlons de schizophrénie.

Nous avons abordé, ensuite, la relation sujet-corps, à partir du roman de Marguerite Duras, *Le Ravissement de Lol V. Stein*, où un personnage, le sujet, perd son corps. Pour le rencontre, il forge un "être-a-trois", et dans cette relation il retrouve, pas seulement son corps, mais aussi sa jouissance.

Dans un autre passage, extrait de James Joyce, le personnage Stephen Dedalus reste indifférent, devant ses agresseurs. Plus encore, il ne leur porte pas de rancune. Cette indifférence ne passera pas inaperçue à Lacan: «cette apparence du corps humain, les hommes l'adorent, ils adorent en somme une pure et simple image.»

Dans ces trois cas (Lol, Joyce, Edouard) nous avons cherché les apports de la topologie de surface et celle des noeuds. Dans les deux premiers, nous avons constaté une certaine liaison possible, entre le réel, le symbolique et l'imaginaire, réalisée par le biais de ce que Lacan a nommé le Sinthome.

Cependant, dans le cas précis nous n'avons trouvé d'Edouard, aucun travail de liaison similaire. Nous pouvons, donc, conclure qu'étant lui-même la consistance, l'imaginaire, une fois détaché plus rien pourra se maintenir.

Mots- clé : Psychose, schizophrénie, corps, automutilation, Sinthome.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I O CASO EDUARDO E SUA EXPERIÊNCIA COM O CORPO.....	19
CAPÍTULO II O CORPO NA PSICANÁLISE.....	38
2.1. O Corpo Imaginário.....	44
2.1.1. <u>O Narcisismo em Freud.....</u>	44
2.1.2. <u>O Estádio do Espelho em Lacan.....</u>	54
2.1.2.1. <u>O Estádio de Espelho: a autonomia do imaginário.....</u>	54
2.1.2.2. <u>O Estádio do Espelho e o esquema ótico: subordinação do imaginário ao simbólico.....</u>	56
2.1.2.3. <u>O Estádio do Espelho: encobrimento da falta fálica e a manipulação do objeto a.....</u>	62
CAPÍTULO III O CORPO PARA ALÉM DO IMAGINÁRIO.....	73
3.1 O corpo na topologia de superfícies e na topologia dos nós.....	73
3.2. O caso Lol. V. Stein e o corpo à deriva: clínica do ravisement (arrebatamento).....	88
3.3. Joyce e o corpo indiferente: o episódio da surra.....	99
4 CONCLUSÃO.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117

INTRODUÇÃO

O corpo e seus fenômenos: ser um corpo e ter um corpo

Jaspers (1965) nos faz uma importante observação preliminar a respeito das alterações da consciência corpórea quando aponta um certo paradoxo relativo ao corpo. Ele nos diz que temos uma consciência do corpo, de sua existência, mas, ao mesmo tempo, podemos vê-lo com os olhos e tocá-lo com as mãos: “o corpo é a única parte do mundo que se sente – na superfície se percebe por dentro. É para mim, um objeto e eu sou este mesmo corpo. Sem dúvida, como me sinto como corpo e como me percebo como objeto, são duas coisas diversas mas indissolivelmente ligadas”. Trata-se, portanto, de uma experiência comum ao campo humano e não restrita à psicopatologia. Prova de veracidade sobre a questão é encontrada nos testemunhos a respeito de nosso corpo: dizemos corriqueiramente que *temos* um corpo e não que *somos* um corpo. Todavia, continua Jaspers, é muito variável o critério a respeito da unidade ou do distanciamento entre nós e nosso corpo. Na observação médica, por exemplo, há um distanciamento máximo, já que as dores são apenas sintomas e o corpo é como um objeto estranho de constatações anatômicas. Embora numa unidade de fato indissolúvel, consideramos o corpo como a roupa, como distante de nós e de forma alguma idêntico conosco. Essa consciência da existência do corpo, segundo Jaspers, constitui um fundo

normal que não se nota e nem se alenta, e que é indiferente, podendo no entanto sofrer modificações extraordinárias.

Uma observação detalhada há muito realizada pela psiquiatria clássica nos forneceu descrições importantes das alterações da consciência corpórea, assim distinguidas (JASPERS, 1965):

- a) *Nos membros amputados*, onde o esquema corpóreo permanece após uma amputação;
- b) *Nos distúrbios neurológicos*, onde a capacidade de se conhecer o lugar de um ponto estimulado na superfície do corpo, como, por exemplo, o lugar de um membro, acha-se abolida em algumas partes ou no corpo todo, indicando perturbações na orientação (insegurança, vertigens, sensações de queda);
- c) *Nas sensações corpóreas, nas percepções da forma do corpo e nas alucinações dos sentidos corpóreos*. Este ponto nos interessa particularmente ressaltar, visto serem fenômenos amiúde encontrados nas psicoses e assim subdivididos:
 - *Alucinações dos sentidos corpóreos*, onde encontramos falsas percepções térmicas (o piso está queimando) ou táteis (o vento frio sopra nos doentes, eles sentem ferroadas), alucinações musculares (o piso se levanta e se abaixa, os doentes se sentem leves como pena, acreditam fazer movimentos quando na verdade estão imóveis, sentem sua própria fala sem falar etc.).
 - *Sensações vitais*, onde os doentes sentem-se petrificados, encolhidos, cansados, vazios, ocos ou entupidos; o doente sente-se como uma bolha de sabão ou sente que seus membros são de vidro. Jaspers refere-se ainda a uma grande variedade de sensações enigmáticas vivenciadas pelos esquizofrênicos e assim relacionadas:

- *Vivências corpóreas feitas*, onde os doentes percebem a ocorrência de sensações como vindas “de fora”, são levados a excitações sexuais, são violentados sexualmente, o ato sexual lhes é causado sem a presença de pessoas estranhas, arrancam-lhes os cabelos, os artelhos, etc.
- *Desfigurações vivenciadas do corpo*, onde o corpo cresce, torna-se mais forte, maciço e pesado, a cabeça e os membros incham, partes se entortam, membros ficam sucessivamente ora maiores, ora menores.
- O doente percebe o corpo no mundo externo como um segundo eu, fala com seu *sócia*.

No campo da psicanálise podemos encontrar constatações semelhantes com relação à concepção sobre o corpo. LACAN (1975-1976) à propósito do caso de Joyce, dirá que “a relação ao corpo não é simples para nenhum homem”(p.204), e que “nosso corpo, nós o temos; não se o é em nenhum grau”(p.207). Ele enfatiza:

É bem preciso que vocês se dêem conta daquilo que eu lhes disse das relações do homem com seu corpo e que se sustenta inteiramente nisso que eu lhes disse: no fato de que o homem diz que o corpo, **seu** corpo, ele o tem. Dizer **seu** já é dizer que ele o possui, que ele o possui como um móvel, bem entendido. E que isso não tem nada a ver com o que quer que seja que permita definir estritamente o sujeito. O sujeito não se define de uma maneira correta senão por aquilo que faz a relação, senão por aquilo que faz com que um sujeito seja um significante porquanto ele está representado para outro significante. (p.213)

Miller por sua vez, diz ter ficado impressionado por Lacan fazer questão de que se dissesse que o homem “tem” um corpo e não que ele “é” um corpo:

(...)acredito ter entendido o por que. É porque, para o homem, não se pode fazer equívaler ser e corpo, enquanto que para o animal isso é possível. O sujeito não pode se identificar com seu corpo, e é daí, precisamente, que vem a turgidez narcísica que atrapalha as suas relações com o mundo. Não podemos evitar o paradoxo do corpo humano vivo e falante. (MILLER, 1999:73).

Portanto, se para os animais é possível “ser” um corpo, é porque há uma identificação entre o ser e o corpo. Para os falantes, ao contrário, não há este tipo de equivalência. A entrada no mundo dos significantes desnatura e desarranja a relação “natural” com o corpo, introduzindo disfunções. O significante divide seu ser e seu corpo, reduzindo este último ao estatuto de “ter”. Para o ser humano então, o que particulariza seu corpo é o fato de que há acontecimentos que deixam seus traços, há coisas que se passam com ele; coisas imprevistas.(MILLER, 2000).

Apesar da convergência entre as descrições da psiquiatria e as concepções da psicanálise sobre a impossibilidade para o humano de se “ter” um corpo identificado ao ser, são os acontecimentos imprevistos referidos por MILLER (2000) que nos interessam para os fins em exame.

Mais além das ricas descrições fenomênicas relatadas por Jaspers com relação ao corpo próprio nas esquizofrenias, onde a *consciência corpórea* pode estar profundamente alterada, encontramos ainda em nossa experiência um outro tipo de relação com o corpo, surpreendente e enigmática.

Trata-se de um sujeito que faz um uso nada habitual do corpo e de seus respectivos órgãos; fato que não se refere necessariamente ou exclusivamente a uma experiência alucinatória. As descrições feitas por Jaspers, relativas à experiências concernentes às *vivências corpóreas feitas* ou *desfigurações vivenciadas no corpo*, e mesmo *a relação com um outro eu (sócia)*, no caso em exame não são registradas. Tomaremos como referência para os fins desta pesquisa o problema das automutilações e da inoculação de objetos estranhos nos orifícios corporais a partir do caso de um jovem, com diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia, onde os fenômenos típicos da psicose aparecem de forma bastante discreta, e os relatos alucinatórios são inteiramente episódicos. Não encontramos aqui formação delirante e sim uma formação

sintomática que passa pelo corpo. O tratamento inusitado que o sujeito dá ao corpo abre um amplo leque de questões, que gostaríamos de restringir para os fins desta pesquisa, limitando-nos a investigar o estatuto do corpo na esquizofrenia a partir deste acontecimento clínico ao qual temos denominado automutilação. Aqui caberia sem dúvida um aparte, visto que não se trata somente para o sujeito de produzir cortes no corpo, mas também de introduzir objetos nos orifícios, o que provavelmente nos coloca dificuldades ao denominarmos os dois procedimentos sob o mesmo título de *automutilação*. Seriam procedimentos homogêneos? Haveria aí propósitos diferentes?

Deparamos-nos então de saída com um problema na medida em que não existe uma teoria dos fenômenos corporais consistente correlativa à esquizofrenia, assim como há na paranóia. Schreber, caso paradigmático da paranóia no campo da psicanálise, certamente nos apresentou uma infinidade de fenômenos corporais num determinado período de sua moléstia, que não hesitaríamos em identificar como esquizofrênicos. Todavia, o que vemos em Schreber é um trabalho progressivo no âmbito do delírio que terá como efeitos uma paranoização e uma certa unificação do corpo a partir do significante d'A mulher ao qual procurará dar consistência. É assim que o encontramos diante do espelho com suas fitas coloridas, assistindo aos seus seios diminuírem e crescerem, experimentando uma sensação de volúpia sem precedentes. Schreber tratará dos transtornos corporais através da imagem, recurso capaz de retirá-lo do despedaçamento em que se encontrava submerso. No caso de nosso paciente, até onde nos foi possível acompanhá-lo, não há nem o recurso ao delírio nem o recurso à imagem. Desamparo do sujeito por um lado, na medida em que tentará dramaticamente operar alguma forma de tratamento do real do corpo sem imagem e desarticulado da função fálica e por outro, dificuldades de nossa parte na medida em que teremos de nos haver com a condução de um caso a partir de um referencial teórico não tão vasto e nem tanto disponível. Naquilo que nos toca há aí, diante do real desta clínica e do não-todo da teoria um certo risco sempre a

espreita: o de tomarmos diante destes impasses condutas desesperadas. Tomamos pois a escrita como recurso de nossa parte na tentativa de formalizar e precisar as inúmeras dificuldades impostas na condução deste caso. Trabalharemos com a hipótese de que o trabalho está para o analisante assim como a escrita está para o analista.

Nossa investigação advém a partir de inquietações oriundas do trabalho clínico, e procurará guiar-se pelo material recolhido da análise deste sujeito. Utilizaremos como procedimento metodológico o Estudo de Caso, caracterizado por Gil (1991:78-9) pelo estudo profundo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado sobre o mesmo: “Este procedimento se fundamenta na idéia de que a análise de uma unidade de determinado universo possibilita a compreensão da generalidade do mesmo, ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para investigação posterior, mais sistemática e precisa.” Cientes da impossibilidade de generalização dos dados obtidos com o estudo de caso constituir um impasse, optamos por adotá-lo acolhendo os riscos aí implicados, na medida em que é um método que se aplica com pertinência às situações em que o objeto de estudo já é suficientemente conhecido a ponto de ser enquadrado em determinado tipo ideal. Ainda segundo Gil, os inconvenientes do estudo de caso podem ser superados estudando certa variedade de casos, se tivermos algum conhecimento prévio do universo.

Sendo assim, no universo da esquizofrenia, selecionamos o caso de Eduardo para estudo, tomando-o como “caso extremo”. “A vantagem da utilização de casos extremos”, diz Gil (1991), “está em que podem fornecer uma idéia dos limites dentro dos quais as variáveis podem oscilar”.

Caso nossa seleção do caso se mostre adequada, é possível que as conclusões do estudo apresentem um valor elevado, permitindo-nos generalizá-los para todo o universo, com certo grau de confiança.

Assim é que esperamos, que o inusitado do caso em exame possa ser elevado ao nível da exemplaridade, permitindo-nos operar também em outros.

No primeiro capítulo abordaremos a história do paciente, a quem daremos o nome fictício de Eduardo. Para reconstruir sua história recorreremos ao material colhido do tratamento - freqüentemente interrompido e caracterizado por sessões pouco regulares, durante o período de quatro anos em que tivemos a oportunidade de acompanhá-lo. Além disto recorreremos igualmente ao prontuário de uma instituição para crianças e adolescentes, onde o sujeito iniciou tratamento após o primeiro surto, permanecendo aí portanto dos 12 aos 18 anos, de forma também irregular. Interessa-nos seu percurso nesta primeira instituição, visto que na ocasião os atos referidos ao corpo já se consumavam. Procuraremos tecer nossas considerações também a partir de entrevistas com alguns familiares, durante o período que chamamos 2º tratamento, onde se esboçam nuances importantes da trama familiar em que se insere Eduardo. Como não poderia ser diferente, utilizaremos também o material sobrevivendo das diversas supervisões e discussões clínicas sobre o caso, no seio da equipe de tratamento e mesmo na instituição psicanalítica onde tivemos a oportunidade de debatê-lo.

No capítulo II investigaremos o estatuto do corpo em FREUD (1914), a partir da concepção do Narcisismo, modificada por LACAN (1949) no seu Estádio do Espelho. Trata-se neste momento de um corpo imaginário, tomado em sua superfície e alcançado a partir das primeiras identificações. O Estádio do Espelho, funcionando por um lado como unificador das pulsões, e por outro, como matriz simbólica que permite o acesso ao campo da linguagem e do desejo, é o que certamente encontra-se comprometido no caso em questão. Interessa-nos trabalhar neste momento o estatuto do corpo enquanto imaginário, na medida em que fornece as bases para a formação do eu. Restará-nos o problema de averiguar em que medida a

ausência do eu, depreendido da relação com o outro especular, deixará o sujeito em absoluta suspensão, constantemente mergulhado no trabalho de tentar demarcar alguma fronteira entre o eu e o outro, e ao mesmo tempo, de encontrar um lugar no desejo do Outro que possa nomeá-lo.

O capítulo III será dividido em três partes, onde trabalharemos o corpo por um outro viés, a partir de algumas indicações de Lacan dos anos 60 e 70. Em *R.S.I* e em *O Sinthoma*, Lacan evocará o corpo não mais em termos de forma, e sim em termos de saco¹: o corpo é um saco com orifícios em que objetos vêm desempenhar seu papel, eventualmente “tampões”, o que permite entender que o imaginário agora não se reduz ao estágio do espelho ou à forma do corpo. O imaginário ganha novo estatuto, na medida em que está relacionado ao objeto a como consistência corporal (SOLER, 1998). Resta como questão o que fazer de seu corpo, quando não há imaginário que possa dar consistência ao saco com orifícios, por onde rondariam as pulsões.

Iniciaremos nosso percurso neste capítulo investigando as relações com o corpo a partir do instigante “caso” de Lol. V Stein, personagem de Marguerite Duras (1964) no romance “O deslumbramento de Lol. V. Stein”(DURAS, 1986). O livro de Duras foi comentado por Lacan em meados da década de 60, onde encontramos sem dúvida, um outro estatuto do corpo, não mais referido apenas ao aspecto imaginário. Trata-se evidentemente do caso de um sujeito psicótico feminino, cujo corpo encontra-se à deriva, desamarrado das coordenadas do tempo e do espaço, procurando num outro corpo alguma localização de seu gozo, alguma tentativa de ancoragem. Uma vez que Lol perdeu seu próprio corpo, ela quer presenciar como o corpo de outra mulher goza. Segundo Laurent (2000) há ai um dispositivo onde Lol ocupa uma posição

¹ “Essas pulsões em questão, diz Lacan, relevam da relação com o corpo. E a relação ao corpo não é para nenhum homem, uma relação simples. Além de que o corpo tem buracos; é mesmo, no dizer de Freud, o que teria colocado o homem na via, na via daqueles buracos abstratos, pois isso é abstrato, daqueles buracos abstratos que concernem à enunciação do que quer que seja” (p.204)

de quase *voyeur*; *voyeur* de um corpo que goza. Há uma paixão em tomar o corpo do outro emprestado: “sua paixão especial é de se agarrar, a partir daí, a um saber sobre o objeto de gozo”(p.72). É um arrebatamento não ligado à função fálica e sim ao objeto olhar, totalmente separado do apelo a qualquer laço fálico. Há em Lol uma espécie de perda do corpo, desde o

episódio do baile, onde a relação que estabelecia entre ela, seu noivo e uma mulher recém chegada ao baile é rompida com a entrada da mãe na cena, tendo como consequência uma errância. Lol vagará pela cidade e pelas ruas; sua tentativa será a de recuperar o corpo perdido. Esta cena montada por Lol implica necessariamente a presença de uma outra mulher, uma amiga de infância amando um homem: somente assim nossa protagonista poderá estancar sua errância.

Na segunda parte nos dedicaremos a trabalhar um recorte do caso Joyce. Trata-se especificamente do episódio relatado no “*Retrato do artista enquanto jovem*”, quando Joyce (1992), faz referência a uma surra que havia tomado dos colegas na escola. No entanto tal surra não lhe provoca qualquer sentimento, quer seja de ódio, dor ou revolta. Tal fato chama a atenção de Lacan (1975), que o comentará na perspectiva de um corpo desinteressado, desinvestido libidinalmente. Joyce testemunha aí algo de surpreendente, depois de ter recebido os golpes de vara dos colegas: é que seu corpo se desprega, se vai como uma casca. O impressionante é que Joyce estabelece uma relação com o corpo que não passa pela imagem. Seu corpo não é estimulado pela jubilação e sim pela dor. Todavia, a dor, ele a esquece; não guarda nenhum registro disso.(LAURENT, 2000:86). Como pode o corpo não suscitar afetos? Lacan dirá que esta forma do deixar-cair, do deixar-cair com relação ao próprio corpo é inteiramente suspeita para o analista, pois esta idéia de si como um corpo é algo que tem um peso. Se o ego é dito como narcísico, é que ele suporta algo do corpo como

imagem. Finalmente interrogará se no caso de Joyce, o fato desta imagem não estar implicada no momento da surra, não assinalaria a função totalmente particular do ego na ocasião. (LACAN, 1975).

A partir do percurso proposto, entraremos enfim na última parte, retomando o caso de Eduardo. Aí não encontramos nem o arrebatamento pela imagem do outro, verificado em Lol V. Stein, a partir da idéia de *Ravissement* (deslumbramento, de acordo com a tradução para o português), nem tampouco a saída de Joyce, que parece construir uma espécie de ego através da escrita, que faz a função de enodamento entre os três registros; real, simbólico e imaginário. Com Eduardo, a partir de seu uso inédito do corpo; ao produzir neste constantes sulcos, propomos a idéia de uma clínica do *Ravinement* (devastação). Resta-nos ainda a tarefa de pensarmos o problema da introdução de objetos nos orifícios corporais, avaliando se tais atos teriam o mesmo estatuto dos sulcos e cortes, visto que provocam semelhante devastação.

CAPÍTULO 1

O CASO EDUARDO E SUA EXPERIÊNCIA COM O CORPO

1.1 História do caso

O desencadeamento

Eduardo inicia seu primeiro tratamento psiquiátrico aos 12 anos, após ter sofrido um acidente num dia de forte tempestade, quando teria caído num bueiro aberto. Foi resgatado pela polícia e de lá para cá, nunca mais foi o mesmo. Relata que até então era normal, freqüentava a escola regular, era bom em matemática. A partir daí, conta a mãe, começou a apresentar alterações de comportamento, agressividade e dificuldades na escola. Pouco tempo depois, iniciam-se as alucinações verbais, sempre discretas. O sujeito pouco se refere a tal acidente, mas o demarca como uma ruptura, algo entre um antes e um depois.

O Primeiro tratamento (1990 a 1995)

Eduardo chega ao hospital psiquiátrico infantil em janeiro de 1990, portanto logo após ter completado doze anos. Já se encontrava há um ano em tratamento neurológico, com EEG e tomografia sem alterações.

No prontuário desta instituição consta que estava há três dias agitado, quebrando objetos, queixando-se “*incômodo na cabeça*”, e que deste incômodo, só a avó falecida há quatro anos poderia salvá-lo. O pai relata que Eduardo dormia balançando, não gostava de brincar com nenhuma espécie de brinquedo, tampouco com outros meninos. Aí encontramos breve referência a uma internação psiquiátrica sofrida por este pai, na década de 60, em função de

um “esgotamento”. Mais tarde, em uma entrevista, a mãe nos confirmará tal internação, dizendo que “Eduardo era igual a ele; tinham o mesmo problema”. O tratamento inicia-se então, e nos próximos meses, serão observados queda no rendimento escolar, recusa de ir à escola, contato pouco produtivo. Desde então uma observação perpassará toda sua história psiquiátrica: praticamente não evidenciará atividade delirante - alucinatória, raras serão as ocasiões em que fará referências a episódios de perseguição ou alucinações de qualquer natureza.

A inauguração do ato

Em 1992 encontramos o primeiro registro de introdução de objetos no corpo: enfiara pedaços de papel no nariz e um pedaço de *chicletes*. No mesmo ano o pai se interna para tratamento de uma doença grave, logo depois será aposentado.

Eduardo por vezes recorre ao plantão, apresenta queixas de dores no coração e no estômago, pede para “*ficar um pouquinho no hospital tomando soro porque não agüenta mais*”.

A repetição do ato

Em julho de 1993 encontramos relato do 2º episódio de auto-mutilação: fere-se no braço com uma *gilette*, quer ser internado; mas ao ver a ala, desiste.

Após este episódio é indicado tratamento mais sistemático, passa a freqüentar a instituição diariamente. Os ferimentos com *gilette* continuam repetindo-se, embora esteja calmo e em uso regular de medicação.

Na ocasião há relatos de “falas com temáticas agressivas (matar, cortar com faca, roubar), observando a reação de seu interlocutor”, e a presença de “frases de impacto, aguardando a reação das pessoas”.

Em fevereiro de 1994, numa situação de grupo, verbaliza o estado de saúde do pai, das cirurgias e de seu estado terminal. Sente “pena” e nada mais.

Um mês depois comparece com a mãe, irritado, com crises de choro, ameaçando agredi-la: “enfioi agulhas no braço e arrancou os pontos da cirurgia para retiradas das agulhas e com isto, houve infecção da ferida”. Nesta data a mãe informa que Eduardo “só apronta quando o pai não está; quando o pai está ele comporta direitinho”.

Em abril encontramos um registro sobre um telefonema da mãe, informando que Eduardo estava internado no CTI, pois uma das agulhas inseridas no corpo havia migrado até a membrana que envolve o pulmão, perfurando-o.² Quando de seu retorno ao tratamento, está abatido mas não faz nenhum comentário sobre o ocorrido. Só bastante tempo depois, em junho, em observação médica para possível retirada das agulhas é que mostrará grande necessidade de falar sobre o que faz e as conseqüências do seu ato (internação, inflamação no peito, dor, etc.). Aqui encontramos uma curiosa observação do médico assistente: “mais receptivo, me parece que o processo que o paciente tem passado – inflamação no tórax, possibilidade de internação para retirada cirúrgica das agulhas – fez com que Eduardo diminuísse suas ‘aprontações’.” Adjetivamos como “curiosa” a anotação, visto que Freud fará uma observação no texto sobre O Narcisismo, referindo-se a uma melhora observada na sintomatologia de alguns pacientes, quando diante de algum sofrimento orgânico: “É de conhecimento de todos, e eu o aceito como coisa natural, que uma pessoa atormentada por dor e mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito ao seu sofrimento”.(FREUD, 1914:98) . Há uma retirada da libido dos objetos amorosos, e uma inversão desta para o eu. Colocamos desde já a hipótese se os

² Não encontramos relato detalhado no prontuário sobre este episódio, que provavelmente não é o mesmo em que introduz as agulhas no braço. Bem mais tarde, sob meus cuidados, o sujeito relatará que havia introduzido várias agulhas no peito, ocasião em que foi internado em estado grave, em consequência de uma pericardite.

males corpóreos induzidos pelas auto-mutilações neste caso, não constituiriam uma tentativa de romper com os laços objetais, na medida em que denotam uma indiferença completa para com o mundo externo e ao mesmo tempo, um certo apaziguamento deste sujeito. Oportunamente nos dedicaremos a este ponto de forma mais detida.

Em fins de 94 briga com um vizinho ingerindo parafusos após a discussão. É levado ao HPS, ficando em observação. Registramos uma anotação do médico-assistente: *“já pensou se fosse prego, Doutor? Ia ser muito pior”...*

Pouco depois pede para ser internado devido a ameaças de engolir parafusos e outros objetos perfuro-cortantes: *“mãe do céu, não agüento essa vida...”* Durante esta internação pergunta sobre o destino das agulhas e dos objetos que engoliu: *“vão para o cérebro? Vão para os rins?”* Enigmatizado, formulará perguntas sobre quanto tempo poderia ficar sem alimentar-se para *“entrar no soro”*, se as agulhas podem ir para o cérebro... se caso continuar vomitando precisará tomar soro...

Em janeiro de 95, então com 17 anos, Eduardo é reencaminhado à mesma instituição por um hospital clínico, após ter introduzido várias agulhas no couro cabeludo. Foi feita a sutura, mas assim que chegou em casa, retirou todos os pontos. Na instituição ele se auto agride novamente aumentando os cortes no couro cabeludo, provoca sangramento em profusão, diz que *“cortou os próprios miolos”*. Justifica seus atos em função do pai estar em coma. Pouco depois o pai falece, e neste período, Eduardo está internado. Em finais de janeiro apresenta-se inquieto, dizendo que o pai morreu . No início de fevereiro recebe alta, retorna duas semanas depois, a mãe relata piora após a morte do pai.

Anos depois, já sob meus cuidados, dirá que nunca se conformou de não ter visto o pai morto,

pelo fato de estar internado.

Em fevereiro, Eduardo reitera seu pedido de ser encaminhado novamente à cirurgia para retirada das agulhas restantes. Na mesma ocasião recolhemos do prontuário um dos poucos relatos persecutórios existentes: *“o meu vizinho fica me vigiando. Ele fica me perguntando para onde eu vou, o que eu vou fazer. Eu fiquei nervoso e cortei os pontos da cabeça. Eu quero o meu pai, eu quero ficar perto dele, eu quero morrer.”* Na ocasião a mãe é orientada a procurar tratamento em outra instituição visto que o sujeito estaria por completar a maioridade. O paciente conta que tem chorado ao lembrar-se do pai e fala do risco que sofre de *“morrer também se enfiar uma agulha no peito ou na cabeça”*.

Em junho de 95 encontramos o último registro clínico nesta instituição após uma passagem pelo Hospital de Pronto Socorro, devido à tentativa de auto-extermínio por uso de medicação.

O 2º tratamento (1997 a 2001)

Entre meados de 1995 e o início de 1997 sabemos que o sujeito fez sua trajetória em hospitais psiquiátricos públicos e privados, internações motivadas pelos atos reiterados dirigidos ao corpo e por alguns endereçamentos agressivos dirigidos à mãe.

Aos 19 anos, após uma internação em hospital público, o sujeito nos é remetido³, sendo inicialmente acolhido por um colega enfermeiro, que optou por encaminhar-me a condução do caso após algumas entrevistas. Já na primeira semana de tratamento o sujeito se envolve numa briga com outro usuário, quebra os vidros de uma janela, e com os cacos produz cortes profundos numa perna, sendo encaminhado para sutura. Tal não é nossa surpresa quando retorna ao serviço, providenciando sem demora a retirada dos pontos com objetos, tais como

³ Trata-se de uma unidade para acolhimento de urgências em saúde mental da prefeitura de Belo Horizonte, em consonância com a Reforma Psiquiátrica e que na ocasião restringia-se ao funcionamento diurno.

pequenos gravetos, grampos encontrados pelo chão, pontas de caneta. Logo após o feito, Eduardo corre até nós sempre solicitando nosso olhar sobre a ferida já infectada por várias manipulações, seja no serviço ou na própria casa. Um movimento se delineia: ele insiste quase que diariamente para mostrar-nos seus ferimentos abertos, assim como suas antigas cicatrizes, espalhadas por todo o corpo: na pescoço, no tórax, nos braços, na cabeça...

Ainda neste início, diante de sua tentativa reiterada de se auto-mutilar e mostrar os resultados ao outro (não somente à analista mas a qualquer pessoa do serviço), digo-lhe um dia, diante da mais absoluta falta de recursos, que não mais providenciaremos novas suturas, que os cortes ficariam em aberto... se era assim que ele os queria. Tal intervenção surtiu efeitos positivos, ainda que provisórios. Ele vive então um certo período de apaziguamento, faz a barba diariamente, coloca um pequeno brinco numa das orelhas, pinta o cabelo de amarelo, pede diariamente um espelho onde se mira por vários minutos. Trata-se de um período de reconciliação com sua imagem: ele procura investir libidinalmente numa usuária do serviço, passa os dias atrás da moça, sempre que chega procura por ela.

Estabelece uma relação amistosa e cordial com técnicos, usuários e funcionários. O único episódio de agitação por nós presenciado situa-se num momento inicial do tratamento, quando quebra alguns objetos na sala de enfermagem ao ouvir a voz de um usuário com o qual havia se desentendido dias antes.

Sua relação com a palavra mostra-se frágil, resume-se a relatar pequenas ocorrências do cotidiano, sua presença é sempre irregular. À analista demanda toda espécie de coisas, de refrigerantes a biscoitos, um real para comprar um litro de leite... Normalmente recusa-se a alimentar-se no serviço, ainda que diga que em sua casa nada há para comer. Todavia, ingere cerca de dois litros de *Coca-cola* em poucos minutos...

O sujeito e seu Outro

Note-se que a cada melhora de Eduardo a mãe reage de forma muito negativa, faz várias ligações ao serviço, dizendo que em casa as coisas não vão bem, queixa-se que o filho não dorme, perturba os vizinhos colocando o som no último volume, agride e quebra os objetos desta mãe que inclusive lhe dá a medicação como bem entende, habitualmente em excesso.

Sempre a convidamos a vir falar pessoalmente: ela pouco comparece, tomando entretanto providências para interná-lo, à nossa revelia. É então que o tratamento é freqüentemente interrompido e Eduardo internado no hospital em que a mãe dispõe de um convênio. Findado o prazo deste, recorre aos hospitais públicos, de onde nos é sempre reencaminhado. Aqui cabe ressaltar o absoluto submetimento de Eduardo às vontades maternas: ele não se queixa das internações, pelo contrário, chega muitas vezes ao hospital com sua mala de um lado, CDs e aparelho de som de outro... Aqui conjecturamos que se trata de um dos poucos momentos onde Eduardo encontra um pouco de paz, apartado dos caprichos maternos.

O eu e o outro no espelho

Apenas uma única vez Eduardo telefona-me da porta do hospital, chorando, dizendo que a mãe queria interná-lo e ele por sua vez, queria ficar no nosso serviço. Vou então ao seu encontro mas não me arvore a enfrentar a decisão da mãe: iria simplesmente em função do seu apelo. Esta internação fora motivada por outro ato dirigido ao corpo: após saber que um dos cantores de uma dupla (um dos quais levava seu nome) estava com um grave tumor. Eduardo, num movimento especular, se fere novamente, introduzindo outra agulha no tórax. Na ocasião, tivemos oportunidade de ter acesso ao Raio-X onde contabilizava-se outros 14 objetos, tais como alfinetes e agulhas. No hospital, interrogado sobre seu ato, como de costume, pouco pode dizer: *“fiquei triste. Queria morrer também”*.

Constatamos que Eduardo sempre chega às internações muito calmo, com o humor levemente deprimido, nenhuma grande cena de agitação ou revolta se produz, em algumas circunstâncias diz que “*foi a voz que mandou eu se cortar*” Na ocasião o tratamento de Eduardo encontrava-se interrompido, havia meses que não tínhamos notícias dele. Esclareço que seu movimento em nosso serviço constitui-se de idas e vindas, há dias em que se recusa a vir espontaneamente, quase sempre é necessário buscá-lo em casa – ocasiões em que vem de bom grado – até o ponto onde ele próprio solicita redução na sua permanência e deixa de comparecer paulatinamente, recusando atender nossos telefonemas.

Seus retornos ao serviço nunca se deram espontaneamente, ele sempre retorna após alguma internação longa, de 30 a 90 dias, sempre com encaminhamentos. A mãe por sua vez, só o traz porque não tem mais outros recursos, após já ter esgotado sua cota de internações no hospital privado onde mantém convênio.

Os orifícios e as tentativas de obturá-los

Normalmente procuramos manejar as freqüentes demandas da mãe em reencaminhar Eduardo ao hospital psiquiátrico: ela o faz porque se sente cansada de lutar, porque precisa se ver livre do filho para cuidar da própria saúde ou fazer exames, ou porque o outro filho, parcialmente sequelado por uma doença na infância, também exige cuidados. Inúmeras tentativas são feitas no sentido de operar com sua demanda, todas rechaçadas. Outra justificativa para as internações são as constantes auto-mutilações. Mas note-se que se esta constitui-se numa justificativa plausível, lembramos que um dos episódios mais graves de auto-mutilação aconteceu dentro dos hospitais. Numa das internações ele introduz por exemplo, quatro palitos de fósforo na uretra, recebe alta, fica alguns dias em casa até aportar novamente em outro hospital, onde o mesmo ato se repete, desta vez com gravetos arrancados de uma árvore

no pátio. Em outra circunstância introduz *super-bonder* no canal uretral, é hospitalizado, e na consumação da alta, ainda no hospital, queima seu próprio pênis.

Lembremos que a maioria dos atos de Eduardo são desconectados de qualquer acontecimento, são atos não historicizados ou contextualizados. Em pouquíssimas circunstâncias mostravam-se reativos a alguma frustração ou a um quadro alucinatório. Por outro lado há uma certa frequência na resposta, quando ao ser perguntado por seus atos ele responde que “*queria ficar com meu pai, lá no céu...*”

Após este último episódio, Eduardo faz uma breve passagem por nosso serviço, em fins de 1999, mas a mãe o interna no primeiro dia do ano, sem nos consultar.

Em fevereiro reaparece brevemente, interrompendo e retornando em junho, num final de semana onde havia feito um corte com canivete na região da traquéia. Foi acolhido pelo plantonista e novamente inscrito no serviço. Seu quadro permanece inalterado, apresentando-se sempre calmo, nunca desagregado, algumas vezes faz referências persecutórias aos pivetes do seu bairro, que o chamam de “doido”, ou de “mongolóide”, a mesma impressão em relação ao trocador do ônibus que utiliza. Diante de minha interrogação sobre o que havia acontecido desta vez, suas respostas se repetem: “*queria morrer, ficar com meu pai lá no céu*”. Outras respostas se sucedem à primeira, ele diz que estava com depressão, que a mãe lhe faz “*brutalidades*”, que ele identifica como sendo ameaças de interná-lo para sempre em algum hospital ou simplesmente diante de uma recusa desta em comprar-lhe *Coca-cola*... Seu único pedido dirigido à analista neste momento é ser buscado e levado em casa todos os dias pelo Antônio, nosso motorista que o trata afetuosamente.

Assim, voltamos ao ponto de partida de uma história estarrecedora, onde a urgência se expressa na modalidade pulsional, onde a satisfação não admite mediação alguma. No

decorrer do tratamento Eduardo mencionará mais de uma vez o episódio da introdução das agulhas no tórax, assim como desejará exibir suas cicatrizes. Conforme consta do prontuário antigo, as auto-mutilações iniciaram-se muito cedo; praticamente concomitante ao desencadeamento. Entretanto, na sua conta, Eduardo faz coincidir a morte do pai com o momento em que inaugura a série de ferimentos: *“Eu fiquei muito triste com a morte do meu pai. Aí eu comecei a se machucar. Ele cuidava de mim, me tratava bem. Quero encontrar com ele lá no céu”*. A troca pronominal operada por Eduardo sempre chamou-nos atenção. Ele não diz “comecei a me machucar” e sim “comecei a se machucar”. Note-se que é como se houvesse dois sujeitos nesta frase, como se o corpo não fosse dele, de tal forma que quem machuca não é o machucado⁴. A substituição pronominal operada pelo sujeito parece constituir aqui um guia de investigação, na medida em que trata seu corpo como algo estranho ao eu, mas numa ordem de estranheza diferente daquela da neurose, onde justamente a divisão fará o neurótico sustentar obstinadamente o engano de uma imagem unificada. Este apreço pela imagem inteira é o que está ausente neste caso de psicose ora citado: o sujeito jubila com a carnificina e o despedaçamento que impõe a seu corpo. Jubila com aquilo que o neurótico tem pavor: o corpo despedaçado. Faz questão de nos apresentar seus cortes e suturas arrebitadas, e comenta, com um riso no canto da boca, quando o interrogamos a respeito de seus atos: *“é pra ficar com menos carne”*, ou, noutra circunstância, *“é pra sentir dor”*.

Apelar ao pai e cair com ele

Num certo período do tratamento Eduardo traz fotos de sua infância, do seu aniversário de seis anos, onde ao fundo vemos a figura do pai. Durante um curto período pediu que eu guardasse a foto no prontuário, até que um dia a pediu de volta e nunca mais falou sobre ela. A mãe em entrevista, certa vez nos relatou que na ocasião da morte do pai, Eduardo se encontrava internado e até hoje se queixa com ela de não ter visto o pai no caixão.

⁴ Contribuição trazida por Ram Mandil em uma das discussões sobre o caso

Este ponto talvez mereça algumas considerações, na medida em que o apelo ao pai morto e jamais visto, se renova a cada ato de Eduardo. Nas circunstâncias onde se mutila, ou introduz objetos no corpo, sua alegação vai quase sempre na direção de uma mesma resposta: quer morrer, ficar com o pai. A morte do pai resta como ponto inassimilável, esvaziado de qualquer significação e sem remeter a nenhuma outra, lançando o sujeito num projeto macabro de ajuntar-se a este pai, caindo com ele, assim como no seu primeiro surto caiu num buraco para nunca mais ser o mesmo.

A mãe toma esta morte como um alívio, pois era maltratada fisicamente por este pai quando alcoolizado. Eduardo por sua vez, com frequência e revolta se queixa dos comportamentos desta mãe: *“Ela dorme pelada na cama com meu irmão, troca de roupa na frente da gente, anda pelada pela casa. Isto não está certo; não gosto disto”*. Ao mesmo tempo em que censura tais comportamentos, todo o seu dia-a-dia e seus pequenos afazeres diários passam sempre pelo crivo materno: *“minha mãe falou que vai mudar de bairro, minha mãe falou que vai arranjar pra eu morar no Santa Maria, minha mãe falou que não tem dinheiro pra comprar Coca-cola pra mim todo dia, minha mãe falou que esse serviço é uma bosta, minha mãe falou que vai processar vocês...”*

No início de julho de 99, num período de certa tranqüilidade, recebemos novo telefonema da mãe informando que estava com Eduardo num hospital geral pois ele teria que realizar uma pequena cirurgia para retirar do ânus duas pedras que havia introduzido. Entretanto, enquanto aguardava pela cirurgia, Eduardo queima o próprio pênis com seu isqueiro, agravando sensivelmente a situação. Chega ao serviço no dia seguinte com uma sonda vesical, com a qual teve que ficar por mais de dez dias. Ele transita com sua sonda já imunda, arrasta-a pelo chão, comenta com todos o acontecimento, queixa-se dos incômodos. Isto se torna nas sessões seu assunto predileto. Assim que me vê chegar pede para ser atendido imediatamente: *“Eu*

queimei meu pinto. Tá tudo infeccionado. Tá doendo demais e minha mãe não quer me levar no médico urologista. Eu queria que ele olhasse⁵... Vou ter que ficar com essa sonda um tempão e tomar um monte de antibióticos. Minha mãe falou que se eu ficar mexendo é perigoso meu pinto cair.”

Na ocasião percebemos que o movimento de Eduardo se faz no sentido de queixar-se da dor insuportável, pedindo remédios e ao mesmo tempo envolvendo a equipe e principalmente os auxiliares de enfermagem no sentido de fazê-los *observar* seu ferimento, avaliar e confirmar-lhe a real gravidade, acompanhar e mesmo ocupar-se de sua higiene local. Transita o dia todo pelo serviço exibindo-nos a pomada indicada para passar no pênis.

Minha conduta na ocasião ia no sentido de solicitar aos colegas que escutassem suas queixas, mas se recusassem a manipular e observar seus cortes e ferimentos, pois me parecia neste movimento, que o sujeito nos colocava na posição de espectadores angustiados de seu gozo.

Auto-mutilação e tratamento do gozo

No consultório mais uma vez peço que me fale o que se passa e evidentemente surpreendo-me com sua resposta: “*Eu queria passar dor*” ou “*Eu queria sentir dor*”, diz ele secamente e sem delongas, aventando enfim a possibilidade de haver necessidade de um enxerto.

Em outra sessão mais à frente, quando o assunto retorna ele diz: “*Agora eu estou bem, não estou pensando mais em fazer besteiras, não estou pensando mais em se machucar. Depois que eu se machuquei eu melhorei*”, com um riso disfarçado no canto da boca. O interrogatório e ele retifica, vacilante: “*Não, quer dizer, depois que eu vim pra cá eu melhorei*”...

⁵ Grifo o termo utilizado pelo sujeito pois me parece que algo da função escópica entra em jogo aí. Devemos nos perguntar qual é o estatuto da “cena” montada pelo paciente, na medida em que não são suficientes as auto-mutilações. Ele faz jogar necessariamente o olhar do Outro sobre suas feridas ou seu sofrimento.

As palavras de Eduardo nos dão testemunho da operação por ele elevada à cabo na tentativa de inscrever no real do corpo a castração simbólica que não houve... Sem dúvida estamos diante de uma forma encontrada pelo sujeito de tratar o retorno do gozo, que sabemos, nem sempre se dá somente pelo viés da linguagem. Conforme Zenoni

Nessa nova clínica das psicoses, ou simplesmente nessa nova clínica, clínica das modalidades do gozo, não estamos somente diante das conseqüências negativas de uma falta, mas estamos diante de soluções positivas, de invenções por parte do sujeito. Mesmo que essas invenções possam ter um caráter dramático, elas são sempre consideradas sob um ângulo de tratamento. No limite, mesmo a auto-mutilação pode ser considerada como uma forma dramática de tratamento do gozo. Então o interesse prático e clínico dessa nova teoria é de nos permitir encontrar o sujeito psicótico no processo do seu auto-tratamento e de poder nos apoiar sobre o que ele próprio inventa, seja para prolongar isso, seja para deslocá-lo. (ZENONI, 1999: 42).

Evidentemente não nos parece ser aqui o caso de estimular ou prolongar a solução encontrada pelo sujeito nesta via de tratamento, a auto-mutilação, e nem tampouco nos regozijarmos ou vê-lo regozijar-se com nosso olhar sobre sua ferida. Creio ser o caso de acompanhar seu trajeto, avaliar qual a lógica subjetiva em jogo, sabendo-se da dependência essencial desta lógica com o estatuto do gozo ou da pulsão. Todo o problema parece estabelecer-se no fato de que aqui a pulsão não contorna um objeto exterior, ou melhor, o objeto é o próprio corpo, colado que está nos fundos de seu bolso, nos fundilhos de suas calças...

Sendo assim, resta-nos acompanhar o sujeito no sentido de encontrarmos outra solução, talvez menos dramática, que não coloque sua vida a cada vez em cheque, auxiliando-o a fazer deslocamentos.

No caso de Eduardo, temos indicações de que a elaboração delirante possivelmente não virá constituir-se como saída. Ele pouco fala, quase não tem a dizer sobre seus atos e pensamentos, enfim sobre sua vida. Houve um tempo em que apostávamos alto nesta saída, aspirando transformar nossos pacientes em *Schreibers* ainda que com menos recursos...

A própria clínica com sujeitos psicóticos tem nos mostrado que uma de suas exigências fundamentais é um duplo esvaziamento por parte do Outro, com relação ao saber e ao querer. Tal posição é solidária ao manejo da transferência numa “clínica feita por muitos” que consiste menos em interpretar, decifrar ou incentivar elaborações de sentido, – pois que a conclusão pode ser o ato – e muito mais num encorajamento das produções onde o significante é tomado em sua literalidade, onde a linguagem é tomada enquanto número ou letra, independente do sentido. (ZENONI, 2000).

Artifícios

Estas advertências possam ser úteis talvez, porque alteram radicalmente nossa proposta de abordagem com Eduardo. Não mais interrogá-lo insistentemente sobre o quê fez e porquê o fez, mas nos atermos à fresta de interesse raramente demonstrada pelo sujeito por relação àquilo que chama por exemplo, de “rock doido”. Vez por outra chegava ao serviço com seu *disk-man*, algumas fitas ou CDs, relatava escutar músicas no rádio, e depois as gravava.

Em um de nossos encontros propus que falasse sobre o “rock doido”, lhe estendo uma folha e ele passa a anotar os nomes dos conjuntos que mais gosta: *Petshop Boys*, *Information Society*, *A-ha*, *Eletronic*... Com extrema dificuldade na lida com a escrita e em silêncio, anota tudo o que sabe sobre os *Petshop Boys*: o nome do primeiro e do último disco, a data em que o grupo surgiu. Diz finalmente que gostaria de saber como eles vivem, onde moram, quanto eles ganham...Após terminar sugiro continuarmos o trabalho juntos fazendo uma pesquisa, prontifico-me a guardar a primeira página.

Outra idéia surgida na mesma linha da letrificação do gozo, apontava como proposta que Eduardo gravasse suas fitas e me emprestasse posteriormente para que eu pudesse ouvi-las.

Tratava-se na verdade da tentativa de montagem de um outro circuito, onde a pulsão não ficasse curto-circuitada, se pudéssemos fazer incluir aí a presença do Outro.

Nos dias que se seguiram tratava-se de saber sobre a legitimidade da proposta/aposta por parte da analista e do interesse do sujeito em segui-la. Confesso tê-lo proposto a partir de uma discussão do caso com alguns colegas⁶ e diante da mais absoluta falta de recursos, lá aonde a psicose vem interrogar a eficácia da palavra sobre o real. Na ausência de um trabalho delirante que pudesse fazer prótese, restava ainda apostar no viés da letrificação⁷ para não sermos engolidos pela pulsão insaciável que devora lentamente cada parte deste corpo desde sempre despedaçado, jamais alcançado pelo significante normalizador. Tratava-se na direção deste tratamento, de deslocar o gozo para fora do corpo, apostando na escrita das músicas (letrificação do real) como uma possibilidade.

A solução encontrada pelo sujeito: o enamoramento

Recupero um pouco os acontecimentos, que se desenrolam ainda em julho de 99. Eduardo arranja uma nova namorada no serviço e a partir daí as coisas ficam matizadas com outros tons. Restringe sua demanda infinita de balas, chiclets, Coca-cola, e um pouco de leite, passando a circular com Ivete. Apresenta a todos como sua namorada, lhe traz presentes: um batom, um pequeno despertador com um espelho. Muda também seu jeito de vestir; agora

⁶ Discussão no Núcleo de Psicose do IPISM da Escola Brasileira de Psicanálise, em julho de 2000.

⁷ Alfredo Zenoni, em mais de uma circunstância aponta que os fenômenos corporais e hipocondríacos não devem ser desfeitos simplesmente, porque podem ter uma função terapêutica. Aponta para sua não interpretabilidade e sugere que ao lado dos fenômenos corporais, podemos fazer de tal modo que os sintomas se construam com elementos não semânticos da linguagem, que têm a mesma função que os sintomas corporais, a saber, a localização de gozo. Daí seu interesse nas práticas com a letra, qualquer que seja ela. Não se trata somente da escrita, mas pode ser também aquilo que conecta o real com o simbólico, o real com o imaginário. Trata-se de apreender, diz ele, qualquer tentativa que o próprio sujeito evoque, que seja sob o plano de um álbum de fotografias, da organização de uma viagem. Aponta que existem práticas mais compatíveis com o laço social que o delírio. São práticas que fazem uma conexão do simbólico com o real e que não passam pelo real do corpo: “o real do corpo, em conexão com o simbólico, sem incluir a anatomia do corpo. Depositar no analista, isso tem uma função de ponto-de-basta, de ponto de parada, que me parece afastar melhor da passagem ao ato do que a elaboração de saber.” *Abrecampos*, ano I, nº 0, junho de 2000, p.67.

menos desleixado, comparece de paletó, como conviria a um homem que faz a corte. Se interessa por fazer a barba no serviço, traz diariamente de casa uma sacola com um espelho. Neste período não há registro de qualquer ato auto-mutilatório.

Nosso projeto com a escrita das músicas rapidamente cai no vazio, somente a namorada lhe interessa.

A fragilidade da solução quando o outro do espelho sai da cena

Nova interrupção se dá algum tempo depois para nossa surpresa, pois passava por um período tranquilo. Temos a notícia de que Eduardo havia sido internado, desta feita em hospital geral, segundo a mãe devido a uma desidratação. Sua psiquiatra faz contato com o hospital, temos notícias desencontradas sobre as razões da internação. Assim que recebe alta lhe telefone, ele recusa-se a vir ao serviço mas solicita minha presença: “*quero que você venha me ver todos os dias*”.

A mãe telefona num sábado no início da noite pois estava agitado, havia quebrado louças em casa. Encontro-o prostrado e emagrecido, recusando alimentação de toda espécie. Mas aceita minha visita, insiste em que eu leve emprestado comigo uma fita cassete que havia gravado. Na ocasião pouco disse a não ser o seguinte: “*minha mãe falou que se eu não comer posso até ser internado, posso até morrer.*” Seu quadro súbito de entristecimento parecia enigmático, até o momento onde soubemos que Ivete, sua namorada, havia sido internada. Ele nada nos diz sobre isto, ficando apenas nossa hipótese.

Retorna algum tempo depois, mas novamente por breve período pois sobrevem outra internação, também em hospital clínico. A mãe informa que Eduardo estaria “*intoxicado pelos remédios do serviço*” segundo os médicos, mas tudo parece pouco claro, visto que sai do hospital com nova sonda vesical “*porque não estava urinando, tampouco se*

alimentando”.(nova tentativa de auto-mutilar-se?) Isto dura cerca de uma semana ou pouco mais, até seu retorno ao serviço, quando a sonda foi finalmente retirada.

Nos dias subsequentes apresenta-se tranqüilo, sem atuações, deixa de comparecer nos finais de semana pois precisa visitar sua namorada em um hospital psiquiátrico. Trata-se de um período de relativa paz, vem ao serviço diariamente com seu espelho numa sacola, pede para sair mais cedo para telefonar ou visitar a moça. Demanda ir ao consultório, e na ocasião não pede dinheiro, nem Coca-cola: *“que bom que eu não estou me machucando mais não é Andréa, é melhor eu namorar do que me machucar.”*

Penso que o caso nos traz dificuldades extremas no manejo, que certamente implica também no manejo com sua mãe, pois temos indícios suficientes de que ela fala em Eduardo, restando a este pouca coisa senão repetir o que a mãe falou...

Se este constitui ponto importante na direção do tratamento, algo mais podemos constatar. A idéia de montarmos com as fitas de rock, primeiro uma escrita, e depois uma espécie de “circuito alternativo” ao gozo auto-erótico se sustentava na aposta de que, gravando esta voz, Eduardo pudesse repassá-la, passar adiante, incluindo o Outro no circuito.

Todavia, não é esta a trilha seguida pelo sujeito. O que Eduardo mostra – para além do artifício proposto nesta montagem para “enganar” o gozo, que resultasse num outro trajeto pulsional, desta vez num objeto fora do corpo –, é que lhe é possível produzir outra saída. Perguntamo-nos se o investimento libidinal em Ivete, tem como conseqüência seus progressivos cuidados com sua imagem: fazer a barba, colocar um brinco, vir de paletó, pintar os cabelos, enfim, mostrar uma nesga de interesse pela própria imagem a partir desse enamoramento pelo outro. Lembremos que Eduardo presenteia a namorada com um pequeno

espelho escondido numa carteira de batom, e ao mesmo tempo, arranja outro espelho que carrega numa sacola, de onde se mira várias vezes ao dia e me pergunta: “*estou bonito?*”

Nestes quatro anos onde tivemos a oportunidade de acompanhá-lo, o único *flash* de tempo onde os atos cessam, é este onde o sujeito precariamente forja a partir do outro, um esboço de eu.

Todo o problema é não sabermos até onde sua solução se sustenta.

As anotações que possibilitaram-me fazer alguma construção sobre o caso são referentes ao período de 1997 a fins de 2000. Em 2001 tivemos poucos encontros com Eduardo em função de novas interrupções do tratamento. Várias tentativas foram feitas nos sentido de convidá-lo a retornar, todas infrutíferas. Às vezes comparecia, mas em breve se desligava do serviço, sem nos dirigir qualquer espécie de apelo. Em meados de 2001 licenci-me do serviço, mas de longe recebo notícias de que seus atos persistem, repetindo-se de forma monótona e invariável.

Ainda que não tenha mais contatos com Eduardo, há pouco tempo tive a oportunidade de conversar com os técnicos que hoje conduzem seu tratamento e fizemos a sugestão de que pudéssemos indicar-lhe um Acompanhante Terapêutico. Trata-se de um recurso clínico que aposta na presença física de um outro, de um outro corpo, podemos dizer, que acompanha o sujeito na sua vida cotidiana, seja na unidade de tratamento, na rua, ou na família; sempre seguindo seus interesses. A aposta é que funcione como um recurso de recomposição imaginária, produzindo, no entanto uma moldura simbólica, capaz de manter o sujeito na via da palavra, limitando o efeito de despedaçamento introduzido pelo ato e ao mesmo tempo,

criando anteparos frente à invasão do real⁸. Não se trata propriamente de operar com o sujeito psicótico na via da especularização e sim auxiliá-lo a reconstituir barreiras simbólicas e imaginárias que visem construir um limite à invasão pulsional.

Tal aposta se colocou como possibilidade a partir da melhora apresentada por Eduardo quando pode investir num objeto, quando pode contar com um outro eu. É somente aí onde presenciamos um instante fugaz de interesse pela sua imagem, onde cessam provisoriamente as auto-mutilações.

Seria um guia na direção do tratamento?

⁸ Conferir texto de Thaís Ribeiro, psicanalista. Publicado no jornal do Conselho Federal de Psicologia, em setembro de 2002, sobre o tema do Acompanhamento Terapêutico: “Acompanhar é uma barra!”, onde procura delimitar este importante recurso na clínica com sujeitos psicóticos.

CAPÍTULO 2

O CORPO EM PSICANÁLISE

Para abordarmos as questões concernentes ao caso Eduardo, em particular o tratamento pelo sujeito dispensado ao corpo, parece-nos essencial situar de que corpo falamos. Miller (1999) nos dirá que entre os lacanianos permaneceu uma espécie de desinteresse ou de desconhecimento da instância do corpo, que de modo algum seria compartilhada por Lacan. Se por um lado a operação analítica faz tudo para não mobilizar os sentidos, chegando até mesmo a subtrair-lhe a visibilidade do corpo, sacrificando o sensorial em benefício do semântico, por outro lado há algo que permanece ineliminável na experiência analítica: trata-se da presença dos corpos, de dois corpos. É por isto que não é possível fazer análise por telefone, ou via *Internet*. Mesmo reduzido ao mínimo de sua presença, o corpo vivo não pode ser subtraído da operação analítica.

Tanto em Freud como em Lacan as referências ao corpo são extremamente vastas e estão dispersas em diferentes momentos da elaboração de cada um destes autores. Desta maneira, não sendo nosso propósito no presente trabalho realizar uma varredura histórica sobre a temática do corpo em psicanálise, nos contentaremos com a possibilidade de fazer recortes temporais na teoria que nos permitam vislumbrar- quiçá esclarecer – o uso particular que o sujeito em questão faz de seu corpo.

Gostaríamos de introduzir a questão fazendo uma breve diferenciação entre o corpo para a medicina e o corpo para a psicanálise.

Segundo Valas (1988) a biologia é uma ciência que progride sem preocupar-se com as noções de vida ou de morte, de modo tal que a medicina científica muitas vezes encontra dificuldades

para haver-se com os limites de sua ação ao lidar com problemas éticos suscitados por exemplo pela doação de órgãos, pela inseminação artificial e pelos transplantes. Para a medicina o corpo biológico não é real; é puramente um corpo orgânico, onde habitam os órgãos. Mas trata-se de órgãos que se pulverizam e se dispersam, pelos próprios meios que nos oferece a ciência, por exemplo através dos implantes, das cirurgias e das próteses, onde retira-se e recoloca-se os órgãos. Esta dispersão do corpo que a medicina chama “somático”, é a prova de que para a biologia o real é o impossível⁹; correspondendo então à definição dada por Lacan ao real a partir da psicanálise.

É preciso lembrar as propostas contemporâneas da ciência de intervir sobre o corpo, permitindo-nos um acesso inédito a um corpo antes inacessível. É assim que se perfilam as reproduções assistidas, o mapeamento genético da espécie humana, a clonagem, a mudança de sexo por meio cirúrgico etc. Este corpo despedaçado, que só conhecíamos ao nível fantasmático ou nos fenômenos imaginários que Melanie Klein tanto insistiu, é realizado hoje pela operação cirúrgica. Estamos diante de um porvir despedaçado do corpo, apoiado pela ciência. Como diz Miller (2000) podemos de uma certa maneira dizer “adeus” a isto que havia sido a celebração da unidade do corpo. Ao contrário, o que está em andamento é seu porvir despedaçado, evidentemente para nosso bem. Os novos despedaçamentos, nós o temos hoje em dia: “existe um despedaçamento que se faz sob uma forma mais amável, permitido pelo espírito genético”, para o bem público e individual. Fabrica-se a pele, produz-se cartilagens e ossos com a ajuda de materiais sintéticos, órgãos internos completos, os néo-órgãos. São questões da contemporaneidade sobre as quais não nos debruçaremos, mas sem dúvida articulam nossa relação ao corpo, colocando em jogo a unidade do vivente e sua identificação.

⁹ Para Lacan o real pode ser compreendido como o impossível a suportar na medida em que diz respeito ao mau encontro, à experiência traumática do sujeito no encontro com a realidade sexual. Cf. O seminário, Livro XI, p.159.

O real do corpo que a biologia é capaz de cernir exclui a dimensão do gozo; é por esta razão que aqui as noções de vida e morte não encontram sua pertinência. Sobre este corpo, tomado na perspectiva de uma máquina, seja ela de circuitos neuronais, hormonais, imunológicos ou genéticos, a psicanálise introduzirá a problemática do gozo.

Para a psicanálise quando falamos de corpo, estamos nos referindo ao corpo vivo, assim como o é o corpo dos animais. Todavia, o corpo humano traz sua particularidade na medida em que sua adaptação ao meio é sempre problemática, sempre desarranjada pela linguagem. Se com relação aos animais, uma mosca por exemplo, podemos afirmar convictos que ela possui saúde mental, com o humano nada disto se passa. A presença do inconsciente, disturba qualquer promessa de adaptação. Se a melhor definição de saúde para a medicina seria o silêncio dos órgãos, o inconsciente em nada ajudaria nos propósitos de uma harmonia entre o homem e seu meio: é que o inconsciente nunca se cala.(MILLER, 1999).

Ainda que o corpo tenha uma base biológica é preciso ir adiante e considerar que sobre este corpo biológico, há algo que faz sua incidência. Trata-se do inconsciente, que não pode ser veiculado a não ser pelo discurso do Outro. O inconsciente, que não é um órgão biológico e está desprovido de qualquer substância, opera sobre o vivo biológico. Com Laurent (2000) podemos pensar que o inconsciente é um parasita que habita o ser vivo; uma linguagem formal articulada a uma forma de vida:

O inconsciente é uma espécie de parasita, assim como vocês têm os fungos parasitas, que não obedecem, de forma nenhuma, à forma de vida de uma árvore, mas que estão em simbiose de uma forma original. O esforço de Lacan, então, foi mostrar que as aparentes contradições biológicas de Freud, como por exemplo a idéia maluca de uma pulsão de morte, são bem mais o resultado desse parasitismo do ser vivo, do modo como um corpo estranho se infiltra no vivo.(LAURENT, 2000:24)

Para a psicanálise esta forma de conceber o corpo, enquanto vivente afetado pelo inconsciente, não é sem conseqüências.

Lacan (1972) nos trará importante contribuição ao apontar a dificuldade que temos ao falar do ser vivo, ao abordá-lo. De que forma podemos ter acesso ao corpo enquanto vivo? Sabemos enfim o que é a vida? Parece impossível defini-la senão pelo gozo. Nós não sabemos o que é a vida: só podemos abordá-la sob a forma do corpo e de seu gozo: “o gozo é propriedade do corpo vivo, mas sem dúvida, não sabemos o que é estar vivo, senão pelo fato de que se goza.”(LACAN, 1972:35).

Na experiência psicanalítica, ainda que para os humanos seu corpo seja também um organismo, este será definido a partir da incorporação da estrutura da linguagem em suas três dimensões: real, simbólico e imaginário e não a partir de qualquer noção de totalidade ou complementaridade entre elas. Conforme Souza (2000:34):

Se para as ciências existe a ilusão de que essa unidade funcional chamada corpo é natural, contínua e homogênea, a prática da psicanálise tem revelado algo diferente. Por sua implicação nessa estrutura de discurso, que é equivalente a um laço social, o corpo para este ser de fala e de sexo não se constitui em algo primário. Assim, não se superpõe à noção de organismo, nem pode ser apreendido pela intuição ou através de uma observação direta como uma extensão no espaço, semelhante ao que ocorre na anatomia ou mesmo na fisiologia.

Abordaremos brevemente o corpo em cada uma destas dimensões, esclarecendo no entanto que o próprio desdobramento do texto nos obrigará retomar cada uma delas em particular no momento oportuno. Acompanharemos a proposta de Souza (2000) na seguinte diferenciação:

1. *O corpo na sua dimensão de real*: É a carne viva em sua pulsação de gozo, é o corpo correspondente ao esqueleto, ao cadáver que transportamos em vida; uma espécie de corpo mudo da anatomia, com seus buracos e suas entranhas. Esse corpo real diz respeito ainda aos diferentes tecidos que constituem o organismo, ainda que aí não haja nenhuma unidade imaginária e sim “pedaços de real” continuamente presentificados por sua familiaridade e, ao mesmo tempo, estranhamento para o sujeito. Este corpo na qualidade de real é inacessível, ainda que os avanços da ciência nos permitam cada vez mais

vasculhar seus recônditos através das tomografias, ultra-sons e procedimentos afins: é que o gozo que afeta cada órgão ou cada tecido não pode ser fotografado nem *escaneado*. Este gozo, gozo que a ciência exclui das possibilidades do corpo, é o que diferencia o corpo do animal do corpo falante, é o que demarca a diferença fundamental entre o corpo no discurso da ciência e o corpo tomado pela psicanálise.

2. *O corpo na dimensão simbólica*: Trata-se do corpo vazio, separado de seu gozo pela operação do significante. O que resta de gozo após esta operação terá como seu destino o refúgio naquilo que Freud (1905) chamou de zonas erógenas, espécie de ilhotas de gozo localizadas nas bordas do corpo, que se estendem no entanto para além dos órgãos sexuais, comportando-se como estes. Trata-se aqui do corpo tomado enquanto superfície, superfície onde o Outro faz sua inscrição. Muito precocemente o sujeito se vê obrigado a incorporar estes elementos advindos do Outro, para que possa balbuciar algo de sua demanda. Alienado nestes significantes provenientes do Outro, seu corpo real se verá transmutado num corpo-superfície, lugar privilegiado onde se inscrevem as primeiras marcas simbólicas. Trata-se de outra anatomia que no entanto não pode escapar da incidência de uma vontade que vem de alhures: do lugar do Outro. Somente assim, seus órgãos encontrarão uma normalização e uma função, suas secreções uma finalidade, amparados que estão numa operação subtrativa que se inscreve na carne.
3. *O corpo na dimensão imaginária*: Ainda que este tópico seja privilegiado a seguir, será preciso a título de introdução dizer que a alienação do sujeito não é somente simbólica: há uma alienação na imagem, que captura e fascina o ser humano. É do exterior que o sujeito receberá a envoltura de onde poderá construir sua própria imagem. No entanto tal experiência não se resume a um puro jogo de imagens: a experiência do significante é o que virá fixar algo: “é através do simbólico que o sujeito vai fixar essa imagem do ‘outro’ a seu corpo, já que do grande Outro vem mensagens que dizem o que o sujeito é e quem

é” (p.36). Trata-se de uma operação linguageira que vem fixar a imagem do semelhante a traços significantes que o representam.

Dessa maneira, prossegue Souza,

o corpo da psicanálise pode ser, de início, concebido como composto por diferentes tecidos, como pedaços do real que são enlaçados nas palavras e envolvidos por uma imagem-hábito que o outro lhe cede, assegurando-lhe a coerência e a hierarquia dos elementos orgânicos que contém.(SOUZA, 2000: 36).

Ainda que nos seja possível operar esta tripartição entre as dimensões do corpo, as elaborações mais tardias de Lacan (1975) lhe permitirão introduzir uma nova concepção a respeito do corpo, desta vez enodado de forma solidária na cadeia borromeana. Optamos no entanto por seguir esta trilha somente no final deste trabalho quando retomarmos a discussão sobre o corpo em Joyce.

No que diz respeito à Lacan, nosso recorte promete ser breve, tal é a complexidade do tema do corpo à medida do avanço de sua teorização. Nos contentaremos em reler o *Narcisismo* a partir do *Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu* (1949) considerando as modificações sofridas por este esquema a partir da crescente importância do simbólico. Finalmente realizaremos um grande salto no tempo, ao evocarmos suas considerações sobre o corpo em Joyce, em meados da década de 70, onde privilegia o corpo no seu estatuto de real. Com relação à Freud, tomaremos como nosso principal interlocutor o texto “Sobre o Narcisismo: uma introdução” (1914), onde nos parece estar a chave de elucidação dos embates do sujeito com seu corpo, na medida em que é precisamente na falha da função narcísica, que toda a referência ao corpo estará questionada. Trata-se de um texto fundamental à nossa pesquisa por várias razões. Primeiramente por tratar-se de um texto decisivo quanto à consequência para a teoria psicanalítica, devido à redefinição da função do eu na teoria da libido. Se antes ao eu era atribuída uma função defensiva contra as excitações libidinais,

agora, torna-se também um objeto entre os objetos eróticos visados pela catexia pulsional. Em segundo lugar porque se trata do texto onde Freud prossegue o debate sobre o provável mecanismo de formação de sintomas na esquizofrenia já referido no Caso Schreber (1911), tocando no peculiar destino da libido nesta moléstia, ainda que só desenvolva plenamente esta tese um ano depois. Optamos por tomar o texto do Narcisismo como interlocutor, apesar das enormes dificuldades que sua decifração nos impõe em função do extenso material que nos apresenta, e de forma inteiramente condensada: “uma estrutura prestes a estourar”, diz o editor inglês, “pela quantidade de material que contém”. A mesma impressão é partilhada por Serge Leclaire, ao ser convidado por J. Lacan no seminário de 1953-54 ao apresentar este texto, dizendo ser “um texto impossível de resumir”.

2.1 O Corpo imaginário

2.1.1 O Narcisismo em Freud

“Retire estas mãos que me enlaçam. Antes morrer do que entregar-me a você.”: Narciso, em recusa às demonstrações de afeto de uma ninfa que por ele havia se apaixonado.(BRUNEL, 1999).

O caso de Eduardo nos impele a fazer um exame sobre o narcisismo, na medida em que nos surpreende o fato de não haver investimento libidinal ao nível do corpo, no sentido comum da adoração, da preservação ou do culto àquilo que é mais caro ao ser humano: sua forma, a partir de onde todo falante principiará a dizer *o que é*. Constatamos desde já configurada uma situação: não só não encontramos o traço característico à neurose onde o sujeito trata seu corpo narcisicamente, como de fato, o destrói, apagando qualquer insígnia de unidade. Se por um lado ficamos com a suspeita de que algo aí ao nível do narcisismo fracassa

profundamente, por outro, não deixa de nos chamar atenção o fato de que é esse mesmo corpo des-narcizado o objeto eleito pelo sujeito, para onde convergem todos os seus atos. Assim como Lacan (1975:207) havia falado sobre Joyce, de um corpo indiferente, de um “deixar-cair” com relação ao corpo, não nos parece tão certo que sobre o caso em questão possamos usar a mesma chave de elucidação. Se Joyce mostra uma profunda indiferença por seu corpo no episódio da surra, Eduardo não nos parece tão indiferente assim: o corpo aí é palco de um gozo, ainda que descoordenado da significação fálica.

Nosso interesse neste primeiro momento é compreender a função do narcisismo na estruturação do eu, distinguir os diferentes destinos da libido na paranóia e na esquizofrenia para avaliarmos as conseqüências da falha do narcisismo nesta última categoria clínica na qual situamos o diagnóstico de nosso paciente.

Freud (1914:89) define o Narcisismo como “a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através destas atividades”. No entanto, observa ele mais adiante (p.98), certas dificuldades especiais dificultam nosso acesso direto ao narcisismo.

Assim como as neuroses de transferência permitiram a Freud traçar os instintos libidinais, a paranóia e a demência precoce lhe permitirão o acesso à psicologia do eu. Mais uma vez então será preciso recorrer ao campo das patologias para compreendermos os fenômenos normais da mente humana. É assim que Freud iniciará o estudo do narcisismo: em primeiro lugar através do que chamou as parafrenias¹⁰, e em seguida estudando a doença orgânica, a hipocondria e a

¹⁰ É preciso esclarecer que a Freud nunca agradou o termo esquizofrenia. Sabemos que Kraepelin (1905) dava o nome de Demência Precoce a esta patologia, e em 1911, Bleuler, já influenciado pelas idéias psicanalíticas rebatiza o termo dando-lhe o nome de Esquizofrenia, justificando sua utilização pelo fato de que aí haveria uma cisão no psiquismo, uma esquizo que impediria o acesso do sujeito à significação psíquica do delírio. É neste contexto que Freud intervém, apontando uma grande afinidade entre a paranóia e a demência precoce,

vida erótica dos sexos. Salienta que o narcisismo reivindica um lugar no curso regular do desenvolvimento sexual humano, mas observa que num certo tipo de pacientes denominados parafrênicos ou dementes precoces, duas características são marcantes: a megalomania e o desvio de seu interesse do mundo externo- tanto de pessoas como de coisas. Se na neurose, ele observa, o paciente de modo algum corta suas relações com a realidade visto que retém estes objetos na fantasia, com o parafrênico¹¹ a situação é diferente. Ele retira sua libido de pessoas e coisas do mundo externo sem substituí-las por outras na fantasia. Quando realmente as substitui, diz Freud, o processo parece ser secundário e constituir parte de uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir a libido de volta a objetos. (p.91). Freud então se pergunta: o que acontece à libido que foi afastada dos objetos externos na esquizofrenia¹² ?

Ainda neste texto sobre O Narcisismo dirá que a megalomania (supervalorização do eu) característica desses casos aponta o caminho. A libido, afastada do mundo externo, dirige-se para o ego dando margem a uma atitude que chamamos narcisismo. Todavia, continua ele, a megalomania não é nenhuma criação nova: trata-se apenas da ampliação e manifestação de uma condição prévia. Tal constatação o fará propor um narcisismo primário que seria

aventurando-se segundo seu próprio testemunho, a agrupar ambas as categorias sob a designação comum de 'parafrenia'. É preciso salientar que a proposta terminológica de Freud nunca vingou: o termo esquizofrenia é continuamente encontrado em sua obra, ainda que saibamos que quando ele falava do que hoje chamamos paranóia, isto é, do Presidente Schreber, retomava o termo Kraepeliniano *forma paranóide da demência precoce*, e quando falava de esquizofrenia, preferia usar o termo parafrenia. Cf. BRUNO, Pierre. Esquizofrenia e Paranóia. In: PSICANÁLISE E PSIQUIATRIA- Controvérsias e convergências. QUINET, A.(org). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

¹¹ Aqui Freud inequivocamente usa o termo 'parafrenia' no sentido global, aglutinando paranóia e esquizofrenia sob a mesma designação.

¹² Freud parece utilizar a palavra *esquizofrenia* de modo indistinto novamente ao colocar a pergunta. Todavia, há uma nota de pé de página do editor inglês encontrada no texto sobre Schreber que nos é esclarecedora na medida em que localiza 3 tempos da posição freudiana com relação a tal terminologia. Num primeiro momento, até 1913, utiliza o termo 'parafrenia' em substituição à 'demência precoce' e 'esquizofrenia', fazendo distinção com a 'paranóia'. Em 1914 emprega o termo 'parafrenia' em sentido mais amplo, como um termo combinado para abranger tanto 'demência precoce' quanto a 'paranóia'; e em 1916-17, na Conferência XXVI, reúne ambas categorias sob a mesma denominação. Posteriormente, contudo, parece ter abandonado a tentativa de introduzir o termo. (Cf. vol. XII, p.101.)

obscurecido por influências diversas. Haveria então uma catexia libidinal originária do eu, sendo que parte desta seria posteriormente transmitida a objetos.¹³ Freud aqui fará uma analogia¹⁴ entre a libido objetal originária do eu que se dirige para os objetos e os pseudópodos que a ameba produz.¹⁵ As catexias objetais seriam emanções da libido que poderiam ser transmitidas e retiradas novamente, assim como seria possível à ameba avançar e retrair seus pseudópodos. Instala-se assim pela primeira vez uma antítese entre libido do ego e libido objetal: “quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia”. No caso dos sujeitos neuróticos observamos que é justamente quando o sujeito está apaixonado, que a libido do eu se esvazia, dando lugar a um investimento a favor do objeto. No caso do paranóico, continua Freud, temos a condição oposta, ou seja, “é o fim do mundo”¹⁶, já que a energia flui de volta ao eu. A megalomania encontrada principalmente nos sujeitos paranóicos se traduziria como um excesso de libido que ficaria represada no eu. Aqui recolocaríamos a pergunta de Freud a respeito do destino da libido na paranóia e na esquizofrenia propriamente dita, visto que a megalomania é de modo marcante encontrada na paranóia, onde supomos a

¹³ Este ponto constituiu verdadeira polêmica entre a comunidade analítica durante muito tempo e a cisão de Freud com Jung situa-se no fato de que para este último a libido poderia ser identificada ao “interesse geral pelas coisas”, enquanto que para Freud a libido se referia unicamente ao investimento sexual objetal. Cabe ainda lembrar que Freud inicialmente postulava duas classes de instintos separadas, os instintos do eu, identificados às funções de autoconservação, e de outro lado, os instintos sexuais. Todavia, depara-se com o problema colocado pela observação da vida instintual das crianças em suas primeiras fases, onde constatava um ego narcísico, e pelas psicoses, onde a libido sexual refluía para o eu, dando origem ao narcisismo patológico. O impasse se instala quando constata que na verdade, a psicanálise observa a regularidade com que a libido é retirada do objeto e dirigida ao eu, sendo este uma espécie de reservatório verdadeiro e original de onde a libido era posteriormente distribuída aos objetos. A conclusão final a que chega é que não há libido que não seja originalmente do eu, e que não há eu que não contenha componentes libidinais. Não hesita em enfatizar o caráter libidinal dos instintos de autoconservação, interrogando ainda se seria possível a existência de institutos que não fossem libidinais. Assim, a libido narcisista necessariamente tinha de ser identificada com os instintos de autoconservação, e a oposição inicial entre instintos do ego e instintos libidinais acabou por se mostrar inapropriada.

¹⁴ Esta analogia é encontrada tanto no texto sobre o Narcisismo como na Conferência XXVI das Conferências Introdutórias, de 1916-1917.

¹⁵ A posição de Freud sobre o eu enquanto grande reservatório da libido altera-se em diferentes ocasiões. Em *O Eu e o Isso* (1923:60) dirá por exemplo que “bem no início, toda a libido está acumulada no Isso”, depois, “o isso envia parte desta libido para catexias objetais eróticas”, as quais o eu tenta controlar impondo-se ao isso como objeto amoroso: “o narcisismo do eu é assim um narcisismo secundário”. Todavia, em 1938, no *Esboço de Psicanálise* Freud volta à posição anterior dizendo : “a princípio, toda a cota disponível de libido está armazenada no eu”, “chamamos a este estado absoluto de narcisismo primário”, e “ele perdura até o eu começar a catexizar as idéias dos objetos com a libido”. Cf. *O Eu e o Isso*, Apêndice B (o grande reservatório da libido), p.80-83.

constituição de um eu, e raramente na esquizofrenia, onde encontramos as pulsões verdadeiramente desorganizadas.

Freud (p.93) introduz a hipótese de que “uma ação psíquica deveria ocorrer no sentido de unificar as pulsões e provocar o narcisismo”. Ele refere-se a um narcisismo primário e considera que o eu não existe originalmente: é uma instância que deve ser desenvolvida. Esta tese introduzida em 1914 portanto, aponta que antes do eu existiriam apenas pulsões auto-eróticas e uma nova ação psíquica deveria ocorrer, acrescentando-se ao auto-erotismo, para dar forma ao narcisismo. No entanto no texto referido não encontramos desdobramentos que pudessem nos fazer avançar a questão, no que diz respeito ao que aconteceria na esquizofrenia, já que o retorno da libido ao eu e a irrupção da megalomania a rigor se aplicariam melhor ao quadro das paranóias. Retornando não obstante ao caso Schreber, anterior ao estudo sobre o Narcisismo, encontramos a luz necessária. Freud (1911) dirá referindo-se à discussão terminológica a pouco mencionada, que as denominações que damos aos quadros clínicos não são de grande importância, parecendo-lhe apenas que devemos manter a independência da paranóia, ainda que tal quadro possa ser complicado pela presença de características esquizofrênicas. Todavia, se em ambas as moléstias temos o mesmo aspecto principal – desligamento da libido, juntamente com sua regressão para o eu –, a paranóia se distinguiria da demência precoce por ter sua fixação disposicional diferentemente localizada e por possuir um mecanismo diverso de formação de sintomas. Na paranóia este mecanismo seria a projeção¹⁶ e na demência precoce teríamos um mecanismo alucinatório. A outra diferença é que na demência precoce o processo não parece restrito:

...a regressão estende-se não simplesmente ao narcisismo (manifestando-se sob a forma de megalomania), mas a um completo abandono do amor objetal e retorno ao

¹⁶ O “fim do mundo” é uma catástrofe encontrada freqüentemente durante o estado agitado da paranóia. É uma projeção da catástrofe interna: o mundo subjetivo chegou ao fim, desde que o sujeito retraiu seu amor por ele.

¹⁷ Freud faz uma correção relativa ao que havia colocado sobre o mecanismo da projeção dizendo ter sido incorreto falar que na paranóia a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; “a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora”. (p.95)

auto-erotismo infantil. A fixação disposicional deve, portanto, achar-se situada mais atrás do que na paranóia, e residir em algum lugar no início do curso do desenvolvimento entre o auto-erotismo e o amor objetal. (FREUD, 1911: 102)

Um pouco mais tarde, Freud (1915:225) parece nos dar definitivamente a chave do destino da libido na esquizofrenia. Começa por dizer que nos pacientes esquizofrênicos, principalmente nas fases iniciais da doença, observamos um grande número de modificações na fala, que se torna “afetada” e “preciosa”. A construção de suas frases apresenta-se peculiarmente desorganizada e a referência a órgãos corporais ou a inervações mostram-se proeminentes com relação ao conteúdo de suas observações.

Recorre ao caso de uma paciente tratada por Vítor Tausk, encaminhada à consulta após uma discussão com o amante, ocasião em que se queixava de que *seus olhos não estavam direitos, estavam tortos*. A paciente apresenta na ocasião uma série de acusações contra o amante: *não conseguia compreendê-lo, a cada vez ele parecia diferente, era hipócrita; enfim um entortador*¹⁸ *de olhos*. O amante havia então entortado os olhos da moça: ela tinha agora os olhos tortos, não eram mais os olhos dela; agora via o mundo de outra forma. Freud dá aos comentários da paciente valor de uma análise, dizendo que eles lançam luz sobre o significado e a gênese da formação de palavras nos esquizofrênicos, recuperando uma afirmação de Tausk, que dizia que o órgão corporal (o olho) tomava para si a representação de todo o conteúdo (dos pensamentos dela). Aqui, arremata Freud, “a manifestação oral da esquizofrenia exibe uma característica hipocondríaca; tornou-se *‘fala do órgão’*.” A mesma paciente fez uma segunda comunicação: “estava de pé na igreja e de repente sentiu um solavanco: teve de mudar de posição, como se alguém a estivesse pondo numa certa posição, como se ela estivesse sendo posta numa certa posição”. O que Freud sublinha, segundo Bruno (1993,2001:230) é que há aí a predominância da representação de palavra sobre a

¹⁸ Segundo nota acrescentada por Freud, o termo ‘*Augenverdreher*’ tem o sentido figurado de ‘enganador’.

representação de coisa, isto é, aquilo que chamamos de ausência do uso metafórico da linguagem. Ao invés de apreender a expressão do noivo de que ele a “trocou” simplesmente significando que ele a “engano”, a paciente toma a expressão no sentido não metafórico, quer dizer, no sentido físico do termo, o que produz a impressão hipocondríaca de um solavanco físico que a mudou de posição. É a partir daí que Freud pode distinguir o sintoma histérico do sintoma esquizofrênico, dizendo que “uma histérica teria, *de fato*, entortado convulsivamente os olhos”, e no segundo caso, da esquizofrênica de Tausk, teria “dado solavancos, em vez de ter o impulso a agir desta forma ou a sensação de agir desta forma”. São estas as observações que permitem a Freud referir-se a uma “fala hipocondríaca” ou “fala do órgão”:

Na esquizofrenia as palavras estão sujeitas a um processo igual ao que interpreta as imagens oníricas dos pensamentos latentes que chamamos de processo primário. Passam por uma condensação, e por meio do deslocamento transferem integralmente suas catexias de umas às outras. O processo pode ir tão longe, que uma única palavra, se for especialmente adequada devido a suas inúmeras conexões, assume a representação de todo um encadeamento de pensamento.(FREUD, 1915: 227).

Tais considerações nos parecem ser esclarecedoras no caso de Eduardo na medida em que aí não encontramos nenhum tratamento da libido pelo significante, como seria o caso no delírio megalomaniaco. Ao contrário, o retorno da libido para o órgão se traduziria pela angústia hipocondríaca, tão freqüente na clínica da esquizofrenia.

Em Schreber, na primeira fase de sua doença, que podemos considerar como fase esquizofrênica, encontramos inúmeros exemplos neste sentido. Freud (1911) dirá que Schreber, nos primeiros anos de sua moléstia, relatava que alguns de seus órgãos corporais sofreram danos tão terríveis que inevitavelmente levariam à morte qualquer outro homem: por longo tempo viveu sem estômago, sem intestinos, quase sem pulmões, seu esôfago encontrava-se rasgado, sem bexiga e com as costelas despedaçadas; às vezes ao alimentar-se

engolia parte de sua própria laringe. Além disto, sentia em seu corpo a presença de ‘nervos femininos’, num processo de fecundação direta com Deus.

Como dissemos anteriormente, ao estudar o narcisismo a Freud (1914) chama atenção não somente as parafrenias, como também a doença orgânica, o sono, o enamoramento e a hipocondria, na medida em que avalia em todos estes estados uma alteração na distribuição da libido. Dentre estes abordaremos apenas aqueles que julgamos trazer contribuições ao caso em questão. Com relação à doença orgânica, é sabido que uma pessoa atormentada por dor e mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito a seu sofrimento. O homem enfermo, prossegue Freud, retira seu interesse libidinal dos objetos e o retorna para o próprio eu colocando-o novamente para fora quando de sua recuperação. Lembra-nos inclusive do poeta, que quando sofre de dor de dentes concentra sua alma “no estreito orifício do molar”. Lacan assim nos diz sobre “o poeta entrevado” de Wilhelm Bush:

A dor de dentes que ele sente vem suspender todos os seus devaneios idealistas e platonizantes, bem como a sua inspiração amorosa. Esquece o curso da bolsa, os impostos, a tábua de multiplicação, etc. Todas as formas habituais do ser encontram-se de repente sem atração, nadificadas. E agora, no buraquinho, habita o molar. O mundo simbólico do curso da bolsa e da tábua de multiplicação é inteiro investido na dor. (LACAN, 1952-3: 153)

O que se observa nestes estados é a impossibilidade de distinguir a libido e o interesse do eu, visto que partilham do mesmo destino. Por sua vez a hipocondria, do mesmo modo que a doença orgânica, manifesta-se em sensações corporais penosas e aflitivas, apresentando o mesmo efeito que a doença orgânica na distribuição da libido. O hipocondríaco retiraria tanto o interesse e de modo mais acentuado a libido do mundo externo, concentrando ambos no órgão que lhe chama atenção. As observações de Freud ganham para nós neste ponto todo o seu relevo, na medida em que no caso de Eduardo encontramos uma situação similar. Eduardo

repetidamente danifica um órgão corporal, seja o pênis, o ânus, a cabeça, ou o tórax, concentrando em qualquer destes toda sua libido. Passa dias comentando sobre o órgão atingido e adoecido, isto se torna seu único assunto. Basta que o órgão se recupere para que o atinja de novo. Trata-se de um acontecimento que sem dúvida proporciona algum alívio. Poderíamos aí reconhecer – apesar do alívio relatado pelo paciente – o que Freud chamou angústia hipocondríaca?

Mas Freud vai adiante. Observa que o protótipo familiar de um órgão que é dolorosamente delicado, que de alguma forma é alterado, mas que não está doente no sentido comum do termo é justamente o órgão genital excitado, que se torna sede de numerosas sensações. Trata-se do que já havia mencionado em 1905 sobre a erogenicidade dos órgãos: outras partes do corpo podem atuar como zonas erógenas, substituindo os órgãos genitais e comportando-se analogamente a eles. Para cada uma das modificações na erogenicidade dos órgãos, diz Freud, poderíamos verificar uma modificação paralela da catexia libidinal do eu. Tais fatores permitem a Freud desfazer a diferença que havia sugerido inicialmente entre a doença orgânica e a hipocondria, na medida em que nesta última não estariam a princípio implicadas modificações orgânicas. A excitação de um órgão e sua profunda alteração neste estado sem que esteja necessariamente doente, o autoriza enfim concluir que na hipocondria encontramos uma importante alteração na distribuição da libido tal como seria produzida por uma doença material dos órgãos.

A título de finalização gostaríamos de partilhar uma interrogação surgida ao longo destas elaborações. No caso Eduardo deveríamos falar de um distúrbio da libido ou seria mais pertinente falarmos de um distúrbio do eu? A questão surge na medida em que é justamente a pulsão de autopreservação (do eu) que se encontra seriamente comprometida, tais são os danos que inflige ao corpo próprio perfurando-o, rasgando-o, introduzindo objetos e

substâncias. O que haveria acontecido então com as pulsões do eu neste caso? Estariam ausentes? Uma elaboração de Freud (1916-7:500-1) nos indicará o caminho, ao responder à inquietação daqueles que o interrogam se seria possível submeter todos os distúrbios das doenças narcísicas e das psicoses à teoria da libido. É nestes termos que Freud formula o problema: “é possível considerar o fator libidinal na vida mental universalmente culpado da causação da doença ou deveríamos antes atribuir a responsabilidade pela mesma a uma modificação na pulsão de autopreservação?”

Freud responde apontando que não se surpreenderia caso verificasse que o poder de produzir efeitos patogênicos fosse uma prerrogativa das pulsões libidinais, celebrando sua vitória numa extensão que vai desde a mais singela neurose até a mais perturbada personalidade. Considera enfim a probabilidade de que as pulsões do eu sejam arrastadas de modo secundário pela “instigação patogênica da libido”, levando o eu a graves perturbações funcionais, fazendo com que as pulsões do eu percam sua orientação.

Através deste percurso em Freud nos foi possível localizar duas questões neste caso: a primeira, que diz respeito a uma falha no narcisismo (uma espécie de buraco na imagem global) com sua conseqüência, a desorientação das pulsões de autopreservação, e a segunda, o retorno da libido em direção ao órgão, solidário dos fenômenos hipocondríacos.

Estaríamos portanto, de acordo com a teoria da libido, diante de um caso de esquizofrenia, no qual o sujeito produz um adoecimento dos órgãos sob a modalidade hipocondríaca. A cada vez que as coisas caminham bem, como diria o sujeito, “sem crises”, freqüentando o serviço e mantendo uma tênue regularidade no contato com a analista, ou seja, esboçando algum tipo de enlaçamento, bruscamente irrompe algo da pulsão silenciosa, fazendo a libido refluir para o órgão. É neste ponto, a cada vez, que a análise se interrompe. Diante da impossibilidade de

tratar da libido de modo delirante, enlaçando-se com o outro, assistimos o retorno ao auto-erotismo infantil, onde silencia o sujeito e fala o órgão.

2.1.2 O Estádio do Espelho em Lacan

2.1.2.1 Estádio do Espelho: autonomia do imaginário

Encontramos em Dessal (2001:43) uma importante chave para iniciarmos nosso percurso, indicando-nos que a primeira elaboração de Lacan sobre o Estádio do Espelho compreende o período de 1949 a 1953, tendo como textos norteadores *A Agressividade em Psicanálise* (1948), o próprio *Estádio do Espelho como formador da função do eu* (1949) e por fim o *Seminário I* (1953). Trata-se de um tempo onde o imaginário é concebido como “um registro de pureza autônoma, constituindo-se por si mesmo através de um jogo dialético entre o eu que deve estruturar-se e a imagem do semelhante”. É decisivo ainda o fato de que Lacan dá uma ênfase radical ao visual na estruturação da experiência especular: é portanto fundamental que o sujeito veja. Outro aspecto muito enfatizado, prossegue Dessal, é o fato de que a imagem do semelhante se apresenta como imagem total, uma boa forma, em contraposição à experiência subjetiva do próprio corpo numa etapa onde a marca é a prematuração biológica. Trataria-se neste momento para Lacan de uma causalidade biológica: a fragmentação do corpo teria uma raiz orgânica, correspondente às vivências de despedaçamento corporal.

Lacan (1949) assinala a importância dessa nova ação psíquica a que Freud havia se referido, dando a ela o nome de Estádio do Espelho. Esta nova ação psíquica se traduziria numa passagem do auto-erotismo ao narcisismo. Lacan dirá que o filhote do homem, na mais tenra idade, difere-se do animal por reconhecer muito cedo sua imagem no espelho, ainda que sua inteligência nesta época seja superada pelos chimpanzés. Entre o sexto e o décimo-oitavo mês

de vida, profundamente imaturo fisiologicamente, sem poder contar com o controle da marcha e de seus movimentos, sem poder sequer contar com a postura ereta, o bebê humano, suportado por um outro, encontra-se com sua imagem refletida no espelho – trata-se de um verdadeiro acontecimento, onde num aspecto instantâneo, fixa algo de sua imagem. É assim que o Estádio do Espelho será entendido como uma identificação, no sentido em que há uma transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem. Esse sujeito, mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação jubila com sua imagem refletida no espelho.

Lacan situará o Estádio do Espelho como matriz simbólica em que “o *je* (eu) se precipita numa forma primordial, antes mesmo de se objetivar na dialética de sua identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua sua função de sujeito”. (p.98). O Estádio do espelho cumpriria então uma função de normalização libidinal, colocando o eu no entanto numa linha irreduzível de alienação. Esta imagem que o bebê vê refletida no espelho lhe antecipa a forma total do corpo, congelando-a mentalmente. Uma forma mais constituinte que constituída, apesar de sua insuficiência orgânica e de sua discordância com a realidade. Esta forma total do corpo, que, aliás, deveria ser designada de Eu Ideal, é a origem das identificações secundárias e é assegurada por uma *Gestalt*, em oposição à turbulência dos movimentos que o animam e que ele experimenta. No entanto, Lacan observa, a capacidade que uma *Gestalt* tem de produzir efeitos formadores sobre o organismo também pode ser atestada através da experiência com animais. Com as pombas, por exemplo, basta-lhe a visão de um congênere de sua espécie- não importando o sexo – para que se processe a maturação de sua gônada sexual. O mesmo efeito podendo ser inclusive obtido pela simples colocação do indivíduo ao alcance de reflexão de um espelho.

Tais considerações nos permitirão reconhecer um poder de captação espacial extraordinário manifestado pelo Estádio do Espelho. No homem, com efeito, este poder é tal que permite ao pequeno bebê passar de um estado de insuficiência orgânica ao estabelecimento de uma relação com a realidade. É por isto que falamos em discórdia primordial: a captação da imagem do outro fornece ao bebê uma unidade que não obstante é discordante por relação ao inacabamento de seu sistema piramidal. Assim fala Lacan:

... o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação- e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica- e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (LACAN, 1949: 102)

A experiência da psicanálise portanto, em oposição à tradição da Psicologia do Ego, nos dissuade de tomar o eu como centrado no *sistema percepção-consciência* e nos indica que devemos partir da função de desconhecimento que o caracteriza em todas as suas estruturas.

O preço que se paga para sair da experiência de fragmentação é debitado na conta do eu: de um lado arrolado no engodo da totalidade fornecida por sua imagem refletida no espelho, e de outro, para sempre alienado na imagem do outro que o perseguirá como uma sombra, ao mesmo tempo igual e rival. Segundo Dessal (2001) se podemos supor que a experiência jubilosa de assumir a imagem consiste na superação da discordância neurológica, há nesta etapa das elaborações de Lacan quase uma proposição de equivalência entre os termos corpo e imaginário: o corpo é o imaginário.

2.1.2.2 O Estádio do Espelho e o Esquema Ótico: subordinação do imaginário ao simbólico

A partir de 1953 encontramos uma segunda elaboração de Lacan, correspondente ao seu Seminário II, e ao o escrito sobre *A Carta Roubada*, culminando em outro escrito, intitulado *Observações sobre o Informe de Daniel Lagache*. Se no primeiro período concernente ao Estádio do Espelho tratava-se de uma alienação imaginária, agora, a partir da definição de que “o inconsciente é o discurso do Outro”¹⁹, será preciso acrescentar uma segunda alienação, agora referida ao simbólico. Isto será patente no texto sobre Lagache, onde vemos todo o esforço de Lacan (1960) no sentido de verificar a incidência do simbólico sobre o imaginário, a determinação do significante sobre o significado. Todo o trabalho de Lacan aí irá no sentido de objetar a tentativa de Lagache de estruturar a personalidade na perspectiva da intersubjetividade. Lacan insistirá no fato de que mesmo no Estádio do Espelho, “uma vez que se trata de discurso, essa conjunção sempre existiu, considerando que o discurso esteve ali desde o começo, nem que fosse em sua presença impessoal” (p.661). Aponta sua divergência com Lagache, na medida em que para este último a intersubjetividade se define numa relação com o outro do semelhante; relação simétrica, onde através do outro o sujeito aprende a se tratar como objeto. “Para nós”, prossegue Lacan, “o sujeito tem que surgir do dado dos significantes que o abarcam num Outro que é o lugar transcendental destes, através do que ele se constitui numa existência em que é possível o vetor manifestamente constitutivo do campo freudiano da experiência; ou seja, aquilo a que se chama desejo”.(p.662)

Retomará então o esquema ótico utilizado no primeiro ano de seu seminário em Sainte-Anne, para apontar a clivagem entre o simbólico e o imaginário. Trata-se da chamada ilusão do buquê invertido, descrita por um físico de nome Bouasse, mas que Lacan transforma em vaso

¹⁹ Lacan define o Outro como o lugar da fala, lugar de onde se articula o discurso do inconsciente. Esse Outro que não sabemos como acolhe nossa demanda, torna-se *unbewusst*, presentificando-se em nós pelo simples fato de que nesse lugar da fala damos vida a um Outro capaz de nos responder. Cf. LACAN, J. O seminário, livro V, As Formações do Inconsciente, p.488.

invertido por razões de comodidade. A experiência de Bouasse consiste em colocar uma caixa oca sobre uma base no centro de uma semi-esfera (espelho côncavo). Em cima da caixa coloca-se um vaso e embaixo um buquê invertido. Se o sujeito situa-se em um determinado ponto, de onde não vê o buquê real, o que verá aparecer é um vaso que contém o buquê. O vaso será reproduzido e envolverá o buquê dando-lhe estilo e unidade- reflexo da unidade do corpo. Todavia há aí uma sensação de realidade e ao mesmo tempo algo estranho, na medida em que os raios não se cruzam bem. Uma distorção tolerável amenizada pela distância: quanto mais longe o observador, mais completa será a ilusão. É um primeiro modelo deste esquema, destinado a mostrar como o sujeito fica iludido por uma imagem que funciona para ele como objeto. Segundo Lacan este esquema permite ilustrar de forma simples o que resulta da intrincação estreita do mundo imaginário e do mundo real na economia psíquica.

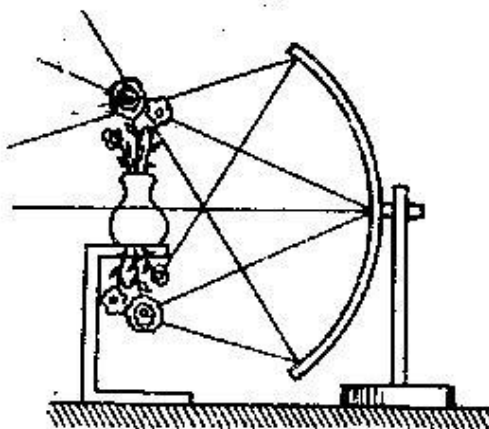


FIGURA 1 – O experimento do buquê invertido

Fonte: LACAN, J. *O Seminário I*. 3 ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986. p.94.

Lacan irá modificando este esquema acrescentando posteriormente um espelho plano no lugar onde antes aparecia um olho, ou seja, no lugar onde antes se via a ilusão ótica. Modifica também a posição do olho, que na experiência representa o sujeito, situando-o agora na borda superior do espelho esférico. Ao mesmo tempo introduz a questão dos “Dois Narcisismos” para falar da relação entre a constituição da realidade e o relacionamento com a forma do

corpo. O primeiro narcisismo se relaciona a imagem corporal. Essa imagem é idêntica para o conjunto dos mecanismos do sujeito e dá sua forma ao seu *Unwelt*, na medida em que ele é homem e não cavalo. É uma imagem que faz a unidade do sujeito, permitindo-lhe organizar o conjunto da realidade num certo número de quadros pré-formados. Segundo Viscasillas (2001:89), o *Unwelt* (mundo circundante do animal) não é a realidade como objetiva, mas se constitui pela forma corporal de cada espécie: “assim, nem para os animais que vivem na selva existe ‘uma realidade’ que seja como tal a selva; a selva será distinta para cada espécie animal segundo seja ‘seu narcisismo’, ou seja, segundo a projeção de sua específica forma corporal”.

Lacan (1953-4) nos diz que se no animal há uma adaptação deste ao *Unwelt*, na medida em que existe uma correspondência entre sua estrutura imaginária e seu ambiente, no homem isto não se passa. Vejamos pois esta distinção:

No mundo dos seres vivos só o parceiro da mesma espécie pode desencadear o comportamento sexual, o que nos autoriza dizer que neste mundo, todo o ciclo do comportamento sexual é dominado pelo imaginário. Do lado do animal há uma coincidência da imagem com um objeto real que a reforça, dando-lhe corpo, encarnação. Os comportamentos animais serão então guiados até seu objeto, através da intermediação da imagem.

No mundo dos seres vivos-falantes, diferentemente, as manifestações da função sexual são marcadas por uma desordem constante. Como diz Lacan, há aí uma espécie de fragmentação, de explosão, de despedaçamento, de inadequação. O que poderia fazer com que essa imaginação em desordem se ordenasse? É precisamente aí que Lacan introduz a função do

outro²⁰, do outro humano. Sua reflexão no espelho introduz o que Lacan chama de segundo narcisismo, cuja referência fundamental é a relação ao outro. Este outro tem para o homem um valor cativante pois que antecipa sua imagem tal como é percebida no espelho unitariamente. Trata-se da identificação narcísica: é a identificação ao outro que permite situar a relação imaginária e a libido ao mundo em geral.

No segundo esquema ótico Lacan introduzirá como dissemos anteriormente um espelho plano para introduzir a função do Outro. O que verá então o sujeito representado por este olho? Sua própria cara, lá onde não está. Em segundo lugar, a imagem virtual como imagem real. Este espelho plano representa a mediação do Outro, meio através do qual o sujeito poderá encontrar sua própria imagem, mas também o que separa o sujeito de sua imagem. Existiria ainda uma outra modificação importante a ser considerada no esquema, que diz respeito à variação da posição do espelho. Se giramos o espelho plano, o que acontece? Modifica o fundo, o que o sujeito pode ver no fundo, por exemplo, ele mesmo. E modifica também a imagem. O funcionamento deste modelo de um lado abarca a função de desconhecimento instaurada como princípio na formação do eu durante o Estádio do Espelho e por outro,

o que o modelo também indica, pelo vaso oculto na caixa, é o pouco acesso que o sujeito tem à realidade desse corpo, perdida por ele em seu interior, no limite em que redobra de camadas coalescentes a seu invólucro, e vindo costurar-se neste em torno dos anéis orificiais, ele o imagina como uma luva que pode ser virada ao avesso. Existem técnicas corporais em que o sujeito tenta despertar em sua consciência uma configuração desta obscura intimidade. Por estar longe de ter a ver com elas, o processo analítico, como se sabe, escande o progresso libidinal com ênfases colocadas no corpo como continente e em seus orifícios. (Lacan: 1960: 683).

Assim, para além de um eu estruturado na perspectiva do espelho Lacan quer introduzir aí a anterioridade do simbólico, mostrando que o simbólico estava lá, desde sempre. É preciso

²⁰ Note-se que aqui, se tomamos como referência o Seminário I, Lacan fala do outro enquanto função simbólica, mas ainda não grafa o outro com a letra O maiúscula. No texto sobre Lagache (1960) entretanto já encontraremos Outro com maiúscula em todas as passagens onde se trata de diferenciar o eu imaginário do eu atravessado pela presença do Outro.

entrementes, para uma psicanálise que quer conquistar o inconsciente, não denegar que seu meio seja a fala, mais ainda, que a psicanálise seja capaz de reformular um Eu constituído em seu estatuto imaginário. Essa “mola da fala”, dirá Lacan, nós a designamos com um A maiúsculo- lugar que corresponde em nosso modelo, ao espaço real ao qual se superpõem as imagens virtuais “por detrás do espelho”. Novamente citamos Lacan:

(...) seria um erro acreditarmos que o Outro maiúsculo do discurso possa estar ausente de alguma distância tomada pelo sujeito em sua relação com o outro, que se opõe a ele como o pequeno outro, por ser o da díade imaginária. (...) É que o Outro em que o discurso se situa, sempre latente na triangulação que consagra esta distância, não o é a tal ponto que não se exponha até mesmo na relação especular em seu momento mais puro; no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo ela já estava. (1960:685)

Assim, a função do modelo ótico é dar uma imagem de como a relação com o espelho, isto é, de como a relação imaginária com o outro e a captura do Eu Ideal servem para arrastar o sujeito para o campo em que ele se sedimenta no Ideal do eu.

Todo este trajeto no *Informe sobre Daniel Lagache* nos parece útil na medida em que aí Lacan se debruça sobre a diferenciação feita por Freud ao final do texto sobre o Narcisismo, onde diferencia Eu Ideal e Ideal do Eu, como que mostrando-nos que a relação entre os dois não pode ser pensada sem a presença de um elemento regulador, simbólico, que é o Ideal do Eu.

Então, o corpo, como consistência imaginária está determinado pela incidência de um suporte simbólico, já que sem esse suporte simbólico não se pode constituir sua consistência imaginária. Para finalizar isto que chamamos desdobramento do Estádio do Espelho, diremos que o Um do corpo se funda no Um da marca simbólica; não existindo portanto um imaginário autônomo e sim um imaginário que só pode funcionar subordinado ao simbólico.

Este último desdobramento do esquema ótico apontará então que o Outro sempre esteve latente mesmo na relação especular no seu momento mais puro: a criança diante do espelho, quando se volta para aquele que a segura, apela com seu olhar pedindo um testemunho que confirme o reconhecimento de sua imagem. Há aí uma anterioridade da presença do Outro no espelho que devemos tomar como uma anterioridade lógica. Estaria aí a colocação em jogo da antecipação-retroação com respeito à constituição da imagem. Outra maneira de nos referirmos a este ponto é dizendo que a ordem imaginária não poderia estruturar-se somente com o Estádio do Espelho: é preciso também o Ideal do Eu. O Eu Ideal fica aqui situado no plano do imaginário, como captação da forma completa e o Ideal do Eu do lado do simbólico, lá onde encontramos a mediação do Outro. (VISCASILLAS, 2001)

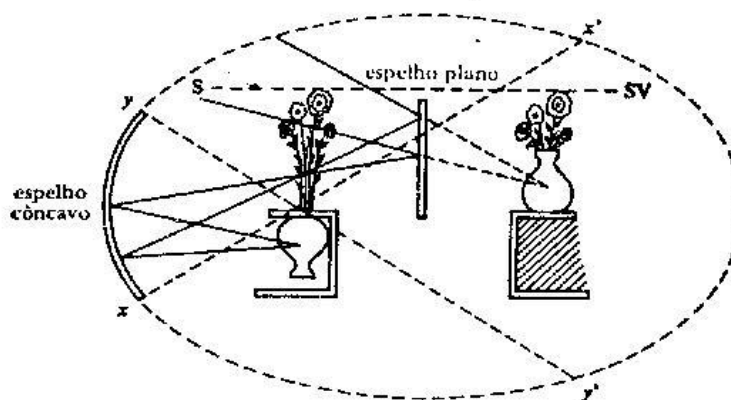


FIGURA 2 – Esquema simplificado dos dois espelhos

Fonte: LACAN, J. *O Seminário I*. 3 ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986. p.163.

2.1.2.3 O Estádio do Espelho: o encobrimento da falta fálica e a manipulação do objeto *a*

Finalmente é possível ainda estabelecer um terceiro tempo nas elaborações de Lacan sobre o Estádio do Espelho, entre os anos de 1964 e 1966.

Em um pequeno texto intitulado *De Nossos Antecedentes* Lacan parece apontar para uma “crise” com relação à causalidade biológica, até então razão da antecipação da forma do corpo no espelho, em oposição à prematuridade do nascimento. No lugar da prematuridade biológica enquanto causa da antecipação formal, vemos surgir agora a função da falta. Aqui trata-se não mais da falta decorrente da inanição da imagem mas da falta fálica. Torna-se necessário então avaliar o lugar que esta falta pode assumir numa cadeia causal. É pois justamente o encobrimento desta falta que nos revelará o segredo da jubilação narcísica. Lacan assinala: “o que se manipula no triunfo da assunção da imagem do corpo no espelho é o mais evanescente dos objetos, que só aparece à margem; a troca dos olhares, manifesta na medida em que a criança se volta para aquele que de algum modo a assiste, nem que seja apenas por assistir a sua brincadeira”.²¹

Trata-se nesta passagem de considerar o privilégio do olhar enquanto objeto pois a criança antes de tudo é olhada. Lembra-nos de um filme a que teria assistido e que havia mostrado aos seus olhos uma menina nua diante do espelho: suas mãos, como num relâmpago, apressam-se a encobrir desajeitadamente a falta fálica. O que quer que no entanto cubra esta falta, introduzirá o poder enganador de desviar a alienação que já situa o desejo no campo do Outro. É que este outro que a constitui, que lhe impõe uma fascinação dual, a olha primeiro. Isto é o que permitirá Lacan a advertir-nos de não nos enganarmos quanto a qualidade de vidente. Neste sentido, até mesmo os cegos poderiam fazer uma experiência especular e adquiririam sua forma pela via da elaboração deste objeto primordial que é o olhar. O que lhes permitiria fazer tal travessia é o fato de que antes de ver sou objeto do olhar do Outro.

Antes disto, porém, já abordava de maneira contundente a questão do olhar enquanto um dos objetos contornados pela pulsão²². Dedicará boa parte do Seminário XI a deslindar as relações

²¹ LACAN, J. *Escritos*. p.74

²² LACAN, J. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. p.73

entre o olho e o olhar, ao que deu o nome de esquizo do sujeito no campo da pulsão escópica. Esta esquizo seria uma separação primitiva de um objeto privilegiado, uma auto-mutilação induzida pela aproximação do real, a que a álgebra lacaniana deu o nome de objeto a^{23} . O sujeito, surpreendido por este olhar do qual encontra-se separado, tenta acomodar-se a ele, tornando-se ele mesmo este olhar. Segundo Lacan,

...de todos os objetos nos quais o sujeito pode reconhecer a dependência em que está no registro do desejo, o olhar se especifica como inapreensível. É por isto que ele é, mais que qualquer outro objeto, desconhecido, e é talvez por esta razão também que o sujeito consegue simbolizar com tanta felicidade seu próprio traço evanescente e punctiforme na ilusão da consciência de *ver-se vendo-se*, em que o olhar se elide. (LACAN. 1964-6: 83)

Neste seminário, atravessado do início ao fim pela questão do olhar enquanto um dos objetos da pulsão, encontramos inúmeras referências à Maurice Merleau Ponty, filósofo muito próximo a Lacan, que havia falecido cerca de três anos antes. Esta extensa referência à Merleau-Ponty não deve, no entanto ser entendida simplesmente como um simples efeito de uma amizade que ligava os dois pensadores.²⁴ Segundo Baas (1995) a fenomenologia de Merleau Ponty interessava a Lacan na medida em que tangenciava o horizonte de sua pesquisa sobre aquilo que tornava possível a experiência, mais ainda sobre aquilo que precedia o acontecimento do sujeito tornando-o possível. Interessa-nos aqui recuperar algumas demarcações feitas por tal filósofo na medida em que podemos aí encontrar uma teoria do corpo, que certamente não escapou a Lacan.

Entre 1960 e 1965 Lacan elabora as noções sobre a Coisa e o objeto a , sendo possível avaliar a influência da última filosofia de Merleau-Ponty, presente em *O Visível e o Invisível*, sobre a construção do conceito de objeto a .

²³ O objeto a é algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão. Isso vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas fazendo falta. É então preciso que isso seja um objeto-primeiramente, separável- e depois, tendo alguma relação com a falta.(p.101)

²⁴ BAAS, B. *Notre Étoffe. Lacan et Merleau-Ponty*. Tradução minha.

Já na *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1945) fala de “pré-história” do sujeito como um tipo de “tradição pré-pessoal”, antes mesmo da separação do sujeito e do objeto. Seguindo a trilha de Husserl, recusará os aspectos da consciência (o *percipiens*) presentes na percepção e sustentados pela tradição fenomenológica, para interrogar o fenômeno em si a nível do *perceptum*. Para apreender o fenômeno em sua emergência original será preciso situá-lo num nível anti-predicativo, anterior a qualquer reflexão. Segundo Quinet, (2002:38) “trata-se para ele, de apreender o fenômeno em seu nível mais radical, lá onde o horizonte da objetividade nem está tematizado por uma consciência, e onde a individualidade do objeto enquanto coisa ainda não está envolta por um conjunto de determinações de ordem predicativa.” É um mundo originário da percepção, anterior à qualquer predicação e reflexão embora não se trate de um mundo anterior à linguagem. O próprio Merleau-Ponty entende que não há experiência sem palavra, que a vivência pura não existe mesmo na vida falada do homem²⁵. Assim, diferentemente da fenomenologia tradicional, a percepção da realidade para Merleau-Ponty não é unívoca, estando esta na dependência do *ponto de vista*. Lacan (1957) a propósito das psicoses apontará que o fenômeno já está estruturado pelas relações significantes que estruturam o simbólico. O *perceptum* (objeto percebido) tem uma estrutura de linguagem visto que está na dependência do *percipiens* (sujeito da percepção) que habita o universo discursivo. Não há pois como pensar um momento perceptivo que estaria fora do jogo do simbólico: mesmo os dados anteriores à consciência, ainda sem significação, já se encontrariam enredados à trama significante. Lacan portanto retomará a orientação fenomenológica husserliana que inclui o sujeito no fenômeno, embora o sujeito de que se trata não seja um sujeito unificado e sim dividido e determinado pela linguagem. Tal divisão deixará marcas no percebido, que por sua vez não poderá ser tomado como unívoco, visto estar estruturado pelos significantes que organizam a experiência em si. É então que a

²⁵MERLEAU- PONTY. Op. Cit., p.388.

equivocidade do significante repercutirá na realidade percebida pelo sujeito. Esta estrutura da linguagem deixará suas ressonâncias tanto no sujeito que percebe quanto no objeto percebido. Ainda segundo Quinet (2002:39), depreendemos a ambigüidade do *perceptum* na experiência da alucinação auditiva, posto que “um significante pode remeter a vários significados e essa equivocidade encontra seu correlato no sujeito que, longe de ser unificador, capaz de operar a síntese subjetiva do que percebe, se divide quanto à atribuição de diversos sentidos.”

É preciso salientar, no entanto que esta equivocidade passa despercebida ao sujeito, visto que o eu, instância imaginária por excelência que pode ser comparada à consciência, surge para usurpar o lugar do sujeito, deixando-o iludido de ser unificador e fonte de síntese. É o Um da imagem velando a divisão do sujeito.

Mais tarde em *O Visível e o Invisível* (1964), trabalho póstumo e inacabado do filósofo ao qual Lacan visita do início ao fim nos *Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, Merleau-Ponty (1971:133) falará da “bifurcação do sujeito e do objeto”, determinando um certo modo de relação ao mundo, não cessando seguidamente de determinar secretamente esta relação. Como diz Merleau-Ponty, este sujeito de algum modo “pré-subjetivo”, este X, é justamente o corpo. Todavia, é preciso compreender que não se trata deste corpo que apreendemos na experiência cotidiana, como um tipo de instrumento perceptivo, distinto do mundo percebido. Neste trabalho póstumo, segundo Baas (1995:48) se trata do corpo que ainda não é distinto disto que nós vemos numa relação de exterioridade como estando no mundo. É algo que ele designa às vezes como “pré-humano”. Isto que designava algumas vezes como “pré-subjetivo”, agora, a partir de uma ontologia do corpo, passará a designar como sendo “a carne” (*la chair*), permitindo a Baas supor uma relação entre a carne e aquilo que Freud e Lacan chamaram A Coisa. É justamente esta última meditação de Merleau-Ponty,

contemporânea de sua amizade com Lacan, que vemos referida numerosas vezes quando se trata de tomar no Seminário XI o olhar enquanto objeto *a*.

Deste modo, trata-se para Merleau-Ponty de pensar o corpo não enquanto corpo biológico e sim enquanto carne; algo que é ontologicamente anterior à distinção entre objeto sensível e sujeito que sente, entre o visível e aquele que vê (o vidente). Assim, a carne é aquilo que precede e ao mesmo tempo preside a distinção ou a separação entre o visível e o vidente. A carne portanto é uma espécie de ponto de contato entre o corpo e o mundo, entre o sujeito e o mundo que Merleau-Ponty deu o nome de *quiasma* ou entrelaçamento. Para ele o corpo é ao mesmo tempo sensível e sentiente, ele é visto e vê, ele toca e é tocado. Uma relação entre a ordem sensível e a ordem sentiente explicada segundo o que chamou de uma topologia do entrelaçamento: de um lado, o corpo faz parte das coisas sensíveis, mas como ele ao mesmo tempo sente, marca com esta característica de sentiente todo o sensível. De outro lado, e inversamente, o corpo é da ordem do que sente, mas como é ao mesmo tempo sensível, ele marca com esta característica sensível o próprio sujeito.²⁶

Bernard Bass observa que o ponto de interseção deste quiasma pré-figura alguma coisa do objeto *a*, pois que localizamos aí o lugar da reversibilidade do sensível em direção ao que sente e do que sente e direção ao sensível.

De fato, num primeiro momento Merleau-Ponty irá abordar esta lógica do quiasma através de uma topologia das duas folhas :

Dizemos, assim, que nosso corpo, como uma folha de papel, é um ser de duas faces, de um lado, coisa entre as coisas e, de outro, aquilo que as vê e as toca; dizemos, porque é evidente, que nele reúne essas duas propriedades, e sua dupla referência, isso não pode vir de um acaso incompreensível. Ele nos ensina que uma referência chama a outra. (MERLEAU-PONTY, 1971:133).

²⁶ BAAS, Bernard. Op. Cit. p.49.

Aqui o essencial está neste cruzamento, neste duplo movimento entre o sensível e o que sente. Todavia, mais que uma simples relação de reciprocidade entre um e outro, é preferível falar de um duplo engendramento de um pelo outro, de modo que sua união não advém secundariamente, ela sempre esteve lá. Então, o próprio Merleau-Ponty (1971:134) dirá que

não cabe mesmo dizer, como o fizemos a pouco, que o corpo é feito de duas faces, sendo uma, a do 'sensível', solidária com o resto do mundo: nele não há duas camadas ou duas faces, e ele não é, fundamentalmente, nem apenas coisa vista nem apenas vidente, é a Visibilidade ora errante ora reunida e, sob esse aspecto, não está no mundo, não retém, como num recinto privado, sua visão do mundo: vê o próprio mundo, o mundo de todos, e sem ter que sair de 'si', porque não é inteiro, porque suas mãos, seus olhos nada mais são do que essa referência de um visível, de um tangível-medida a todos os semelhantes, dos quais recolhe o testemunho, por um passe de mágica que é a própria visão e o próprio tato.

Esta topologia das duas faces mostra-se assim inadequada pois que implica a idéia de justaposição, como se o olhar partisse do eu que sente para se refletir sobre o sensível. Seria uma topologia ingênua que faria do corpo um envelope da alma, como sugere a idéia corrente do olho como "janela da alma". É por isto que se faz necessário passar a um outro modelo topológico. Vejamos a proposta de Merleau-Ponty (1971:134):

Falar de camadas ou faces é, ainda, achatar e justapor, sob o olhar reflexivo, o que coexiste no corpo vivo e ereto. Se o que se quer são metáforas, seria melhor dizer que o corpo sentido e o corpo que sente são como o direito e o avesso, ou ainda, como dois segmentos de um único percurso circular que, do alto, vai da esquerda para a direita e, de baixo, da direita para a esquerda, constituindo, todavia, um único movimento em duas fases. Ora, tudo o que se diz do corpo sentido repercute sobre todo o sensível e, graças ao mesmo movimento, incorpora-se a si mesmo num 'Sensível em si'.

Merleau-Ponty rejeita, portanto os preconceitos seculares que colocam o corpo no mundo e o vidente no corpo ou, ao contrário, o mundo e o corpo do vidente, como numa caixa. Para ele o corpo como coisa visível está contido no grande espetáculo, tornando difícil demarcar o limite do corpo e do mundo já que o mundo é carne. Há uma recíproca inserção e entrelaçamento de um no outro. Propõe renunciarmos ao pensamento por planos e perspectivas, sugerindo-nos

pensar a partir de dois círculos, de dois turbilhões ou duas esferas concêntricas, levemente descentrados um relação ao outro.

Para Baas esta imagem proposta por Merleau-Ponty dos dois círculos entrelaçados é exatamente o que se obtém no duplo recorte de uma banda de Moebius, fazendo-nos pensar que tal figura topológica não estava ausente das preocupações topológicas de Merleau-Ponty e que haveria uma extrema proximidade desta lógica da carne e disto que a psicanálise chama A Coisa. O que se anuncia como o fundo ou os bastidores da elaboração lacaniana sobre o objeto a presente nos *Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*.

O corpo então para Merleau-Ponty não é matéria, não é espírito e nem é substância. O conceito de carne nos remete a esta dupla incorporação que ele designa finalmente como um “enrolamento” do visível sobre o vidente: (a carne)

consiste no enovelamento do visível sobre o corpo vidente, do tangível sobre o corpo tangente, atestado sobretudo quando o corpo se vê, se toca vendo e tocando as coisas, de forma que, simultaneamente, *como* tangível, desce entre elas, *como* tangente, domina-as todas, extraíndo de si próprio essa relação, por deiscência ou fissão de sua massa”.(MERLEAU-PONTY, 1971: 141).

É preciso aqui notar o termo usado pelo filósofo: deiscência. Trata-se de um termo utilizado em botânica para designar a ruptura do fruto deixando escapar fora dele sua própria carne e se deixando recobrir por ela. “O que chamamos carne”, ele insiste, “essa massa interiormente trabalhada, não tem, portanto nome em filosofia alguma.” (p.142). Como diz numa nota de 1960, é “a polpa mesma do sensível, o seu indefinível, não é outra coisa senão a união nele do ‘dentro’ e do ‘fora’, o contato em espessura de si consigo”, no que chama de uma “explosão estabilizada que comporta retorno”. (p.240). O que está em jogo é a idéia de circularidade ou melhor, um enovelamento sobre si mesmo em virtude de sua própria incisão, tornando ao mesmo tempo e num mesmo movimento um visível vidente e um vidente visível. É por isto que será preferível falar não de um procedimento mútuo e sim de uma lógica daquilo que

retorna sobre si mesmo. Merleau-Ponty seguidamente utilizará o termo de reversibilidade, a partir da metáfora da luva: “o dedo da luva que se põe do avesso – não há necessidade de um espectador que esteja dos dois lados. Basta que, de um lado, eu veja o avesso da luva que se aplica sobre o direito, que eu toque um por meio do outro (...) o quiasma é isto: a reversibilidade.” (nota de novembro/1960. p. 237). Lacan por sua vez, retoma a metáfora do dedo de luva, “na medida em que aí parece despontar – vejamos de que modo o couro é invólucro das luvas de inverno – que a consciência, em sua ilusão de ver-se vendo-se, encontra seu fundamento na estrutura em reviravolta do olhar.”(1964:82).

É enfim por esta estrutura de circularidade, de reversibilidade, de entrelaçamento do corpo no mundo e do mundo no corpo, que Lacan poderá dizer que o olhar veste o mundo ou as coisas com sua carne, surgindo daí “o ponto original da visão”(1964:81).

Assim, para a psicanálise o olhar não é a visão. O olhar é um objeto não empírico que sustenta a visão, é um objeto não-objetivável que sustenta secretamente a visão. Neste ponto do quiasma, neste entrelaçamento, nesta abertura ou deiscência é que colocaremos o olhar enquanto objeto *a*. Isto que vemos portanto, é aquilo que não se pode ver; por isto dizemos que o objeto *a* não é especularizável. É nesta dobra, neste forro da luva de inverno que encontramos o suporte do ser do sujeito, a relação do sujeito com seu mundo. Torna-se evidente, como diz Baas, que neste ponto de cruzamento do visível com o invisível, do sensível com o sentiente, neste ponto de reversibilidade encontramos o lugar “desta pura ausência em que se sustenta o sujeito”. (p.55)

Assim, concebemos com Bass que “o objeto *a* está sempre ligado a isto que na massa do corpo, faz orifício para a pulsão.” As quatro modalidades da pulsão, (pulsão oral, anal, invocante e escópica), correspondem assim aos quatro objetos (o seio, as fezes, a voz e o

olhar), tendo em conta a lógica da reversibilidade a estas aberturas. Como diz Lacan (1960:832)

“a própria delimitação da ‘zona erógena’ que a pulsão isola do metabolismo da função (o ato de devoração concerne a outros órgãos além da boca, perguntem ao cão de Pavlov) é obra de um corte que se beneficia do traço anatômico de uma margem ou de uma borda: lábios, ‘cerca dos dentes’, borda do ânus, sulco peniano, vagina, fenda palpebral e até o pavilhão da orelha (...)”.

A cada vez, o que assistimos é a possibilidade do retorno do sensível ao sentiente: do ver ao ser visto, do papar ao ser papado, do falar a ouvir a própria voz....Neste jogo da reversibilidade o lugar da abertura é também o lugar da reversibilidade da pulsão, a possibilidade do retorno do forro em direção ou sobre o sujeito. Neste jogo, já não se sabe mais quem vê e quem é visto, quem papa e quem é papado... O traço comum a esses objetos, acrescenta Lacan, é que eles não tem imagem especular:

Isso é o que lhes permite serem o ‘estofa’, ou melhor dizendo, o forro, sem no entanto serem o avesso, do próprio sujeito tomado por sujeito da consciência. Pois esse sujeito, que acredita poder ter acesso a si mesmo ao se designar como enunciado, não é outra coisa senão um objeto desse tipo. Perguntem ao angustiado com sua página em branco, e ele lhes dirá quem é o excremento de sua fantasia. (LACAN, 1960: 832)

É na fórmula do fantasma concebida por Lacan (1960:840) onde podemos encontrar formalizada esta reversibilidade: sujeito barrado em junção e disjunção ao objeto *a*:

a fantasia, em sua estrutura por nós definida, contém o menos fi, função imaginária da castração, sob uma forma oculta e *reversível*²⁷ de um de seus termos para o outro. Quer dizer que, à maneira de um número complexo, ela imaginariza (se nos permitirem este termo) alternadamente um destes termos em relação ao outro.

²⁷ grifo meu.

A função deste sinal entre sujeito e objeto é marcar a reversibilidade mas também o impossível deste encontro. Entre sujeito e objeto temos uma proteção e uma tela, algo que assinala uma relação mas também uma distância necessária. Vejamos como fala Baas:

Pois entre S barrado e a, não se poderia ter presença imediata de um a outro. O sujeito do desejo não se expõe ao objeto faltante, se ele se expusesse, se se expusesse ao outro mundo, ele se exporia ao nada da Coisa. E- no mesmo golpe- nesta abolição do mundo, é ele próprio, como sujeito, que seria abolido. É de algum modo a isto que se chega na angústia, que se designa, por esta razão mesma, de *experiência-limite*. Eis porque o desejo, que se constitui desta estranha relação do sujeito e do objeto faltante (S punção a), tem também por função proteger o sujeito de seu aniquilamento no gozo. (1995:56)

Assim, Lacan (1960:839) considera o desejo como “uma defesa, uma proibição de ultrapassar um limite no gozo”. Se não ultrapassamos a Lei que institui a experiência e o sujeito da experiência, barramos seu acesso a isto que o sustenta. A Lei nos inscreve no *mundo* e nos interdita de ultrapassá-lo. A não-inscrição da Lei equivaleria portanto a deixar franqueado o acesso do sujeito ao *mundo*, a este outro-mundo que como diz Baas, “é o fundo e a matriz do mundo”. Sendo a Lei aquilo que faz nosso tecido, nosso estofado, na medida em que é correlata de uma subtração ao nível do corpo, na sua ausência vemos o sujeito esquizofrênico exposto a esta experiência-limite a pouco referida. Não há aí enovelamento entre a carne e o mundo, não há corpo moebiano onde teríamos continuidade do dentro e do fora.

CAPÍTULO 3

O CORPO PARA ALÉM DO IMAGINÁRIO

3.1 O corpo na topologia das superfícies e na topologia dos nós

O percurso realizado até aqui nos permite constatar o fato de não existir uma relação imediata entre o corpo e sua imagem. O narcisismo é o que poderá fazer a solda daquilo que estava separado. Nesta operação, o corpo é aquilo que fica escondido e o que aparece é a imagem. Doravante, o que o sujeito poderá conhecer de seu corpo é a fascinação pelo reconhecimento desta imagem. Em contrapartida, sobre aquilo que se passa com seu corpo, o sujeito será deixado na ignorância. Algo ficará para sempre escondido, não havendo acesso franqueado ao corpo como vivente. (LAURENT, 2000). É esta inacessibilidade que procuramos mostrar através do esquema ótico, onde o vaso de cabeça para baixo simbolizaria o corpo, e a caixa aquilo que impede sua visibilidade enquanto tal. O que podemos ver portanto – o vaso contendo as flores – é apenas uma imagem refletida, nunca o real deste corpo.

Entretanto, é preciso considerar ainda uma outra via de acesso ao corpo pelo viés do gozo que é dado pelas erógenas, que são buracos.

Digamos que o acesso ao corpo pela imagem tenha sido uma via privilegiada por Lacan nos primeiros tempos do seu ensino, mas a partir da consideração sobre o objeto a na década de 60, através de quatro objetos parciais desligados do corpo, a saber, o seio (objeto da sucção),

as fezes (objeto da excreção), a voz e o olhar, temos anunciada uma outra modalidade de pensar o corpo, agora em função de partes destacáveis que condensam em si um “mais de gozar”, deixando entretanto buracos neste corpo, definidos pela psicanálise enquanto zonas erógenas, que só são reconhecidas nesses pontos na medida em que se diferenciam por sua estrutura de borda. É então que falamos destas beiradas do corpo, tão propícias a se erotizar, na medida em que implicam esta estrutura de borda e de dobra: as orelhas, onde replica o objeto voz, a boca, onde um dia coube o seio, o olhar onde se fecham e refecham pálpebras remelentas, enfim o ânus com suas margens e pequenas pregas.

Lacan no seminário XI retomará o percurso freudiano no que diz respeito ao campo das pulsões, visto que tal conceito cobra seu peso clínico em cada um dos casos que temos de manipular. De saída Lacan tratará de desfazer qualquer assimilação entre o campo pulsional e o registro do orgânico. Mais além do aspecto orgânico, assim como Freud a descreve, a pulsão é uma montagem artificial que obedece a leis totalmente outras, sofrendo transformações que poderiam ser consideradas aberrantes se comparadas com o instinto animal.

Freud distingue quatro termos na pulsão: o impulso, a fonte, o objeto e o alvo, que segundo Lacan, só podem aparecer disjuntos. O impulso é a pura e simples tendência à descarga de uma excitação que é sempre interna. Não podemos confundi-la com a pressão da necessidade, tal como vemos na fome ou na sede, pois nestas circunstâncias, satisfeitas a fome e a sede, teríamos apenas uma pressão momentânea. Ao contrário, o impulso é uma força constante, que inibe sua assimilação a uma função biológica. Como diria Lacan, a pulsão não tem dia nem noite, nem outono nem primavera, nem subida nem descida...É uma constante...

Com relação à satisfação da pulsão, não podemos dizer que ela se satisfaz por atingir seu alvo. A pulsão pode se satisfazer por exemplo através da sublimação, ainda que esteja inibida em seu alvo.

Lacan marca aqui que a satisfação que encontramos diante de nós, em análise, é algo paradoxal, na medida em que os pacientes podem satisfazer-se por exemplo com seu estado: por pouco contentador que ele seja, eles se satisfazem assim mesmo. O que interessa é mostrar que com relação à pulsão entra em jogo a categoria do impossível, na medida em que é seguramente o real que faz aí sua incidência. Para Lacan o real é o impossível, aquilo que faz obstáculo ao princípio do prazer: “o real é o choque, o fato de que isso não se arranja imediatamente, como quer a mão que se estende para os objetos exteriores” (LACAN, 1985:161). Assim, nenhum objeto, de nenhuma necessidade é capaz de satisfazer a pulsão. Mesmo que ingurgitemos a boca – essa boca que se abre no registro da pulsão – não é pelo alimento que ela se satisfaz, e sim pelo prazer da boca. É por isto que Lacan poderá dizer que a pulsão oral encontra-se em tal situação em que o que ela pode fazer é encomendar o *menu...* Deste modo, a psicanálise nos ensina que o objeto da pulsão é totalmente indiferente, que para a pulsão oral por exemplo, pouco interessa o alimento. O que está em questão é algo que se chama o seio, na sua função de objeto a causa de desejo. A melhor fórmula para Lacan seria esta: a pulsão deve contornar o objeto. Esta aplicação é encontrada a propósito dos outros objetos além do seio e este *contorno* deve ser entendido na ambigüidade proporcionada pela língua: por um lado *turn*, borda em torno do qual se dá a volta, e por outro *trick*, volta de uma escamoteação.

Por fim, a fonte da pulsão faz intervir o corpo, mas não qualquer corpo. É preciso que o corpo de onde parte esta excitação interna esteja implicado no nível das zonas erógenas caracterizadas como já dissemos, pela presença de uma borda: lábios, borda anal ou palpebral,

orifício auricular. Aqui, o que deve ficar claro é que não há nenhum determinismo biológico e sim incidência do significante no corpo, capaz de organizar as estruturas de corte corporais a partir de uma gramática. Freud irá definir os destinos da pulsão a partir de transformações gramaticais de uma frase onde o verbo pode assumir voz ativa, passiva ou reflexiva. As pulsões então enodam por um lado o que advém do corpo ao nível dos seus orifícios, estabelecido enquanto lugar de trocas com o mundo e da manutenção da vida, e por outro, o que advém da gramática. (DARMON, 1994).

O que Lacan irá demonstrar ao retomar a pulsão freudiana é que o fato de que o objeto da pulsão possa ser variável indica estar ele marcado pela articulação significante. É esta mudança, este deslocamento de um significante a outro o que ele chama desejo.

Ao falar da pulsão escópica Lacan isolará nas suas transformações gramaticais o movimento de ida e volta, onde se estrutura cada pulsão. Neste movimento de ida e volta, o percurso só se completa no terceiro tempo, quando, como diria Freud, surge um ‘novo sujeito’, “pois é aí que o sujeito tem que atingir aquilo que é propriamente falando, a dimensão do Outro” (LACAN, 1985:161). No caso do exibicionismo por exemplo, o que é visado é aquilo que se realiza no Outro. A atividade da pulsão aqui se concentra nesse fazer-se ver, onde algo retorna ao sujeito depois de passar pelo Outro.

Trata-se de uma dialética do arco e flecha para situar o lugar da pulsão na economia psíquica. Lacan não deixará de comentar como notável o fato de Freud só poder designar dois pólos senão utilizando o recurso ao verbo. Assim, desde o início para Freud o percurso pulsional não pode ser separado do seu vaivém, de sua reversão fundamental, do caráter circular da pulsão. Lacan reconhece que as transformações gramaticais operadas por Freud (1915:151) no quadro de transformação da pulsão escópica, nos impõe dificuldades quando estabelece uma identidade entre “alguém olhando para um órgão sexual” e “um órgão sexual sendo

olhado por alguém”. Todo o problema para Freud na ocasião é como desembaraçar-se da polaridade atividade/passividade no tocante à escopofilia. Lacan propõe assim uma nova fórmula para dar conta do vaivém pulsional. Trata-se do “fazer-se ver” e do “fazer-se ouvir”. Neste invólucro gramatical utilizado por Freud, o que está em jogo é o movimento de abertura e fechamento do inconsciente. Lacan se utilizará de um esquema topológico para dar conta do trajeto da pulsão. Nele empregará os termos ingleses de *goal* e *aim* para precisar que o alvo da pulsão não é definido pela função biológica mas pelo retorno do trajeto, *aim*, em nível da borda.

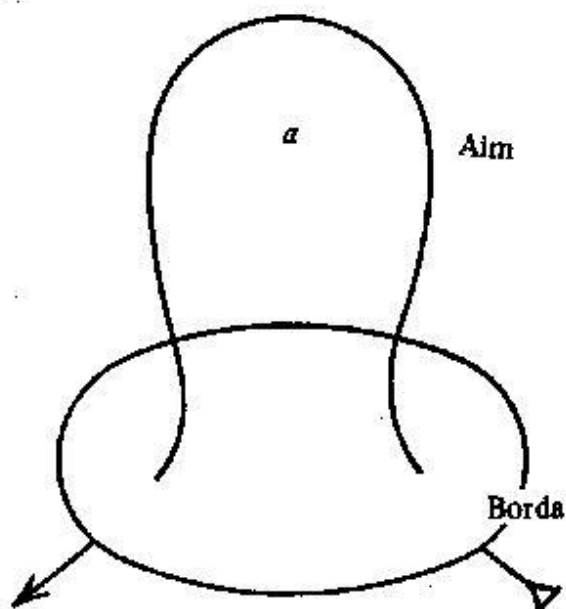


FIGURA 3 – Goal

Fonte: LACAN, J. *O seminário XI*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.169.

Neste quadro Lacan nos mostra que a satisfação não é outra coisa senão esse retorno em circuito. Esta flecha que faz uma curva, que sobe e volta a descer, parte da fonte, que definimos anteriormente como borda, onde se localizam as zonas erógenas. A pulsão atinge então seu alvo não pelo emparelhamento reprodutivo mas no ponto em que se refecha,

finalizando o circuito. Para a pulsão trata-se assim de contornar este objeto, “que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável nos diz Freud, por não importa qual objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto a perdido, a minúsculo.”(LACAN, 1964: 170).A estrutura da pulsão será assim definida como algo que sai de uma borda, reduplica sua estrutura fechada, segue um trajeto que faz retorno e que deve contornar o objeto *a*.

O dito esquema tem para nós muito interesse, na medida em que a partir dele poderemos avançar no problema do corpo com suas bordas, interrogando-nos sobre as relações entre o dentro e o fora do corpo, impasses verificáveis na experiência de Eduardo.

Assim, o que se articula em Lacan é a existência de uma comunidade topológica entre o inconsciente situado nas hiências que a distribuição dos investimentos significantes instaura no sujeito e algo que no corpo é estruturado da mesma maneira: “é em razão da unidade topológica das hiências em jogo, que a pulsão tem seu papel no funcionamento do inconsciente”. (p.172)

Darmon (1994) nos esclarece que para Lacan há um isomorfismo entre o inconsciente e a fonte da pulsão, que se apoia como já havíamos dito, eletivamente nas zonas corporais que comportam uma borda. Mas conforme este autor essa topologia de borda deverá ser relacionada à faixa de Moebius. A faixa de Moebius é uma figura topológica apresentada no seminário sobre *A Identificação* (1962), juntamente com o toro e o *cross-cap*, para dar conta de certos paradoxos da lógica do inconsciente. É o problema da dupla inscrição do significante ao mesmo tempo na cadeia pré-consciente e na cadeia inconsciente que dá ocasião para Lacan imputar esta dupla inscrição à topologia da faixa de Moebius. Como se sabe, esta faixa compreende uma única borda, e sua face direita está em continuidade com a face do avesso. A partir daí pode-se conceber a cadeia significante no avesso da cadeia

consciente. Trata-se de uma superfície unilateral que nos permite explicar que as formações do inconsciente se produzem no discurso consciente sem transpor nenhuma borda. Assim, os esquecimentos e os lapsos por exemplo se produzem no interior do discurso e não no seu exterior.

Se cortarmos esta faixa de Moebius medianamente ela se transforma em uma faixa com um direito e um avesso. Qual é então a topologia desta faixa?

Quando fazemos sobre a faixa de Moebius um corte ao longo de sua borda, este corte próximo à sua borda dá duas voltas, e quando se rejunta, uma nova faixa de Moebius se destaca no centro de uma faixa biface com duas bordas; as duas faixas se encontram encadeadas. Se fazemos este mesmo corte distanciando-nos da borda, a faixa de Moebius central torna-se cada vez mais estreita, e no final, no centro, o corte dará apenas uma volta, e o resultado da operação será uma faixa biúnica. A faixa de Moebius central terá desaparecido, ou mesmo será confundida com o próprio corte. É porque Lacan, no *L'Etourdit*, define a faixa de Moebius como o próprio corte. (DARMON, 1994: 32)

Temos assim uma equivalência entre o corte e a faixa de Moebius dando suporte ao que Lacan entendia como sujeito barrado como puro corte. Quando uma formação do inconsciente se produz por exemplo, se produz no discurso corrente, não havendo pois neste nível distinção entre o avesso e o direito. O dito faz corte sobre si mesmo, e graças à interpretação esta faixa de Moebius se mostra munida de direito e de avesso, produzindo-se assim o inconsciente como avesso do discurso. Deste modo a faixa de Moebius é pertinente para simbolizar o sujeito barrado, pois que estranhamente reúne as propriedades de ser ao mesmo tempo uma superfície e um puro corte, e de unir em todos os pontos de sua superfície o avesso e o direito, podendo-se no entanto separá-los com um único corte, quando assume então a forma do toro. Procuraremos retomar a figura topológica da faixa de Moebius mais adiante, ao nos referirmos ao caso de Eduardo, perguntando-nos sobre o estatuto de seu corpo.

Há ainda outro esquema ilustrativo deste trajeto pulsional, ao qual Lacan chama de Esquema da nassa.²⁸ A nassa é um cesto de pescar afunilado, feito de vime e que se entreabre, no fundo do qual se realiza a pesca do peixe. Lacan propõe aqui uma inversão da topologia da sacola, onde o inconsciente seria alguma coisa que ficaria reservado, trancado lá dentro. Ao contrário da imagem da sacola, considerar o sujeito a partir da nassa, particularmente com relação ao seu orifício – sua estrutura essencial – permite-nos conceber o fechamento do inconsciente pela incidência de algo que desempenha o papel de obturador – o objeto *a*,

chupado, aspirado, ao orifício da nassa. Outra imagem possível segundo Lacan, que pode nos dar uma idéia deste movimento pulsátil do inconsciente, é daquelas grandes bolas dentro das quais se misturam os números a serem retirados de uma loteria. Algo só pode sair, no intervalo em que o objeto não tapa o orifício.

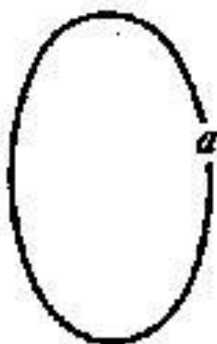


FIGURA 4 – Esquema da nassa

Fonte: LACAN, J. *O seminário XI*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.137.

Os dois esquemas ora apresentados, ambos organizados a partir de um furo que comporta uma borda, parecem colocar em jogo de modo radical o circuito da pulsão na psicose, na medida em que o contorno descrito implica necessariamente em uma extração, uma perda que virá inaugurar o vaivém pulsional. Com Lacan sabemos que a libido é aquilo que enquanto lâmina

²⁸ LACAN, J. *Os quatro conceitos...*p.137-8.

se insere nas zonas erógenas, quer dizer, nos orifícios do corpo, no que estes orifícios estão ligados à abertura e fechamento da hiância do inconsciente. No caso de Eduardo este movimento de pulsação descrito como abertura/fechamento, apresenta-se obstaculizado na medida em que é a intervenção do Outro nomeada enquanto castração o que faz a pulsão contornar o objeto a perdido. Sabemos por exemplo que não há nenhuma transposição natural de um a outro objeto pulsional: será sempre pelo viés da demanda do Outro que haverá passagem do objeto oral ao objeto anal, do objeto olhar ao objeto voz. Com relação ao nosso sujeito, é como se tentasse produzir esta cava o tempo todo, lá onde seu apelo encontrou do lado do Outro apenas o silêncio.

A partir da definição do objeto a arriscamos afirmar que Lacan introduz uma topologia da subjetividade a partir da gênese do vazio. Conforme Cocoz (2001) encontramos no *Seminário da Ética* uma nova concepção do espaço, do espaço do desejo onde se localiza o gozo, permitindo ordenar aquilo que estaria no corpo ou fora do corpo, com suas diferentes derivações na neurose e na psicose. Digamos que esta nova topologia da subjetividade tenha conduzido Lacan a utilizar primeiro uma topologia de superfícies e posteriormente uma topologia de cordas ou de nós, que se mostram extremamente úteis para pensarmos a clínica das psicoses.

Lacan esteve às voltas com a questão da topologia e do saber matemático desde os anos 50. Juntamente com Benveniste, Guibaud e Lévi-Strauss trabalhou a partir de 1951 detalhando estruturas e estabelecendo pontes entre as ciências humanas e as matemáticas. Na ocasião, segundo Roudinesco (1994) cada um utilizava a seu modo o ensinamento do outro sobre o modo de uma figura topológica. A partir daí Lacan entregou-se cotidianamente a exercícios matemáticos. As figuras topológicas tais como a banda de Moebius, o toro, a garrafa de Klein ou o *cross-cap* permaneceram entretanto durante 25 anos como ilustrações de sua doutrina,

sem desembocar em reformulações teóricas. Será somente a partir da leitura de Wittgenstein e a elaboração das noções de matema e de alíngua que levarão Lacan a partir de 1971 pensar o estatuto do discurso psicanalítico com relação a outras formas de discursividade. Será preciso a partir de agora passar do dizer ao mostrar, a fazer exercícios que não dependessem mais do discurso e sim da mostração. Em 1972 falará pela primeira vez no nó borromeano, a partir de um contato com uma jovem matemática. Os nós borromeanos remontam à dinastia de uma família milanesa cujo brasão representava-se por três anéis em forma de aliança, portadores de uma singular propriedade: se um dos anéis fosse retirado, os outros dois ficariam livres. A descoberta deste nó aproxima Lacan de um encontro decisivo com três matemáticos, entre eles Souris e Tomé, e a partir daí começará uma grande aventura que se tornará para o mestre uma obsessão cada vez maior, na sua tentativa de chegar cada vez mais perto do real.

A topologia é uma disciplina que trata da geometria do espaço não a partir de um ponto de vista quantitativo, métrico, mas de um ponto de vista qualitativo, ou seja, estuda as relações entre diferentes lugares, as relações de vizinhança, de continuidade, ou ao contrário, de separação, fronteira ou borda. O inconsciente coloca em evidência problemas topológicos desde Freud, inicialmente tratados a partir da primeira e depois da segunda tópica, visto que sua consideração em termos de *psicologia das profundezas* nunca foi satisfatório. A partir da tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a questão se recoloca, pois é preciso pensar a linguagem não apenas como um jogo de puras diferenças e de lugares: as diferenças só assumem seu valor a partir dos locais que ocupam. Neste sentido, o próprio simbólico introduz uma topologia. (Darmon, 1994).

Segundo Cocoz, a topologia de superfícies permite colocar o corpo em torno de conceitos como borda ou buracos, em um espaço não-métrico. Lacan mesmo no seminário sobre A Identificação reconhece que seu estágio do espelho é uma metáfora, um modelo, derivado da

ótica e de uma perspectiva geometral, portanto métrica, que depende do metro máximo que é o falo. Todavia, sua preocupação em situar o real na estrutura o conduziu a explorar outra superfície onde não importam as medidas, senão a colocação e diferenciação de superfícies, bordas, cortes e furos. Os objetos topológicos derivados desta primeira topologia aos quais já nos referimos (toro, banda de Moebius, garrafa de Klein e *cross-cap*), são todos objetos que comportam o furo, sendo extremamente úteis para pensar a neurose, mas com eles não podemos obter uma representação do que seria a ausência do buraco no caso da psicose.

O que aconteceria quando não há este cavo central em torno do qual as pulsões se organizam? Quando o Nome-do-Pai está ausente a função da alteridade encontra-se também comprometida: é a perda do objeto portanto aquilo que institui a função do Outro e conseqüentemente onde buscar o objeto. Não sendo efetivada a castração o que temos é um excesso de gozo, presentificado em toda a fenomenologia corporal do sujeito esquizofrênico. Seu corpo não está constituído como superfície de inscrição, de inscrição significativa, impedindo a vivência deste corpo em termos de dentro e fora. É o vazio interior, a perda do objeto o que ordena a estrutura do corpo.

Todo o problema então é que o psicótico, particularmente o esquizofrênico, não dispõe da constituição do corpo enquanto superfície e, portanto seu corpo não está furado, não é uma superfície tórica. Isto coloca em questão conseqüentemente a estrutura de contorno das pulsões, visto que, estando ausente o significante fálico, não há como situar os buracos no corpo, que escrituraliza-se, bordejase, e onde se localizaria o resto de gozo pulsional.

Se na neurose a perda do objeto instala um vazio cujo contorno pela demanda faz com que o buraco, o “nada fundamental”²⁹ do desejo seja detectado, na psicose isto não se passa. Nos parece então que no caso de Eduardo, não se pode falar em superfície moebiana ou mesmo

²⁹ LACAN, J. Seminário *A identificação*, lição 22, 30/05/62, p.12. Inédito.

num corpo tórico, na medida em que é o furo o que funda a superfície. Ele então irá produzi-la no real, fazendo buracos e ao mesmo tempo obturando-os dramaticamente, tentando assim fazer existir o dentro e o fora numa relação de continuidade, que nunca se efetivará para ele. Eduardo procura fundar a superfície perfurando e rasgando o corpo por um lado, e por outro, introduzindo objetos nos orifícios: um arremedo precário da dialética pulsional totalmente desamparado da significação fálica.

Soler (1998:99) nos introduzirá uma importante questão dizendo que Lacan insiste em dizer que o “imaginário é o corpo”, que o imaginário é a consistência do corpo, mas que não devemos de modo algum reduzir o corpo ao estágio do espelho, à imagem do corpo, visto que nestes últimos tempos de seus seminários Lacan evoca o corpo em termo de superfícies e orifícios e não apenas em termos de forma. Segundo Soler, “o corpo é um saco com orifícios, orifícios em que objetos vêm desempenhar seu papel, eventualmente ‘tampões’, o que permite entender que é um imaginário relacionado ao objeto a enquanto consistência corporal”. Será preciso esclarecer no entanto, que mesmo nas elaborações mais tardias Lacan não abandonará a concepção de que o corpo tem como raiz a imagem e a forma. É assim que em 1975 dirá que “o corpo, não o apreendemos a não ser por isto que ele tem de mais imaginário. Nós o apreendemos como forma e o apreciamos como tal, pela sua aparência. Esta aparência do corpo humano, os homens a adoram; eles a adoram em suma como uma pura e simples imagem”. Acrescentará que é a partir do narcisismo que o homem poderá dar uma imagem a isto que chama seu mundo, porque o homem o concebe somente a partir de sua própria imagem, porque seu mundo está na estrita dependência do que foi a apreensão de sua aparência. Todavia, mais além da idéia de que o corpo visto e abstraído pelo sujeito na superfície é uma esfera que lhe fornece uma boa-forma, enfim, um saco de pele, Lacan sugere que devemos apreender alguma coisa de uma outra ordem que o espaço esférico. Lacan irá trilhar uma outra via na medida em que o espaço não é feito apenas de círculos. Ele

introduzirá os nós, visto que estes podem considerar o real, real este que escaparia a forma circular. Trata-se de uma geometria que não é imaginária, como aquela dos triângulos, é do real, das rodas de barbante...³⁰ Se há uma ligação entre simbólico, imaginário e real, diz Lacan, não é exatamente no plano que devemos colocar os três termos: “o corpo, sobretudo, tem também forma, uma forma que acreditamos ser esférica, mas devemos também saber desenhar as coisas de outro modo”³¹. Propõe então que não o desenhemos de modo natural, propõe que o desenhemos num nó, porque é a partir daí que podemos pensar o espaço.

Lacan repudiará sobretudo a idéia de que o nó seja um modelo: “isso, em nome do fato de que se deve supor quanto ao modelo. O modelo, como acabo de dizer, e isto pelo fato da sua escritura, situa-se no imaginário. Não há imaginário que não suponha uma substância. Eis aí um fato estranho, mas é sempre no imaginário, a partir do espírito que dá substância a este modelo, que as questões que daí se formulam são secundariamente colocadas para o real”³². A diferença é que o modelo pode supor um real e o nó borromeano por sua vez se define por uma estrutura que suporta o real.

Por não ser tão fácil desenhar estes nós, Lacan era freqüentemente forçado a carregar nos bolsos pequenos papéis, fios coloridos e cordas para mostrar o funcionamento e o modo de relação entre estes anéis. Lacan dizia que é preciso antes de tudo considerar que temos buracos no coração de cada uma dessas rodela, e “sem estes buracos seria impensável que alguma coisa se atasse”³³. Começará por colocar acento naquilo que Freud chamou Narcisismo, dizendo que este é o “nó fundamental”, na medida em que é pela apreensão de seu corpo como bolha ou esfera que o sujeito pode dar uma imagem disto que chama seu mundo. É por isto que o registro imaginário é o da consistência, visto ser o imaginário aquilo

³⁰ LACAN, Op. Cit., p.40.

³¹ LACAN. OP. Cit.. p.50-51.

³² LACAN, J. RSI (1974-5). Seminário inédito. P.9

³³ LACAN. Op. Cit., p. 11.

que faz corpo. No entanto no imaginário o eu é aquilo que na representação faz buraco. É uma outra forma de abordar o que dissemos anteriormente sobre o júbilo do pequeno sujeito diante do espelho; fantástico recurso para velar aquilo que no eu não encontra representação por não ser especularizável.

Quanto ao anel do simbólico ele seria de uma outra consistência visto que tem relação com o uso da palavra, “qualquer que seja a idéia que se possa fazer disto que condiciona no humano o fato de que ele fala” (LACAN, 1976). Este círculo do simbólico Lacan o toma como um círculo vicioso, como o be-a-bá da lógica, pois “é da linguagem que partimos e é à linguagem que retornamos”. A partir do momento em que entramos na linguagem é evidente que não se sai mais: isso gira em círculos de tal modo que um significante remete a outro significante. O que faz a consistência do simbólico é justamente o falo, dando sentido sexual às cadeias simbólicas, e o que faz buraco no simbólico é o recalçamento primordial na medida em que interdita a possibilidade de tudo dizer.

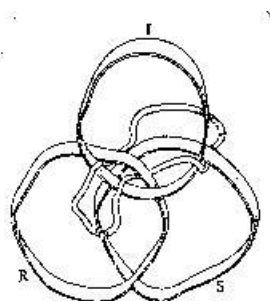
Finalmente nos resta abordar o anel do real. Sua circularidade é aquilo que nos escapa. Para Lacan não há outra definição para o real senão o impossível, o impossível a penetrar. De acordo com a terminologia lacaniana o real é portanto aquilo que ex-siste ao imaginário e à linguagem, mas ao mesmo tempo é o que se amarra entre estes dois anéis. Deste modo o real é esburacado pelo simbólico visto ser este último é aquilo que mata a coisa.

Temos então efetivamente três dimensões distintas: o simbólico, ordem do significante, o imaginário, que não tem nenhum laço natural com o simbólico mas onde se produz o sentido, e finalmente o real, distinto dos outros dois, e que escapa ao simbólico.

Como pode ser que dimensões tão distintas, a ponto de não ter nenhum laço entre elas, duas a duas, podem se ligar a três e somente a três? O recurso aqui ao pensamento mostra-se aqui

insuficiente para responder à questão visto que funciona sobre o modelo, sobre a imagem do saco do corpo. Lacan indica que é preciso considerar que as palavras produzem efeitos não somente no nível do imaginário, mas também podem modificar a relação do sujeito com o real. Trata-se então de mostrar como as três dimensões podem não se confundir e ao mesmo tempo agir uma sobre a outra. É a isto que o nó deve se prestar: “É da experiência analítica que ele dá conta, e é nisso que está seu valor”³⁴. Assim sendo, não mergulharemos no complexo tema da topologia dos nós, sobre o qual não temos alcance suficiente, mas nos utilizaremos deles na medida em que nos permita esclarecer o estatuto do corpo neste caso de esquizofrenia.

Assim para que estes anéis independentes um do outro possam se amarrar borromeamente é necessário que sejam no mínimo três, sendo que sua ordem não é aleatória. E por esta razão que Lacan ao aplaná-los no desenho utiliza-se de cores distintas para diferenciar o anel que passa em cima do anel que passa por baixo e vice-versa. Lacan acrescentará ainda um quarto termo a esta cadeia de três, para mostrar como tudo isto pode encontrar uma outra forma de se amarrar quando há um erro na cadeia, ao qual deu o nome de *sinthoma*. É a “figura da realidade psíquica, nota própria da dimensão humana” ou ainda, “é isto que muitas pessoas têm de mais real; para algumas pessoas se poderia dizer: o simbólico, o imaginário e o



Nó de Borromeu

Fonte: LACAN, J. Conférences et entretiens dans des universités Nord-Américaines. In: Silicet 6/7. Paris: Editions do Seuil, 1976.

sinthoma”³⁵.

³⁴ LACAN, RSI (1974-5) op. cit. p.11

³⁵ LACAN, J. *Conférences et entretiens dans des universités Nord-Américaines*. Op. cit. p.41.

A partir desta idéia do *sinthoma* enquanto quarto termo capaz de amarrar a estrutura é que gostaríamos de abordar os dois “casos” escolhidos, o de Lol V. Stein e de James Joyce, na medida em que em ambos está em jogo uma relação muito específica com o corpo e por apresentarem modos distintos de operar com o real em questão. Acrescentamos que para Lacan, “o real não é o mundo exterior, é sobretudo a anatomia, e isto tem relação com todo o corpo”³⁶.

3.2 O caso de Lol V. Stein e o corpo à deriva: clínica do *Ravissement* (arrebatamento)

O Deslumbramento de Lol V. Stein é um romance escrito por Marguerite Duras ao qual Lacan rende homenagens em 1965. Todo o romance gira em torno do olhar, questão que já vinha ocupando Lacan desde o ano anterior de modo sistemático, como podemos constatar no seminário *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, onde ao olhar é dado o estatuto de um dos objetos da pulsão.

O Baile

Lol V. Stein é uma jovem de 19 anos, alguém a quem sempre parecia faltar algo para estar presente, de tal modo que “uma parte dela sempre estivesse desligada, longe do interlocutor e do momento”(DURAS, 1986). Sua história parece começar no mesmo ponto em que se congela: numa noite, onde se realizou o grande baile no cassino de T. Beach.

Neste baile Lol dança com Michael Richardson, seu noivo, pelo salão. Quando a orquestra pára de tocar e a pista se esvazia duas mulheres transpõem a porta do salão. A mais velha delas é Anne-Marie Stretter, cuja elegância, no repouso e no movimento, conta a melhor amiga de Lol, inquietava. Michael Richardson, as olha; ele as havia reconhecido de um

³⁶ LACAN, OP. cit., p.40.

encontro na praia. Lol fica imobilizada, percebe a mudança no noivo em sua última dança: “Lol olhava-o, olhava-o mudar”.³⁷ Ela espreita o ocorrido, observa que o noivo chama a mulher mais velha para dançar. A partir daí Michael Richardson e Ane-Marie Stretter não mais se deixam. Lol por sua vez permanece como que petrificada no mesmo lugar, olhando o casal por detrás das plantas verdes. Tatiana, amiga de Lol e personagem nuclear do romance e sem a qual Lol não se sustenta, permanece ao seu lado, acariciando-lhe as mãos, ainda que Lol disto não se dê conta. Quando a orquestra pára de tocar e a aurora irrompe anunciando o fim do baile, a mãe de Lol invade a cena descobrindo a filha no fundo do salão. É então que Lol grita pela primeira vez, dizendo coisas insensatas. O casal procura portas imaginárias, de olhos baixos passam diante dela, que os segue com o olhar até o jardim. Quando não os vê mais, Lol cai no chão desmaiada.

A perda do corpo quando o ser-a-três disfunciona

Trata-se de um instante fundamental ao qual Lol permanecerá presa, arrebatada. Lol contempla o duplo arrebatamento de um homem por uma mulher, da mulher do cônsul por seu noivo. Antes de desmaiar Lol está inteiramente entregue a este olhar, a tal ponto que “quanto mais ela vê, menos ela é.”(MARCOS, 2000). Seu olhar consome seu próprio corpo: nesta noite, Lol desaparece, duplamente arrebatada. Entregue inteiramente a este olhar Lol desaparece enquanto carne e corpo, tornando-se olho, captada que está por um espetáculo que a devora, espetáculo do qual estará doravante excluída. Aqui encontramos duas figuras do arrebatamento: a primeira, ligada a um êxtase, onde Lol encontra-se fora de si, visto que é toda olhar. Capturada por este espetáculo Lol perde as coordenadas do tempo e do espaço.

A segunda figura do arrebatamento diz respeito ao rapto, na medida em que implica seu desaparecimento. Seu futuro aqui será interrompido na medida em que Lol se verá por um

³⁷ DURAS, Op. cit., p.12

lado sem seu noivo, e por outro sem o casal de amantes, que num instante fugaz selou para sempre seu ser-a-três. Segundo Alvarenga (2002) falar de ser-a-três deve causar alguma estranheza, pois estamos habituados a pensar que na psicose a entrada de um terceiro faz chamado ao Nome-do-Pai, ali onde isto não foi inscrito para o sujeito, levando ao desencadeamento da psicose com todo o cortejo de fenômenos de dissolução imaginária. Todavia, a Lol o que acontece é de outra ordem. Aqui, quando o ser-a-três construído como fantasia por Lol disfunciona é que aparecem os fenômenos psicóticos. Lacan, a esse respeito nos dirá: “Assim se vê que a cifra deve ser tomada de outro modo: para agarrar é necessário contar-se três”.(LACAN, 1989). Deste modo, procuraremos esclarecer esta aparente contradição do ser-a-três na psicose acompanhando passo a passo a construção a que se dedicará Lol V. Stein, onde para localizar seu gozo será preciso incluir um terceiro.

Na verdade, podemos dizer que Lol está arrebatada por uma circunstância muito específica: com a saída do casal de amantes Lol sente-se como que levada ou arrastada com eles. Desaparecido o espetáculo que ela olha, Lol também desaparece. É a captação visual que explica a captura: “Lol se achou assim sem eles, embora a tenham levado consigo, porque levaram dela o que ela se tornara na presença deles: puro olhar, olhar separado dela mesma. Uma vez que se retiram, é ela que se vai com eles.”³⁸ Lol só se mantinha por força de olhar o casal; é por isto que diremos que há uma correlação entre a separação de Lol e o casal por um lado, e de outro, seu próprio desaparecimento.

Lacan, não menos arrebatado pelo romance, dirá que Lol é uma espécie de “exilada das coisas, que não se ousa tocar”, e apesar disto “faz de nós sua presa”.³⁹ Para ele, neste episódio

³⁸ MARCOS, Jean Pierre. O lugar arrebatado. P.38.

³⁹ LACAN, Jacques. Homenagem à Marguerite Duras...p.123.

dramático, o que está em jogo é a perda de uma relação narcísica com um outro:

Lol é do seu amante propriamente roubada (*dérobée*), o que significa que deve ser seguido através do tema do vestido (robe) que suporta aqui o fantasma a que Lol se alfineta no tempo seguinte, num pára-além de que ela não soube encontrar a palavra, a palavra que, fechando a porta aos três, tê-la ia unido no momento em que o amante lhe despiria o vestido, o vestido negro da mulher e desvendaria a sua nudez. Será que isto vai mais longe? Sim, até o indizível desta nudez que se insinue substituindo-se ao próprio corpo. Aqui tudo pára.(LACAN, 1989: 126).

Trata-se aqui de uma cena imaginada por Lol do noivo despindo Anne-Marie Stretter do seu vestido negro de baile. Seu noivo despirá Anne-Marie Stretter, aquela que veio tomar o lugar de Lol, quando na verdade é a Lol que deveria ter desvestido. Lacan acrescenta:

Não será o suficiente para que reconheçamos o que aconteceu a Lol e que revela o que é o amor; ou seja a imagem, a imagem de si de que o outro nos reveste e que nos veste, e que nos deixa quando nos despem. O que é que há por debaixo? Que dizer desta noite, de sua paixão, Lol, de dezenove anos, do arrancar do seu vestido e a sua nudez por debaixo, dando-lhe seu esplendor? .(LACAN, 1989: 126).

Substituições

Para Marcos (2000:38), no entanto, ainda que a perda narcísica sofrida por Lol esteja em jogo, “quando esta perda afeta o exercício do desejo, como o olhar, a ausência dos outros não mais implica simplesmente minha relação narcísica com eles”. Para além deste súbito desvestimento da imagem narcísica, encontramos também em questão algo que Lol define como “uma substituição”(DURAS, 1986). No baile, alguém toma o lugar do outro. Quando a mulher entra no baile, dirá Lol, ela deixa de amar seu noivo. Assim , num jogo de substituições Anne-Marie Stretter substituirá Lol ao lado de Michael Richardson. A repentina paixão de Michael Richardson por Anne Marie Stretter deixará Lol excluída da cena. Mas afastada, detrás das plantas verdes é que Lol contemplará fascinada os amantes. Ela está excluída mas não deixa de vê-los, Lol celebra sua exclusão na alegria de vê-los.

Assim vemos pouco a pouco uma cena se esboçar: Lol não é propriamente aquela que vê a totalidade amorosa de um casal constituindo-se e excluindo-a: mais que isso, é através do seu olhar que ela assegura a união dos amantes. Conseqüentemente, “ o número da totalidade não é, para ela, dois, mas três. É a outra, Tatiana, que voltando seu olhar para ela, observa a evidência da exclusão. Lol é, certamente, a excluída de um casal que a esquece ou recusa, mas ela se ignora como tal.”⁴⁰

O fantasma para Lol então se resume num desejo de triangulação. Seu esforço será o de efetuar-lo, numa tentativa de fazer com que o baile se eternize. Para ela seria possível manter-se neste lugar de terceiro de onde não cessaria de olhar os amantes entrelaçados nem por um instante. Muito tempo depois Lol chega mesmo a pensar que por um momento não havia mais ninguém no baile além dos três: “(...) Acredito, há dez anos que só haviam restado três pessoas, eles e eu”⁴¹. É assim, por exemplo, que Lol recusa a presença de Tatiana na cena, testemunha ocular de seu drama: “Ah, era você! Tinha-me esquecido.”⁴²

Se durante o baile Lol podia contemplar sua exclusão sem sofrer, e encontrar aí neste triângulo seu ser, com a aurora anunciada pela entrada da mãe no baile a se interpor entre ela e o casal de amantes, Lol se encontra privada de sua visão e de seu lugar de espectador terceiro. Constatamos aí uma intrusão na totalidade triangular fabricada por Lol. A mãe que protege sua filha é a mesma que introduz a perda do olhar de Lol sobre os amantes. O corpo de Lol desabarará então quando seus olhos não puderem mais avistar os amantes. É o fim deste olhar o que denuncia sua morte já que só se sustentava enquanto os via. Este fim do baile é portanto o momento onde a atopia de Lol ficará selada. Durante os 10 anos seguintes Lol ignorará o tempo, não tocará jamais nos acontecimentos do passado, não disporá de nenhuma

⁴⁰ MARCOS, Jean Pierre. O lugar arrebatado. p.40.

⁴¹ DURAS, O Deslumbramento...p.79.

⁴² DURAS, Op. Cit., p.74.

lembrança, não esboçará qualquer reação de revolta com relação à mulher que teria roubado seu noivo, não se produzirá nenhuma cena de rivalidade imaginária pois não é no drama do ciúme que Lol está presa. Permanece silenciosa. Lol se encontra privada de um lugar e de uma palavra que pudesse situa-la entre os outros dois. Voltemos à Duras naquilo que diz sobre a palavra que faltou:

(...) se Lol está silenciosa na vida é porque acreditou, no espaço de um relâmpago, que essa palavra podia existir. Na falta de existência, ela se cala. Teria sido uma palavra-ausência, uma palavra-buraco, escavada em seu centro para um buraco, para esse buraco onde todas as outras palavras teriam sido enterradas. Não seria possível pronunciá-la, mas seria possível fazê-la ressoar.(...) Faltando, essa palavra estraga todas as outras, contaminando-as, é também o cão morto na praia em pleno meio-dia, esse buraco de carne. (DURAS, 1986:35).

Lol se casará com Jean Bedford, a quem um dia conheceu na rua. Conforme Alvarenga (2002:4), “na sua primeira saída de casa, Lol encontra aquele que logo será seu marido, com quem irá viver em outra cidade. Passará então 10 anos fora do arrebatamento, levando uma vida convencional, ritmada por uma ordem fria e rigorosa. Sua casa é a reprodução exata do que ela vê alhures, ela leva uma vida de pura imitação dos modelos sociais: dona de casa, mãe, esposa.” (ALVARENGA, 2002)

A reconstrução do triângulo e a reedição do arrebatamento

É somente quando retorna à cidade natal, na antiga casa de sua família que Lol começa despertar de seu sono de dez anos. Certo dia, na porta de sua casa, ao ver um casal aproximando-se esconde-se atrás de uma cerca viva e escuta algumas palavras isoladas ditas pela mulher: “talvez tenha morrido”. Lol não tem certeza de reconhecer a mulher, algumas lembranças flutuam em torno daquele rosto, mas aquele beijo que se deram na despedida possivelmente aflora sua memória: Seria Tatiana Karl, sua velha amiga de escola? “Lol

mexeu-se, virou-se no seu sono. Lol saiu às ruas, aprendeu a caminhar ao acaso.”⁴³ Doravante, a partir do casal visto e das palavras então escutadas Lol se dedicará a reconstruir o baile. Seus pensamentos virão como um formigamento, como uma enxurrada: o baile, que tremia ao longe com seus destroços, “ganha um pouco de vida, treme, agarra-se a Lol. Ela aquece-o, protege-o, alimenta-o, ele cresce, sai de seu esconderijo, espreguiça-se, um dia está pronto.”⁴⁴ Assim neste recinto aberto unicamente a seu olhar Lol penetra, reordenando o passado. Lol revive quando reanima o baile. Ainda que depois da separação Lol nunca mais tenha pensado nisso, “Lol evocará sempre o trio que formavam juntos naquela noite, denegando assim que essa triangulação não tenha durado senão uma noite, o tempo de um baile.”⁴⁵ Lol está presa num dos ângulos do triângulo, mas agora, de novo, dispõe de um lugar. Está situada. Se é precisamente o instante do fim do baile que retém Lol, ela progredirá todos os dias em reconstitui-lo:

o que reconstrói é o fim do mundo. Ela se vê, e aí está seu pensamento verdadeiro, no mesmo lugar, nesse fim, sempre no centro de uma triangulação em que a aurora e eles dois são termos eternos: ela acaba de perceber essa aurora e eles ainda não a notaram. Ela sabe, eles ainda não. Falta-lhe o poder de impedir que saibam. E aquilo recomeça.(DURAS, 1986: 34).

É neste exato instante onde Lol se vê dilacerada, arrancada do casal, é que se dá seu enlouquecimento assim como a perda de seu corpo. Este corpo perdido, arrebatado, raptado será substituído pelo corpo de outra mulher, junto a um homem. O estúdio do espelho, já o vimos, estabelece uma junção entre o ser visto e o corpo, através do olhar do Outro. O espelho define um continente, “uma caixa para o olhar”⁴⁶. No caso de Lol temos um corpo despossuído, desvestido do olhar, numa disjunção entre o corpo e o olhar.

⁴³ DURAS, *O Deslumbramento...*p. 28.

⁴⁴ DURAS, Op. Cit., p.33.

⁴⁵ MARCOS, *O lugar arrebatado*. p.44.

⁴⁶ ALVARENGA, Op. Cit., p.4.

A única chance de Lol teria sido murar o baile para impedir que os amantes saíssem do campo de sua visão. Ela se verá então obrigada a refazer o trio, onde tudo deve recomeçar, pois ela não poderia ter estado ausente daquele momento, daquele gesto a três: “ela existe com ele carne a carne, os olhos selados em seu cadáver.”⁴⁷ Nesta desapareição do casal onde também Lol desaparece, o corpo longo e magro de Anne Marie Stretter aparece: “esse arrancar bastante lento do vestido de Anne Marie Stretter, esse aniquilamento de veludo de sua própria pessoa, Lol nunca consegui concluí-lo”.⁴⁸

Numa de suas andanças Lol descobre Jacques Hold, amante de Tatiana Karl. Teriam sido eles que Lol ouviu conversarem escondida nas folhagens de sua casa? A eleição de Hold não se dá ao acaso. Ela o escolhe por alguma semelhança com Michael Richardson. Identifica nele um traço de seu noivo, a saber, a qualidade de seu olhar sobre as mulheres. Quando um dia segue Hold pelas ruas ela constatará que ele olha as mulheres assim como seu noivo a olhava, a desejava. Então a aparente passividade de Lol se revela no fundo atividade. Sabemos por exemplo que Lol não escolheu seu marido; apenas casou-se com ele. Sua passividade durante o casamento era então uma estratégia para não substituir o noivo, anulando seu abandono: “No lugar de Michael Richardson só pode estar Michael Richardson”⁴⁹ É deste modo que Lol inventa Jacques Hold, imaginando-o semelhante ao seu noivo pelo olhar. Neste sentido Hold deverá tolerar nunca ser ele mesmo, deverá se prestar ao jogo de Lol, submetendo-se ao fantasma dela de modo servil. É Jacques Hold que suportando este lugar permitirá a Lol repetir uma situação para melhor vivê-la. Sua função é dar imagem ao outro perdido a partir de uma identificação e um jogo de substituição. No entanto, este morto que Hold encarna não sem angústia, não é suficiente para repetir a configuração vislumbrada por Lol. Será preciso para fechar o circuito que Hold jamais abandone Tatiana Karl, sua amante e testemunha do

⁴⁷DURAS, Op. Cit., p.36.

⁴⁸DURAS. Op. Cit., p.36.

⁴⁹MARCOS, Op. Cit., p.47.

drama de Lol naquela noite interminável do baile. Agora sim a solda está pronta. Recorremos a Lacan: “ A cena da qual todo o romance não é mais do que rememoração é propriamente o arrebatamento de dois numa dança que os solda, sob os olhos de Lol, terceira, com todo o baile a suportar o rapto de seu noivo por aquela que teve apenas que subitamente aparecer”.⁵⁰

O que Lol procura a partir deste momento? pergunta Lacan.

Se Hold substitui o noivo de Lol, Tatiana se prestará a substituir Anne Marie Stretter. Como diz Marcos, o negro do vestido de Anne Marie será substituído pelos cabelos também negros de Tatiana. De certa maneira esta nova triangulação permitirá a Lol também vingar-se de Tatiana, testemunha ocular de seu abandono. Tatiana então é duplamente necessária a Lol. Para fazer seu triângulo e para expiar seu abandono. Tudo está fabricado por Lol para reeditar seu arrebatamento. Ela se obstinará a reformular o trio e assim reencontrar seu lugar perdido, seu lugar terceiro excluído.

Deste modo Jacques Hold e Tatiana estão aí para que Lol se encontre de novo no ápice do triângulo, de onde Lol maneja e ordena o campo do visível. Ambos estão presos na sua armadilha. Neste novo triângulo Lol se mostra como verdadeira empreendedora. Desta feita Lol dedicará seus finais de tarde a assistir ao espetáculo dos amantes deitada no campo de centeio, de onde o que se dá a ver aos seus olhos são apenas as sombras na luminosidade da janela. No Hotel de Bois, antigo palco de seus encontros com o noivo, Lol espera que o quadro da janela se ofereça ao seu olhar. Um vai e vem de sombras onde os amantes aparecem e desaparecem. Sua presença no campo de centeio anula a totalidade dos amantes. Seu olhar, outrora excluído, agora organiza a cena. Todavia, aquilo que Lol vê do campo de centeio, do ponto onde seu olhar se orienta pela luminosidade da janela é muito pouco. O que ela vê são as silhuetas dos amantes “cortados à altura do ventre”, nada semelhante a uma

⁵⁰ LACAN, Jacques. *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*. p. 123.

união sexual. No máximo o que Lol vê é a cabeleira negra de Tatiana. Na verdade o que Lol vê é nada, aquilo que é invisível porque não pode ser visto. Ela está fascinada pelo vazio. Por isto nunca pode concluir a imagem de Anne Marie Stretter sendo desnudada por Michael Richardson. Não é dado a Lol portanto ver o desnudamento de Tatiana Karl:

Lol V. Stein é narciso à beira de um riacho ressecado, ou Narciso descobrindo no lugar de sua imagem o reflexo estranho de um casal. A janela oferece às vezes um espetáculo, mas não reflete nunca o espectador que olha fascinado sua ausência na cena. A janela-espelho, não fornecendo nenhuma forma refletida cuja função formadora seria identificatória, oferece uma definitiva captação pelo vazio. Lol não acaba nunca de verificar sua elisão, sua evicção ou seu eclipse. A janela propõe uma imagem em que ela não aparece: seja porque nada aí apareça, seja porque é um casal que aí se mostre. De qualquer maneira, Lol contempla sua própria ausência. Parece que uma imagem de si mesma lhe é recusada. O visível é um espelho que não reflete o *voyant* ou que reflete sua própria ausência. (MARCOS, 2000: 60-61)

A cena decisiva do romance é então a cena do baile no que ele revela a ausência do corpo de Lol., sua ausência em relação ao seu corpo. Sua incarnação é incerta. Lol é aquela que nunca esteve em lugar nenhum, “essa exilada das coisas”, dizia Lacan, essa “a quem faltava alguma coisa para estar presente”, como diria Tatiana.

Lol percorre as ruas da cidade, perambula procurando um lugar, O que ela encontra “é a evidência mortal de sua atopia. Destituída de sítio ela perambula.”⁵¹ As únicas referências de Lol são imaginárias, o baile é sua derradeira moradia.

Tatiana, muito antes do episódio do baile notava a ausência de Lol: não acredita que no baile esteja a razão de sua doença. Todavia, naquele instante infinitesimal do baile Lol se encontra e se perde. Encontra seu sítio simbólico quando olha o casal de amantes numa dança que os solda, neste ato de visão, mas o perde atrás do olho que olha.

Quando Lol naquele baile deixa de ser o centro dos olhares, diz Lacan, algo se solta. O que quer dizer o centro dos olhares? É que o centro não é igual em todas as superfícies: é único

⁵¹ MARCOS, Op. Cit., p. 63.

num planalto, está por toda parte em uma esfera e sobre uma superfície mais complexa se pode fazer o que Lacan chama de um “nó engraçado”. É com este nó que temos de nos haver no caso de Lol V. Stein.

Segundo Lacan “se trata de um invólucro, sem interior nem exterior, e que na costura do seu centro todos os olhares se voltam para o seu, que eles são o seu que os satura (...)”⁵² Lol se agarra ao talismã que todos tentam se livrar como de um perigo: o olhar, visto que “todo olhar será o seu”. É aí que Lol se realiza. Para Lacan então Lol não está na posição de *voyeur*. Ela é “realizada” na fantasia, tornando-se mancha na cena: ela é toda olhar.

Gostaríamos de pensar que no caso de Lol o arrebatamento é uma situação particular de amarração dos três registros, real, simbólico e imaginário. Um nó lógico a partir do qual o sujeito Lol irá se ligar de novo ao seu corpo desenlaçado, dado que não houve a entrada de um terceiro para nomear a imagem do corpo. Com sua solução Lol nos brinda com a chave do Estágio do Espelho, mostrando-nos que ele não pode se resumir a dois. Quando o espelho se limita a dois o que temos é um desdobramento ao infinito, uma especularização hemorrágica. O gozo assim fica disperso nos olhares sempre à espreita do sujeito, figura encontrada freqüentemente na clínica das psicoses. Portanto, na falta do Nome-do-pai Lol precisará contar até três para localizar seu corpo.

Assim fica como nossa tarefa tentar estabelecer qual seria o estatuto deste “nó engraçado” ao qual Lacan se refere quando fala da operação de Lol. Sabemos que à época deste texto Lacan ainda não havia produzido o nó borromeano, embora se refira aos nós, como se estivesse em jogo um certo tipo de “antecipação do nó borromeano”(COTTES, 2001)

⁵² LACAN, Jacques. *Homenagem a Marguerite Duras...* p. 126.

Logo na primeira página ele nos diz: “ *Où l’on voit que le chiffre est à nouer autrement: car pour le saisir il faut se compter trois* ”.⁵³ Para Lacan, na espreita que Lol dedica aos amantes por exemplo, não se trata aí do acontecimento do baile mas “de um nó que aqui se refaz”, de algo que este nó encerra e daquilo que propriamente arrebatada. Mais à frente, ainda na segunda página, dirá que Lol está presa como objeto no seu próprio nó, enquanto arrebatada. O que estaria em jogo neste nó?

Parece-nos aí que Lacan colocará um acento de valor no imaginário em sua relação ao real. É evidente que há um defeito de realização narcísica para Lol, uma falha na presença de seu corpo enquanto imaginário. Se numa histeria podemos ver a imagem do corpo fazendo uma espécie de casulo, em Lol o que temos é um vazio. O simbólico estando elidido, estando Lol privada de uma palavra, quando ela se encontra com o Outro enquanto barrado, se verá na beira do abismo. Por isto desvanece quando não mais vê os amantes no salão.

Parece-nos assim que o arrebatamento de Lol implica na injeção de um imaginário, operando como um artifício, um envelope forjado. Se Lacan nos adverte sobre a importância do imaginário na constituição do nó é na medida em que o considera como sendo aquilo que lhe dá consistência. Lol se verá implicada na fabricação de um verdadeiro empuxo-ao-olhar onde poderá localizar seu corpo (e porque não dizer, seu gozo) até então à deriva. Lol cumprirá a realização de seu fantasma no ser-a-três reconduzindo-se ao instante de ver, onde tudo parou. Trataria-se enfim de uma costura produzida entre imaginário e simbólico?

3.3 Joyce e o corpo indiferente: o episódio da surra.

Em 1904 James Joyce escreveu um ensaio autobiográfico intitulado *A Portrait of the artist*,

⁵³ Optamos por manter a frase em francês encontrada em *Ornicar?* 34, p.7, visto que na tradução disponível em português o que queremos ressaltar não nos parece tão claro a respeito dos nós (“Assim se vê que a cifra deve ser formada de outro modo: para agarrar é necessário contar-se três”).

espécie de monólogo interior que narrava a evolução psíquica do jovem Stephen Dedalus. Conforme ocorria com frequência com seus textos, os editores da revista haviam recusado seu ensaio e Joyce se pôs então a trabalhar naquilo que seria a primeira versão de *Portrait*. Após dez anos de trabalho e adotando nova abordagem, Joyce publica *A Portrait of the artist as a young man* (JOYCE, 1992), de modo seriado, em capítulos de uma revista, e finalmente, em 1916, em forma de livro.

O acontecimento que nos interessa se passa entre Stephen Dedalus, e seus colegas de escola, numa ocasião em que discutiam sobre quem era o melhor escritor. No estilo prosa Stephen elege o Cardeal Newman, e como maior poeta, se referirá à Byron. Seus colegas imediatamente dele discordam numa risada escarnekedora, argumentando que Byron não passava de um “poeta para pessoas incultas”⁵⁴, além de herege e imoral. A resposta certa para estes era Tennyson, que segundo Laia (1996), era o poeta oficial da época vitoriana, ao passo que Byron tinha uma vida marcada por escândalos, inclusive pelo fato de ter uma filha com sua meia-irmã. Stephen não se deixa convencer e acusa seus interlocutores de nunca terem em suas vidas lido “uma linha sequer sobre qualquer assunto a não ser uma tradução”⁵⁵. Em resposta à Stephen um deles lhe bate com uma bengala nas pernas: era o sinal para o ataque. Em seguida Nash prende os braços de Stephen nas costas enquanto Boland agarrava um longo cepo de palmito para dar continuidade à surra. Lutando e chutando sob os golpes de bengala e as pancadas do cepo nodoso, Stephen era empurrado para frente e para trás de encontro a uma cerca de arame farpado. Queriam que Stephen admitisse que Byron não valia nada.

Depois de um furor de arremetidas Stephen consegue se livrar dos colegas, que partem rindo e zombando dele. Semi-cego pelas lágrimas, com o rosto afogueado, arquejante e rasgado, Stephen cerra seus punhos soluçando:

⁵⁴ JOYCE, Op. Cit. p. 85.

⁵⁵ JOYCE, Op. Cit. p. 86.

Enquanto ainda repetia o *Confiteor* em meio ao riso indulgente de seus ouvintes e enquanto as cenas daquele episódio maligno passavam ainda viva e rapidamente diante de sua mente ele se perguntava por que agora não guardava rancor contra aqueles que o haviam atormentado. Não esquecera nem um pouquinho a covardia e a crueldade deles mas a lembrança daquilo não lhe despertava nenhuma raiva. Todas as descrições de amor e ódio ferozes que encontrara em livros lhe haviam parecido por conseguinte irreais. Mesmo naquela noite enquanto tropeçava pela Jone's Road em direção a sua casa sentira que alguma força o estava despojando daquela raiva subitamente tecida tão facilmente quanto um fruto é despojado de sua casca madura e macia. (JOYCE, 1992:87)

Em 1975-6, no seminário dedicado à leitura de Joyce, tal episódio da surra não passará despercebido a Lacan e é este o ponto que iremos recortar para fins de nossa pesquisa sobre o corpo.

Todo este seminário está estruturado em torno da suplência na psicose com suas conseqüências também para a neurose, na medida em que a partir daí a concepção lacaniana se elastiza, tornando-se tolerante com uma vasta gama de fenômenos que anteriormente ficariam excluídos dos rígidos critérios estabelecidos por Lacan na época das estruturas. Estes fenômenos, a partir da concepção sobre o *sinthoma* introduzida na última parte, encontram outra acolhida ou resolução neste Lacan de meados da década de 70.

Neste seminário intitulado *Le Sinthome* Lacan toma Joyce como o paradigma de uma psicose não desencadeada e seu trabalho será mostrar não a psicose de Joyce e sim avaliar porque sua psicose não se desencadeou e de que modo teria exercido sua suplência. (LARRIERA, 2001).

Para início de conversa seria interessante nos perguntar de que modo Lacan teve a idéia de que Joyce era um psicótico. Segundo Soler (1998:99) Lacan suspeitou da psicose de Joyce a partir de diferentes pontos. O ponto principal é o que Lacan considera como *sinthoma*, ou seja, a maneira particular com que Joyce escreve, sua maneira de tratar a língua “até o ponto em que *realiza* o simbólico”. Sendo a escrita aquilo que é mais incluído no registro do simbólico, Joyce consegue fazê-la passar ao real. Vejamos como isto se dá.

A enigmática escrita de Joyce é uma escrita separada, cortada de todo sentido. Sobre este ponto Lacan insiste, dizendo que o sentido é aquilo que se produz entre o imaginário e o simbólico, sendo justamente o que está ausente na escrita de Joyce. Aí o que temos é uma verdadeira forclusão do sentido, em sua maneira de “rachar as frases”, dando à língua um uso que está longe de ser ordinário⁵⁶ a partir da desarticulação que provoca na língua inglesa, fazendo dela “picadinho”. Trata-se de uma maneira distinta de jogar com as palavras e com a letra que o faz sair do terreno do chiste. Sua escrita não nos traz nenhuma sensação prazerosa, estando muito mais próxima da matemática do que da literatura propriamente dita, colocando-nos inúmeras interrogações. Todavia, seu trabalho com a escrita tinha uma função precisa na medida em que Lacan dizia que “ a escritura é essencial a seu ego”⁵⁷. Retomaremos esta importante formulação mais adiante.

Em segundo lugar, o que Lacan localiza como porta de entrada para a psicose em Joyce é sua relação com o corpo. Na lição de 11/5/76 Lacan nos dirá que a relação ao corpo não é simples para nenhum homem, aliado ao fato de que este corpo tem buracos, buracos estes que concernem a enunciação do que quer que seja. Para Lacan, quando Joyce diz que após a surra seu corpo se despreza como uma casca, “ele metaforiza alguma coisa que não é nada menos que a relação com seu corpo”⁵⁸. Isto nos indica a relação imperfeita que os seres humanos mantêm com seu corpo, a ponto de não se saber o que é que se passa com ele.

Qual é então o sentido a dar a isto que Joyce testemunha? É que apesar desta imagem confusa que temos do nosso corpo, essa imagem comporta afetos. O que há de surpreendente para Lacan então é que existam pessoas que não sejam afetadas pela violência sofrida corporalmente. Com Joyce estamos diante de alguém que coloca entre parênteses, que expulsa

⁵⁶ LACAN, Jacques. O sinthoma. (1975-6). Seminário inédito. p.74.

⁵⁷ LACAN, Op. Cit., P. 202.

⁵⁸ LACAN, Op. Cit., P.205.

uma má lembrança, tomando seu corpo como um estranho. Joyce não se manteve como seria normal para alguém que amasse seu corpo como a si próprio. O narcisismo é isto, dirá Soler (1998:98), “identificar-se com seu corpo, com sua imagem, o bastante para amá-la quase como a si próprio. Pois bem, em Joyce isto não se mantém”. Suas paixões narcísicas se dissipam como a casca que se despreza de um fruto. Assim, continua Lacan, esta forma do deixar-cair em relação ao corpo é inteiramente suspeita para um analista porque esta idéia de si como tendo um corpo é algo que verdadeiramente tem um peso. Retomamos aí a noção de ego pois se dizemos que ele é narcísico é porque alguma coisa o suporta enquanto imagem. No caso de Joyce, o fato desta imagem não estar implicada na ocasião da surra assinalaria que seu ego tem aí uma função inteiramente particular. Diríamos que seu imaginário escorrega, ou mesmo escapole depois de ter levado a surra. A relação imaginária aí não tem lugar. Seu ego teria uma função inteiramente diferente da função narcísica e a prova disto é que Joyce não nutre nenhum ressentimento, de quem quer que seja, após ter recebido essa surra. (LACAN, 1975-6)

Soler nos esclarecerá que se os dois acessos à psicose de Joyce são o sintoma literário e o abandono do próprio corpo, é preciso avaliar se há alguma razão lógica para equipararmos uma escrita que rechaça o sentido e uma indiferença narcisista para com o corpo. Elas convergem por uma simples razão que têm a ver com a função do imaginário, indicando-nos a falta de nodulação entre imaginário, por um lado, e simbólico e real por outro. Na mesma via, Laia sustentará que a escritura de Joyce vem realçar o indiferente em sua relação com corpo. Segundo ele é possível ver um outro tecido, uma outra textura a qual Joyce dedica toda uma vida, que é a da escritura tramada a partir da indiferença concernente ao corpo-imagem, ao corpo-ego :

em razão de uma privação (*dénouement*) do corpo como imagem, Joyce apresenta uma escritura do desenodamento (*dénouement*) do imaginário que nós devemos conceber como uma separação desta pele que o ego é para a maioria dos mortais e

como um acabamento muito particular que Joyce deu a seu ego articulando-o a sua própria obra. (LAIA, 1996:86).

É justamente por esta razão que Lacan pode dizer que a escritura era essencial a seu ego.

Se recorrermos ao nó borromeano estabelecido por Lacan onde situa o gozo fálico, o gozo do corpo e o gozo do sentido (LACAN, 1988), veremos que o sentido se produz na incidência do simbólico sobre o imaginário e está sempre ligado ao imaginário do corpo. Se Joyce abole o sentido de sua escrita, isto nos faz supor que não há enlace entre imaginário e simbólico, de tal modo que estes dois círculos ficariam superpostos ou separados.

O sem-sentido em Joyce, a ilegibilidade de sua escrita é assim correlativa ao fato de que “o sentido encravado em seu corpo não está enganchado nos símbolos, e o resultado é que sua arte opera diretamente entre simbólico e real.” (Soler, 1998:99). O nó borromeano de três não funciona para Joyce e seu imaginário fica flutuando.

Assim, se Lacan adverte-nos de que o homem não diz *sou* um corpo e sim *tenho* um corpo⁵⁹, isto quer dizer que para se ter um corpo é preciso que ocorra uma operação de enlaçamento. Sem este enlaçamento temos como consequência a liberação do anel do imaginário, o que nos permite dizer então que Joyce não tem um corpo. Lacan pôde dizer desta maneira, que no episódio da surra Joyce não gozou, porque neste caso trata-se de um gozo que não é do corpo e sim da letra. Ter um corpo é fazer algo com ele, utilizá-lo de alguma maneira e na literatura de Joyce fica patente que ele não usa seu corpo. Sigamos Soler (1998: 100-1):

Um corpo, insistamos nisso, há de ser atribuído ao sujeito. Podemos jogar com a palavra e escrever a-tribuir, a-tributo, o que significa que para que o corpo seja atribuído a alguém, há que se pagar um tributo e o nome desse tributo que se paga é: castração. De todo modo, o sintoma Joyce tem a particularidade de não ser um acontecimento de corpo. É assim que Lacan define o sintoma em 1979: “o sintoma é um acontecimento de corpo”. Isto se pode dizer de todos os sintomas, mas não do sintoma de Joyce. Para que o sintoma seja um acontecimento de corpo é necessário um nó. Um acontecimento de corpo implica forçosamente uma interseção entre o

⁵⁹ LACAN, J. *O sinthoma*. Seminário inédito. P.207.

simbólico e o imaginário. Podemos falar de acontecimento de corpo quando o simbólico incide no corpo (ocasionando uma perda) e nesse sentido evidentemente há uma relação entre o sintoma como acontecimento de corpo e a pulsão, posto que a pulsão é de certo modo a prova da eficácia da linguagem sobre o corpo.

Logo na primeira lição do seminário sobre Joyce, Lacan traz uma importante observação, ao dizer que não temos outra arma contra o sintoma que não seja o equívoco. A interpretação, continuará ele, não opera produzindo sentido; ao contrário, colocando em jogo o equívoco, é capaz de liberar o sintoma.⁶⁰ A proposta de Lacan é que uma vez que se tenha tratado da envoltura formal do sintoma, ou seja, tudo aquilo que é produção de sentido em uma análise pela via da interpretação, o que fica é o que há de mais residual no sintoma, que só poderá ser abordado mediante o equívoco, produzindo um resto irreduzível. Assim, a interpretação, na medida em que joga com o simbólico, rompe com a significação e o sentido. É notável que Lacan acrescente no entanto a seguinte frase duas páginas adiante ao referir-se ao engano dos filósofos por acreditarem que a palavra não tem efeitos: “(...) eles não imaginam que as pulsões sejam o eco no corpo do fato de haver um dizer, para que ele ressoe, (o significante), para que ele consoe, (...) é preciso que o corpo seja sensível a isso, e ele o é de fato”.⁶¹

O corpo é sensível devido ao fato de ter alguns orifícios, sendo que o mais importante dentre eles, é um que não se pode tapar. Trata-se dos ouvidos, onde no corpo replica o objeto voz. Todavia, há ainda outro orifício chamado fenda palpebral, onde situamos o olhar, capaz de concorrer com o orifício auricular. Lacan parece colocar desta maneira fora da propriedade da interpretação aquilo que se passa com o sintoma joyceano. O episódio da surra e a indiferença de Joyce demonstram a nulidade narcísica de seu corpo, apontando-nos que este corpo, do ponto de vista psicanalítico não é sensível à interpretação visto que não há ressonância do significante neste corpo. O fato de Joyce destroçar o significante com sua escritura está baseado justamente em que seu corpo e seu inconsciente estão fora do alcance destes jogos;

por isto Lacan dirá que Joyce é um desabonado do inconsciente, não havendo pois possibilidade de que isto ressoe no seu corpo. (LARRIERA, 2001).

Com relação ao objeto olhar, dizemos que ele compete com os ouvidos pois é pela captura da forma que um corpo se apresenta enquanto tal. Esta forma do corpo, sempre ligada a idéia de uma esfera, de uma bolha ou de um saco de pele com órgãos, é aquilo que caracteriza o corpo enquanto superfície, como harmonia, enquanto critério de beleza. No entanto, observa Lacan, este saco, para que o seja, necessita de uma amarração, amarração esta feita pelo imaginário na medida em que é ele quem dá consistência ao corpo, se temos em mente que consistência significa *manter junto*.

Em Joyce o que vemos é esta absoluta ausência de captura pela imagem do corpo, o que nos faria introduzir no mínimo duas questões: a primeira sobre o estatuto de seu ego que não se mantém pela cativação imaginária, e uma segunda sobre qual a amarração teria sido possível a Joyce na ausência deste imaginário que dê consistência, responsável pela manutenção dos nós sem que haja um verdadeiro desencadeamento.

Como já dissemos anteriormente, Lacan apresentará a topologia como estrutura para evitar o efeito imaginário e de modelo, tomando os nós como um novo “more geométrico”⁶² ou lugar geométrico interdito ao imaginário, algo que não se imagina a não ser a partir de toda espécie de resistências e dificuldades.

Para nos conduzir à solução de Joyce, Lacan falará inicialmente da relação de Joyce com o falo, que não deixa de ser um modo de abordar também sua relação ao corpo. Joyce, esse pobre diabo nascido em Dublin, filho de um pai beberrão, era um homem que tinha “a cauda um pouco frouxa”, sendo a arte o verdadeiro fiador de seu falo, aquilo que fez suplência à

⁶⁰ LACAN, J. *O sinthoma*. Seminário inédito. P. 11.

⁶¹ LACAN, Op. Cit., p.12.

sustentação fálica.⁶³ Diante desta “demissão paterna” referida por Lacan onde situamos a forclusão do Nome-do-Pai, Joyce se verá impelido a compensá-la fazendo-se um nome, fazendo-se um homem. Apesar de procurar as razões do não desencadeamento, é interessante constatar a busca de Lacan pelos possíveis indícios da psicose em Joyce. Por ocasião de um dos seus seminários onde havia convidado um de seus biógrafos, Jacques Aubert, dirige-lhe um verdadeiro interrogatório. Lacan pergunta, por exemplo, se poderíamos localizar em seus escritos algo como a idéia de uma redenção, na medida em que Joyce esperava fabricar “o espírito incriado de uma raça”, ou mesmo algo da ordem de um ideal, pois dizia que os universitários dele se ocupariam por 300 anos. Além disto toma as epifanias de Joyce como quebra de pensamentos, revelações inefáveis a partir de coisas bestiais do cotidiano. Outro ponto de investigação de Lacan recai sobre a relação de Joyce com sua mulher, Nora, dizendo que a cada vez que desta relação surgiam rebentos, algo entre eles não andava mais, era um drama.⁶⁴ Jacques Aubert não recusa as cogitações de Lacan, indicando-lhe mesmo alguns traços confirmatórios de sua procura.

Todavia, mais que procurar estes traços nos interessa enfim entender como procede a amarração dos três registros em Joyce, a ponto de se evitar seu enlouquecimento.

Lacan neste momento já não falará mais em nó borromeano e sim em cadeia borromeana. Reservará o termo de nó para aquilo que é de uma só corda, uma só consistência, como é o caso do “nó de trevo”. Este nó está construído de uma só corda mas de tal maneira que se produzem três entrecruzamentos ou superposições.

A denominação de cadeia borromeana Lacan a utilizará para a estrutura de três consistências, ou seja, onde há distinção entre imaginário, simbólico e real. Quando falamos o real, o

⁶²LACAN, Op. Cit., p.21-3

⁶³ LACAN, Op. Cit., p.8-9.

⁶⁴ LACAN, Op. cit. p., 112-121

imaginário e o simbólico nos referimos a três anéis dando origem a uma cadeia borromeana de três elementos: é a estrutura do ser falante. São três consistências porque são três corpos que se vêem, se manipulam, se projetam sobre uma superfície, enfim, se escreve. Uma cadeia normal, digamos, bem feita, é aquela onde as dimensões do real, do simbólico e do imaginário estão enodadas de maneira que qualquer delas que cortemos terá como resultado que se soltem os três anéis da cadeia e assim as consistências se desfazem, indo cada uma para um lado. Nesta estrutura, como dizíamos, bem feita, vemos emergir o sujeito em distintos pontos de gozo parcial, no seu anseio de transpor limites para totalizar o gozo, reunindo-se com o ponto central. Este ponto central, já nos referimos anteriormente a ele: trata-se de um ponto vazio, aquilo que está originariamente perdido e que organiza toda a experiência analítica e também regula as relações do sujeito com o corpo.

Com relação ao problema que nos ocupa e que diz respeito ao corpo, é preciso pensar a partir dos três anéis porque justamente não há estrutura se não pensamos sempre nas três dimensões, sempre juntas. (LARRIERA, 2001) Já falamos da imagem do corpo enquanto constitutiva e falaremos agora da dimensão do real. É aí onde localizamos a satisfação pulsional, independente do sofrimento ou do prazer que produzam no sujeito. Assim, quando Lacan fala “que as pulsões são o eco no corpo de um dizer”, isto quer dizer que não há estrutura possível que não leve em conta o encadeamento de RSI. Mesmo que o dizer, o dizer do Outro nos remeta fundamentalmente ao simbólico, é impraticável separá-lo das duas outras dimensões. A dimensão do real aparece enquanto satisfação pulsional, a dimensão do imaginário enquanto bolsa que envolve os órgãos e forma com a qual o sujeito apreende originariamente seu mundo, e o simbólico entra em jogo nisto que lhe compete nomear as coisas pela via da função fálica. O que se passa em Joyce é que aí temos a forclusão do Nome-do-Pai e conseqüentemente, do falo. Seu falo é frouxo e portanto não encontramos aí um gozo ligado ao órgão. Há um erro na sua cadeia. Assim, para suprir esta falha na cadeia é que Lacan

apresentará o nó de trevo como sendo a solução de Joyce para amarrar os três registros. Isto se fará por um quarto elemento ao qual dará o nome de *sinthoma*. Seu *sinthoma* será portanto a escritura, na medida em que esta fará a suplência deste falo frouxo, dada a “demissão paterna”. A fabricação de um ego pela escritura será o que permitirá a Joyce conectar os três registros, posto haver um erro na cadeia. Seu nó então será um nó de trevo, que “tem o ar” de ser uma cadeia mas não é. Lemos em Lacan:

Eu me permiti definir como *sinthoma* aquilo que, não o que permite ao nó, ao nó de três, fazer ainda nó de três, mas o que ele conserva em posição tal que ele *tenha o ar* de fazer o nó de três. (...) eu pensei que estava aí a chave do que havia acontecido a Joyce. Que Joyce tem um sintoma que parte, que parte disso: que seu pai era carente, radicalmente carente, ele não fala senão disso. (...) Foi por querer um nome que Joyce fez a compensação da carência paterna. (...) A arte de Joyce é alguma coisa de, de tão particular que o termo de *sinthoma* é bem o que convém. (LACAN, 1975-6:133).

Joyce então repara o nó por um *sinthoma*, no ponto mesmo em que o lapso se produziu. Lacan propõe considerar o caso de Joyce como respondendo por alguma coisa que seria um modo de suprir esse desenodamento, colocando aí uma argola graças ao qual seu nó, um nó de trevo, não se desmanchará, não se fará em flocos. Seu desejo de ser um artista é compensatório ao fato de que seu pai jamais foi um pai para ele, de que ele lhe negligenciou um monte de coisas, não lhe transmitiu coisa alguma.

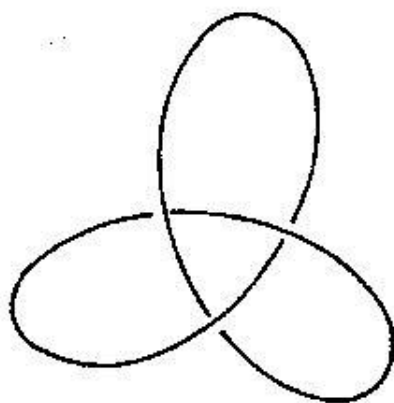


FIGURA 5 – Nó de Trevo

Fonte: LACAN, J. *O Sinthoma*. Edição h-e-R-e-S-I-a. Vol. 2. Tradução do Seminário 23 (inédito). 1975-1976.

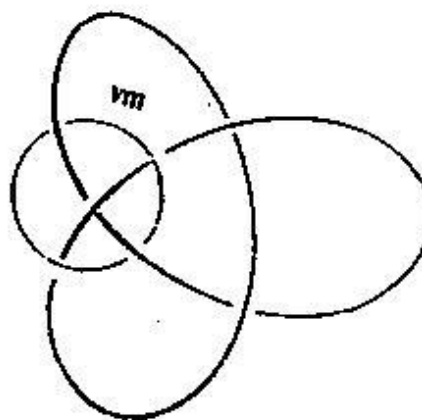


FIGURA 6 – Nó de Trevo com Argola

Fonte: LACAN, J. *O Sinthoma*. Edição h-e-R-e-S-I-a. Vol. 2. Tradução do Seminário 23 (inédito). 1975-1976.

Assim, com este recorte no caso de Joyce, procuramos situar sua relação de indiferença ao corpo, que para ele não está enraizado no imaginário. Constatada esta falha Joyce deverá “se virar” para conectar os três registros a fim de evitar o desencadeamento. Seu *sinthoma* então está livre do imaginário, e a letra pura, sem corpo, é seu parceiro. A proposta de Colette Soler é que a suplência em Joyce não é a escrita em si mesma, sendo que esta escrita estaria muito mais próxima do sintoma psicótico. Para esta autora o que produz a suplência para Joyce é fato de publicar. Apesar de ser uma escrita fechada Joyce consegue criar um efeito de comunicação, de intercâmbio. Pela letra ele consolida um ego, fazendo-se um homem (LOM): “Lacan escreve *l’homme* (homem) com estas três letras, LOM, que quando lidas como palavra, são pronunciadas do mesmo modo. Por um lado, LOM faz Um, mas também, colocando-se pontos após cada uma dessas letras, faz três e isto nos remete ao três do nó borromeano, RSI.” (SOLER, 1998). Soler nos diz que para a promoção do LOM faz falta ainda o que Lacan escreveu como *l’hessecabeau*, jogo de palavras entre *escabeau* (escabelo) e *beau* (belo). O que se nota aí é a presença do H, de homem. O escabelo é algo para subir e ganhar estatura, é o que faz de um qualquer *alguém*, isto porque se vê “belo”. É portanto a arte de Joyce que o fará belo, é graças à letra que se fará LOM, sem o recurso do imaginário. Para Joyce desta maneira, há um modo de *se faire beau* (se fazer belo) nada ordinário. Ele se faz belo pela letra; é a sua originalidade: “É que ele consegue enganchar este corpo que não o interessa, constituir para si um ego, de onde a imagem especular era desfalecente”.(SOLER, 1998: 105)

Há ainda uma questão a qual gostaríamos de retornar e que diz respeito à sensibilidade do corpo. Neste episódio da surra onde Joyce se coloca de modo inteiramente indiferente a tal ponto que isto não lhe suscita nenhum afeto, o que vemos é uma ausência de sensibilidade ao significante. O significante ressoa sobre um corpo quando este lhe é sensível. Todavia, o que dá sensibilidade ao corpo é a passagem pela castração: somente a entrada na dialética fálica

poderá tornar o corpo sensível aos ecos do significante. Recolhemos uma prova banal desta peculiar sensibilidade quando vemos os soldados durante os bombardeios se protegerem de forma “automática” para proteger seus genitais. A mesma constatação é possível quando assistimos numa partida de futebol aos jogadores protegerem seus órgãos genitais ante a eminência da cobrança de uma falta, quando seus corpos formam uma barreira à passagem da bola.. Dizer então sensibilidade do corpo só pode querer dizer ter adotado a significação do falo. Assim, esses soldados combatentes ou estes jogadores de futebol que resguardam seus genitais poderiam ser denominados sujeitos neuróticos. (LARRIERA, 2001). Eles amam seus genitais como a si mesmos.

4 CONCLUSÃO

A partir do percurso proposto neste trabalho constatamos que a noção de corpo para a psicanálise se sustenta na identificação especular, correlativa à constituição do eu. É o que permitirá a Freud dizer que o eu é antes de tudo um eu corporal. Todavia constatamos também a impossibilidade de se considerar uma pretensa autonomia do imaginário, visto estar ele sempre subordinado por tudo aquilo que se desenrola no simbólico, ou seja, no lugar do Outro, enquanto aquele que sustenta a criança no espelho. Se o estádio do espelho inicialmente para Lacan era o que vinha dar uma forma ortopédica a um corpo despedaçado, mais tarde poderemos compreendê-lo como o que vem mitigar a falta fálica, onde fizemos entrar a noção de objeto *a*. A partir de então podemos considerar o corpo não apenas como uma esfera, mas como um saco com furos onde intervém o objeto *a*.

Vimos também que a noção de corpo para a medicina se distingue da psicanálise na medida em que para esta última só é possível pensar no corpo enquanto vivo e habitado por este

parasita chamado gozo. Todavia é preciso considerar que este gozo do corpo carece de localização, sítio este que só pode ser dado a partir da entrada na dialética fálica, solidária à função paterna. Sendo esta norma acolhida pelo sujeito, seu acesso ao real do corpo lhe ficará para sempre restrito: é o que procuramos mostrar a partir do esquema ótico. Deste modo o sujeito será deixado na ignorância com relação aquilo que passa com seu corpo e seu acesso a ele só poderá se fazer pela imagem, onde alternam-se júbilo e estranheza, ou pelas zonas erógenas, demarcadas pelas bordas corporais onde a pulsão fará seu trajeto.

No caso de esquizofrenia que apresentamos entretanto, todo este percurso encontra-se questionado. Vimos que de saída seu corpo não encontra apoio na identificação especular, não havendo narcisismo que possa lhe dar consistência. Os efeitos disto são imediatamente sentidos e se desdobram numa surpreendente relação ao corpo, desvinculada de qualquer paixão narcísica. Aqui, não havendo subtração ao nível da carne, que deixando um furo central poderia organizar a articulação entre sujeito e objeto, o que temos como resultante é um total comprometimento do circuito pulsional em seu trajeto.

Outra maneira de nos referir ao estatuto do corpo neste caso foi considerar que não temos um corpo tórico, organizado em torno de um furo central, tampouco um corpo moebiano, onde haveria continuidade entre avesso e direito. Os movimentos do sujeito, tanto de abrir como fechar buracos no corpo se constituiriam assim como tentativas de fundar uma superfície como de dialetizar um dentro e um fora do corpo, que no entanto só poderiam ser estabelecidas pela extração do objeto.

Resta-nos agora à título de conclusão retomar o caso de Eduardo de posse das considerações tecidas sobre Lol V. Stein e James Joyce.

Em Lol nos foi possível acompanhar seu trajeto na reconstrução de seu nó pelo viés do arrebatamento, onde procura recuperar seu corpo fabricando um ser-a-três, enganchando assim o imaginário ao real e ao simbólico. Neste caso o recurso ao olhar estabelece uma trindade que corrige o desencadeamento, ao menos até o instante em que Jacques Hold, entre psicoterapeuta e amante, a levará respectivamente de volta à concretude do baile e à cama de um motel, onde Lol enfim e novamente, não saberá mais quem é.

Em James Joyce nos foi possível acompanhar sua particular solução a partir da invenção de uma literatura absolutamente extraordinária, abolida de sentido, capaz de funcionar como *sinthoma*, na medida em que faz substituir a consistência do imaginário pela força da letra. O ego de Joyce não é um ego narcísico; é um ego que só se mantém pela escritura. É também um modo de operar sobre o desenodamento a partir do que se chama uma suplência. Diferentemente de Lol, aqui não temos uma correção mas melhor que isto, evita-se que os três registros se soltem e o conseqüente enlouquecimento pela adição de um quarto termo. No *sinthoma* de Joyce o que fica de fora não é apenas o imaginário; que ausente, o liberta de qualquer ressentimento, mas também seu corpo, insensível à violência impetrada pelos colegas.

Em Lol temos a impressão que justamente o arrebatamento impede a passagem ao ato. O que vemos aí no máximo é uma errância “*soft*”, onde Lol perambula pela cidade à procura de uma consistência perdida depois que a mãe “entra no baile”, desfazendo o ser-a-três que num instante fugaz a congelou para sempre. Deste modo, o arrebatamento se suporta num envelope que é o imaginário, excluindo a passagem ao ato em Lol. Ela se dedicará pacientemente a recompor sua tríade dia após dia, tarde após tarde deitada no campo de centeio de onde avista os dois amantes.

No caso de Eduardo não encontramos vislumbre de qualquer uma destas duas saídas. Seu corpo está verdadeiramente disperso, não há arrebatamento corretor ou força da letra que evite o desencadeamento. Não há nenhuma espécie de amarração entre real e simbólico, e o imaginário está solto. Se pudéssemos colocá-lo nos nós, assim como tentamos com Lol e Joyce, desenharíamos três argolas flutuando, sem interseções.

Algumas questões restam ainda inconclusas neste caso, e na impossibilidade de trazermos uma resposta as traremos de volta, visto já terem sido brevemente referidas ao longo desta pesquisa.

Primeira questão: o movimento do sujeito de buscar necessariamente o olhar do Outro sobre suas feridas permanece enigmático. Não lhe bastava se machucar; era preciso mostrar seus cortes ou cicatrizes. Como entender o que se passa, se o que está aí designado não é apenas o retorno, a inserção no corpo próprio, do começo e do fim da pulsão? Lacan, no seminário *Os quatro conceitos...*(1964:173) nos diz que a possibilidade da dor se introduz na pulsão sado-masoquista quando o fecho se fecha, quando há reversão de um polo a outro, quando o outro entra em jogo, quando o sujeito toma-se por termo terminal da pulsão. A partir deste momento, a dor entra em jogo enquanto que o sujeito a prova pelo outro. A partir desta dedução teórica, continua Lacan, o sujeito poderá tornar-se um sujeito sádico, no que o fecho acabado da pulsão terá feito entrar em jogo a ação do outro. Este esquema aplicaria-se ao caso em jogo visto estarmos diante de um caso de psicose, onde situamos justamente um curto-circuito pulsional?

Segunda questão: O movimento de abrir e fechar os orifícios corporais também resta problemático. A partir da lógica da castração o movimento de abertura de buracos no corpo nos parece mais compreensível na medida em que nos remete a uma tentativa de operar no real a extração não realizada ao nível do simbólico. Procuramos abordar esta saída no decorrer

do texto sustentando por exemplo que uma superfície só se funda a partir de um furo, e que as auto-mutilações poderiam assim ser referidas à tentativa de fundar esta superfície.

Todavia, há um outro movimento notável neste caso que é o de introduzir os mais variados objetos e substâncias nos orifícios corporais, eletivamente, canal da uretra e ânus. Poderíamos colocar os dois movimentos, o abrir e fechar no mesmo nível? Quais as relações possíveis poderíamos estabelecer entre este abrir e fechar no caso em questão com o movimento pulsátil do inconsciente?

Trazemos a título não de conclusão, mas de abertura a uma nova pesquisa a proposta de pensar o caso de Eduardo como uma experiência de devastação (*ravinement*) e não de arrebatamento (*ravissement*), pois encontramos aqui, contrastando com o arrebatamento de Lol, uma ruptura do semblante, onde o imaginário está ausente. Uma ruptura que é gozo, deixando o corpo à deriva, revelando aí um real desvestido de imagem. Do lado deste *ravinement*, de modo contrastante com o *ravissement*, o que temos é a indicação para pensarmos uma clínica que se alimenta do ato. Aqui o uso dos verbos de ação predomina e o pronome pessoal encontra-se evacuado.⁶⁵

Finalmente, como diz Soler a propósito de uma senhora que ingeria chumbo obtido pela raspagem de fios elétricos, em muitos atentados da psicose, vemos a realização em ato, a título quase de suplência, o efeito capital do simbólico, isto é, seu efeito de negativização do ser vivente:

Esta pessoa se encontra habitada por uma necessidade quase pré-subjetiva de negativizar o ser aí, e mais precisamente de perder um objeto que está como um excesso. Pois quando o objeto não é chamado a complementar a falta fálica, quando é unicamente o duplo especular do sujeito, funciona em exclusão e torna-se para ele sinônimo de morte. Se entende que um objeto assim, um objeto que longe de fundar um laço social, o ataca, deixa pouco espaço para o psicanalista.(SOLER, 1991: 19-20)

⁶⁵ Cf. *La solution Lol*. Dutilloy, J. M. In: Journée du ravissement-documents préparatoires. Paris: Institut du champ Freudien, 2001. P.66-7.

De toda forma, continua Soler, uma coisa é segura: se o analista acolhe a singularidade do sujeito psicótico, não o faz como agente da ordem e a sugestão não deve ser seu instrumento. Estando o analista preparado para escutar e suportar aquele que não é escravo da lei fálica, terá ainda que medir os riscos que assume em cada caso, para si mesmo e para alguns outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARENGA, Elisa. **O ser-a-três na psicose**. Comunicação apresentada ao Núcleo de Psicose da Escola Brasileira de Psicanálise- IPSM, abril/2002.
- AGRESIVIDAD y violencia: una problemática actual. Instituto del campo freudiano, III stage de formación permanente. Sigtes 14 y 15 de mayo 1999. (mimeografado).
- BAAS, B. Notre Étoffe (Lacan et Merleau-Ponty). In: _____. **Lacan et la phénoménologie**. La cause freudienne, Revue de psychanalyse, vol.29, 1995.
- BRANCO, Lúcia C. & BRANDÃO, RUTH S. (org.). **A força da letra**. Estilo, escrita, representação. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Pós-lit-Programa de Pós-graduação em Estudos Literários-FALE/UFMG, 2000.
- BROUSSE, M. H. (coord.). **El cuerpo em psicoanálisis**. Madrid: Espacio de Investigación Madrileño- Escuela Lacaniana de Psicoanálisis del Campo Freudiano, 2001.
- BRUNEL, P. **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- BRUNO, P. Esquizofrenia e Paranóia. In: **Psicanálise e Psiquiatria - Controvérsias e Convergências**. QUINET, Antônio (org). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- CARDOSO, M. R. F. Escola de Psicanálise, uma função. In: **Escritos de uma Escola**. Belo Horizonte: Cadernos Aleph – Escola de Psicanálise, vol. IV, 2002.
- CARVALHO, P. C. P. **Introdução à Geometria Espacial**. Rio de Janeiro; IMPA/VITAE, 1993.
- COCCOZ, V. Consideraciones sobre el cuerpo y las psicosis infantiles. In: BROUSSE. M.H **El cuerpo em psicoanálisis**. Madrid: Espacio de Investigación Madrileño- Escuela Lacaniana de Psicoanálisis del Campo Freudiano, 2001.
- COTTES, J-F et al. *Ravissement et escritura*. In: **Journée du Ravissement - Documents préparatoire**. Paris: Institut du Champ Freudien, 2001.
- DARMON, M. **Ensaio sobre a topologia lacaniana**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- DESSAL, G. *Sobre el Estádio del Espejo em diferentes momentos de la enseñanza de Lacan*. In: BROUSSE. M.H. **El cuerpo em psicoanálisis**. Madrid: Espacio de Investigación Madrileño- escuela Lacaniana de Psicoanálisis del Campo Freudiano, 2001.
- DURAS, M. **O Deslumbramento**. (*Le Ravissement de Lol V. Stein*). 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- EVES, H. **Tópicos de História da Matemática para uso em sala de aula**- Geometria. São Paulo: Atual Editora, 1992.

ESCRITOS de uma Escola. Cadernos/Aleph- Escola de Psicanálise. Belo Horizonte, v. IV, 2002. e-mail: aleph.psicanalise@zaz.com.br

ÉVÈNEMENT de corps. Publication de L'École de la cause freudienne – ACF, n. 44, février, 2000. (xerocado).

FREUD, S. **A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão** (1910). Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XI. (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud)

_____. **Conferências Introdutórias sobre psicanálise.** (parte III). (1916-1917). Conferência XXVI: A teoria da libido e o narcisismo. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XVI. (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud).

_____. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia** (dementia paranoides). (1911). Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XII. (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud)

_____. **O Ego e o Id.** (1923). Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIX. (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud)

_____. **O Inconsciente** (1915). Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIV. (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud)

_____. **Os Instintos e suas vicissitudes** (1915). Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIV (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud)

_____. **Além do princípio de prazer.** (1920). Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XVIII. (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud).

_____. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de infância.** (1910) Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XI. (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud)

_____. **Sobre o Narcisismo:** uma introdução (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIV. (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud)

GARCIA-ROZA, Luis A. **Freud e o inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1984.

GIL, ANTÔNIO C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GRANON-LAFONT, Jeanne. *La topologia básica de Jacques Lacan.* Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1987.

HANNA, M. S. G. F. **A Transferência na Psicose:** uma questão. 2000. 184 f. Tese (Doutorado em Teoria psicanalítica) – Instituto de psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

JASPERS, K. **Psicopatologia Geral I:** psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia. 8 ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1965. p. 109 - 112.

JOURNÉE du ravissement: documents préparatoires. Institut du Champ Freudien, Paris, 23 juin 2001. (mimeografado).

JOYCE, J. **Um retrato do artista quando jovem.** São Paulo: Siciliano, 1992.

LACAN, J. *Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines* (1975). Silicet 6/7. Paris: Editions du Seuil, 1976.

_____. *Conferencia em Ginebra sobre el síntoma.* (1975) *Intervenciones y textos 2.* Buenos Aires: Ed. Manantial, 1988.

_____. **Homenagem à Marguerite Duras pelo “Arrebatamento de Lol V. Stein”.** (1965). Shakespeare, Duras, Wederkid, Joyce. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.

_____. **Maurice Merleau-Ponty.** *Analisis de las alucinaciones- Nueva Biblioteca Analítica.* Buenos Aires: Paidós, 1995.

_____. **O seminário. Livro I,** Os Escritos Técnicos de Freud. (1953-1954). 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986

_____. **O seminário. Livro II,** O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **O seminário. Livro III,** As Psicoses. (1955-1956). 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. **O seminário. Livro V,** As Formações do Inconsciente. (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **O seminário. Livro XI,** (1964). Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **O seminário. Livro XIII,** A Identificação. (1962). Inédito.

_____. **O seminário. Livro XVIII,** De um discurso que não seria do semblante.(1971). Inédito.

_____. **O seminário. Livro XX,** Mais, ainda. (1972-1973). 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985,

_____. **O seminário. Livro XXII,** RSI. (1974-1975). Inédito.

_____. **O seminário. Livro XXIII,** *O Sinthoma,* (1975-6). Edição h-e-r-e-s-i-a. . Inédito.

_____. O seminário sobre a carta roubada. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

_____. A agressividade em psicanálise. (1948) . In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Conférences et entretiens dans des universités Nord-Américaines*. In: *Silicet 6/7*, Paris: Editions du Seuil, 1976.

_____. De nossos antecedentes.(1966).In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose.(1955-56). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Homenagem à Marguerite Duras pelo “Arrebatamento de Lol. V. Stein”(1965). In: **Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989. p. 123-130.

_____. Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia.(1950). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *La tercera*. In: **Intervenciones y textos 2**. Buenos Aires: Manantial, 1988.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu.(1949).In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. (1960). “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. (1960).In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAIA, S. *Le corps indifférent*. In: **Barca! N. 7: Poesie, politique, psychanalyse – Le beau, le laid, l’indifférent**. Paris: Centre National du livre, 1996.

_____.**Os escritos fora de si. Joyce, Lacan e a loucura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARRIERA, S. *El cuerpo em Joyce*. In: **El cuerpo em psicoanálisis**. Brouse, M.H. (coord) Madrid: *Espacio de Investigación madrilenno-Escuela Lacaniana del Campo Freudiano*, 2001.

LAURENT, Eric. **As paixões do ser**. Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise, 2000.

MARCOS, J. P. O lugar Arrebatado. In: **A força da letra, estilo, escrita, representação**. Lúcia Castello Branco, Ruth Silvano Brandão (org). Belo Horizonte: Ed. UFMG; Pós-Lit-Programa de Pós graduação em estudos literários –FALE-UFMG, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971.

_____. *Phénoménologie de la perception*.(1945). Paris: Gallimard, 1964.

MILLER, J. A. *Biologie lacanienne et événement de corps*. Siqueira, P (org). In: **Evenement de corps**. Paris. *Publication de l’école de la Cause Freudienne-ACF, n.44, Février*, 2000.

_____. **Saúde mental e ordem pública.** Curinga n.13/Escola Brasileira de Psicanálise. Belo Horizonte: EBP/MG, 1999.

_____. **O osso de uma análise.** Salvador: Agente, revista da Escola brasileira de psicanálise, 1998.

_____. **Proposta sobre a mutilação.** (xerocado)

_____. **Elementos de biologia lacaniana.** Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 1999.

O CORPO da psicanálise. Escola Letra Freudiana. Rio de Janeiro, ano XVII, n. 27 – ISSN 1516-5221. e-mail: ccapa@easynet.com.br

OS CASOS raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: a conversação de Archachon. Trad. Luis de Souza Dantas Forbes. Biblioteca Freudiana Brasileira, São Paulo, 1998. (mimeografado)

QUINET, A. **Um olhar a mais.** Ver e ser visto na psicanálise, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 39.

_____.(org.). **Psicanálise e psiquiatria:** controvérsias e convergências. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

_____.(org.). **Na mira do Outro:** a paranóia e seus fenômenos. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan.** Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SCHREBER, D.P. **Memórias de um doente dos nervos.** 2ªed. Rio de Janeiro: edições Graal, 1985.

SOLER, C. O filho necessário.. In: **A psicanálise na civilização.** Rio de Janeiro: Contracapa, 1998.

_____, C. *El trabajo de las psicosis.* In: *Estudios sobre las psicosis.* Buenos Aires, Manantial, 1991.

SOUZA, A .O corpo da psicanálise e falha epistemo-somática. In: **O corpo da psicanálise.** Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, ano XIX, n.27, 2000.

VALAS, P. *El cuerpo em la biología, la medicina y el psicoanálisis.* **Revista Vetores.** Publicação da biblioteca internacional de psicanálise. Editora Anáfora, 1988.

VIEIRA, M.A . **A ética da paixão- Uma teoria psicanalítica do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

VISCASILLAS, G. *Comentário acerca del Estadio del espejo y del modelo optico*. In: ***El cuerpo en psicoanálisis***. BROUSSE, M H. (coord). *Espacio de Investigación Madrileño-Escuela Lacaniana del campo Freudiano*, 2001.

ZENONI, A. Psicanálise e Instituição: a segunda clínica de Lacan. In: _____. **Abrecampos, Revista de Saúde Mental do Instituto Raul Soares**, Belo Horizonte, FHEMIG, ano 1, n.0, 96 p., p. 32 a 50, 2000.